

O BRASIL AGRÍCOLA

AGOSTO/2012 - Nº 764 - ANO 68 - R\$ 14,90 - www.agranja.com

agranja



REPORTAGEM ESPECIAL

A soja vai brilhar como nunca



MF4200

A LINHA DE TRATORES
MAIS VENDIDA DO BRASIL.

◀ Vire a revista e veja mais informações.



MASSEY FERGUSON
TRABALHANDO COM VOCÊ.

O controle da Buva está em suas mãos.

Spider®: o melhor controle por muito mais tempo.



Marca registrada da Dow AgroSciences.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na embalagem. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO
VENDA SOB RECEPTIVO
AGRONÔMICO.



- Longo período de residual para controle da Buva
- Elimina totalmente a matocompetição inicial
- Reduz uma aplicação de glifosato
- Melhor ferramenta para o manejo de resistência
- Reduz o banco de sementes de Buva
- Facilita o processo de dessecação no plantio da soja
- Garante longo residual e mantém a área limpa sem Buva

Spider®
840 WG

 **Dow AgroSciences**
SOJA

20 REPORTAGEM DE CAPA

Safra 2012/13: a soja dá mostras que viverá um ano agrícola jamais visto. E o milho não será muito diferente.

34 CLIMA

El Niño chega trazendo chuvas

Escolha do Leitor



36 MILHO

Etanol, por que não?

40 CRÉDITO

A burocracia atravanca tudo

46 SORGO

O cereal planeja nova era

50 CAPACITAÇÃO

O profissional multifuncional

54 SEGURO

Máquinas bem protegidas



58 INTERNET

O campo desconectado

64 FEED 2012

Foco no Plano ABC

66 MULHERES

Elas assumem as rédeas

68 MUNDO

Segurança alimentar mundial detalhada

SEÇÕES

4 O SEGREDO DE QUEM FAZ

Luiz Carlos Corrêa Carvalho, presidente da Associação Brasileira do Agronegócio (Abag)

8 Vitrine

10 Primeira Mão

12 Aqui Está a Solução

17 Cartas, Fax, E-mails

18 Na Hora H

78 Florestas

80 Agricultura Familiar

82 Notícias da Argentina

83 Plantio Direto

86 Agribusiness

90 Novidades no Mercado

94 Escolha seu Trator e sua Colheitadeira

99 Agroguia

108 Eduardo Almeida Reis

Fitossanidade em destaque



70 SOJA

Mofo branco, muita atenção

74 CAPIM-AMARGOSO

Invasora que não perdoa

76 GENTE EM AÇÃO

Falta ao Brasil senso de **URGÊNCIA**

*O Brasil tem uma agricultura pujante, um produtor que empreende exemplarmente, amplas áreas de terras ainda a serem exploradas e, por isso, todos apontam – sobretudo os pensadores da ONU – o país como o principal responsável, a esperança para alimentar 2 bilhões de bocas famintas extras que vão chegar ao planeta até 2050. E ainda abastecer muitos postos de combustíveis com o renovável etanol. Tudo lindo, um cenário quase poético. Mas este país está fazendo hoje a sua parte para atingir lá na frente esta realidade? Não, não está, descreve **Luiz Carlos Corrêa Carvalho**, presidente da Associação Brasileira do Agronegócio (Abag), que promove neste mês o 11º Congresso Brasileiro do Agronegócio. Carvalho é engenheiro agrônomo, com pós-graduação em Agronomia e em Administração pela USP e pela Vanderbilt University (EUA), diretor da consultoria do setor agroenergético Canaplan, diretor das Usinas do Grupo Alto Alegre e sócio da Bioagência.*

Leandro Mariani Mittmann
leandro@agranja.com



Luiz Alonso

A Granja — Um dos painéis previstos para o Congresso Brasileiro do Agronegócio trata da “oportunidade de o Brasil assumir a fundamental liderança nos campos da oferta de alimentos e de energia renovável de forma sustentada e crescente”. O que falta para o Brasil assumir esta posição de liderança?

Luiz Carlos Corrêa Carvalho — Na verdade, se olhar todos os dados, todas as análises feitas sobre o agronegócio no mundo, o Brasil é apontado como a “bola da vez”, o grande nome do jogo. Quando se fala isso, está se relacionando diretamente com as perspectivas. Há uma série de estudos sendo feitos por entidades internacionais como a FAO, juntamente com a OCDE, mostrando que daqui para frente haverá um crescimento muito importante da população, de 7 bilhões para 9 bilhões de habitantes, até 2050. E que haverá um ganho de renda per capita no mundo asiático, que é um grande consumidor, de forma que se espera um aumento muito grande da demanda por alimentos e por energia. Então, é neste ponto que é o grande momento da nossa discussão. O Brasil é caracterizado por todos os organismos internacionais como o foco do que vai ser o grande crescimento de oferta. A expectativa da FAO é que a oferta mundial de alimentos cresça até 60% até 2050, e que cresça muito já até 2020. E que, deste crescimento de oferta, o Brasil terá que contribuir com 40% do total. Quando você imagina hoje o Brasil, o terceiro maior exportador global, a tendência é que o país rapidamente neste período passe a ser o agente protagonista desse cenário: o grande produtor e grande exportador mundial. Esta é a grande expectativa do mundo em relação a gente. O que vamos discutir no congresso? Colocar este pano de fundo, o Brasil como grande e principal ofertante de alimentos, e discutirmos o que é essencial para isso? Quais são as nossas limitações? Por que não conseguimos crescer no potencial que temos? E esta grande discussão se faz num momento em que o mundo do século XXI está de olho em duas questões básicas: uma que diz respeito à insegurança em relação a ter alimentos para esta população toda, com este crescimento de renda e consumo; e a

outra é se vai ter energia, mas energia que nos traga segurança. Na dependência do Oriente Médio e daquele clima completamente instável, você fica completamente inseguro. A visão que estamos passando é que o Brasil tem um potencial de oferta inacreditável em relação aos outros países. Para isso, temos que analisar quais são as nossas limitações, como é que corrigimos ou ajustamos o país para poder, por meio de políticas públicas, retirar uma parte das limitações, estimular o crescimento de ofertas. Obviamente, de forma sustentável, que é outra questão que surge agora. Tem que fazer isso tudo com redução de gases de efeito estufa, sem derrubar florestas, e por aí vai.

A Granja — Visto o cenário que temos hoje, o senhor acha viável, na prática, o Brasil efetivamente contribuir com estes 40%?

Carvalho — O que é importante na sua pergunta é que, mesmo se consiga ou não se consiga, a resposta é, se não conseguir, você vai ter fome; se não conseguir, você vai ter um problema de inflação. A tendência é que a procura é muito forte, e, se não tiver oferta, os preços vão subir muito, o que é insegurança. Estamos falando de insegurança. A nossa grande discussão é essa. Como nós entendemos que, se estamos falando de país sério, se o Brasil é sério, o país tem que se preparar para isso e ter políticas públicas condizentes para isso. Quando a gente fala de insegurança energética, e a gente vê que o Brasil de repente começa a mudar o foco neste Governo atual, ao invés de se preocupar com a questão da sustentabilidade e a redução da emissão de carbono, ele acaba com a Cide (Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico) para beneficiar a Petrobras e o Pré-Sal. Estamos dizendo “espera aí; tem alguma coisa esquisita nisso, porque eu estou mudando a política”. Este Governo mudou a política. Aí você tem razão: é uma grande questão a sua pergunta se eu acredito nisso. Eu acredito nisso desde que de fato o Brasil tenha o agronegócio e esta questão das seguranças como prioridades. Não é a questão de só produzir petróleo e exportar petróleo. Até porque os dados que vimos é que o Brasil vai atrasar muito as suas novas refina-

rias. Portanto, não vamos ter os derivados que se precisa. Vamos ter que importar. Exportar petróleo para importar gasolina e diesel. Então, continua esta discussão sobre segurança versus insegurança. E se não houver política que caracterize o interesse do país em ter uma matriz energética limpa por um lado e por outro lado ter excedentes de alimentos que viabilize exportações, a gente não consegue. A sua pergunta continua no ar.

A Granja — Além destas ações governamentais, que outras limitações o Brasil tem ou teria que superar para cumprir este desejo da ONU?

Carvalho — O maior problema que notamos sempre diz respeito a outras questões que envolvem o potencial produtivo que temos. Há uma análise da própria FAO que mostra que um terço da produção de alimentos é perdida de algum modo: dentro da fazenda, na logística, na questão da infraestrutura que não temos. Outra parte é perdida na relação comercial por falta de armazenamento ou na perda no processamento. Já sabemos que precisamos muito atacar na questão da segurança em dois focos: reduzir as perdas na produção de alimentos e melhorar a eficiência na produção de energia. Para estas duas questões acontecerem, é claro que tenho que melhorar muito. No caso brasileiro temos uma agravante sério, que é a falta de logística. Por falta de estradas, de ferrovias e de hidrovias funcionando, a gente acaba perdendo muito alimento. No resto do mundo isso também acontece. Em países mais pobres isso acontece. Como os países mais ricos têm dificuldade, não é neles que se verá expansão de oferta, e este fator é muito grave. A outra limitação é a do Custo Brasil, dificuldades como a demora para aprovação de projetos por causa do meio ambiente. Teremos que entrar em área novas de expansão ou de irrigação, pois será fundamental. A outorga da água e estas questões todas que significam Custo Brasil também pesam.

A Granja — Na sua visão, como é possível, na prática, aumentar a produção agrícola sem infringir o meio ambiente e, sobretudo, a le-

O Brasil é rico em recursos naturais, mas é pobre em capital, e quando a gente cria dificuldades, o capital para de vir para cá e procura lugares onde é estimulado

gislação ambiental?

Carvalho — Em primeiro lugar, é fundamental o processo de conscientização dos governos, Federal e estaduais, para entenderem o que é esta urgência. O que eu chamaria aqui como um ponto essencial para o Brasil hoje é o senso de urgência. Na minha opinião, falta ao Brasil senso de urgência. Estamos vivendo uma perspectiva que se aproxima rápido, e a gente não toma as medidas que tem que tomar. Por exemplo, a questão do etanol. Estamos tendo uma demanda muito maior do que a oferta, e, em vez de tomar medidas de estímulo à oferta, o Governo retira a Cide e torna o etanol menos competitivo do que a gasolina. Esse é o tipo da medida que contesta frontalmente o discurso formal do Brasil e da energia limpa, etc. Em segundo lugar, contesta frontalmente a capacidade e a velocidade do Brasil atender a este crescimento que o mundo espera do Brasil. Terceiro, inibe frontalmente investimentos externos de capital no Brasil por causa disso tudo. O Brasil é rico em recursos naturais, mas é pobre em capital. Quando a gente cria estas dificuldades todas, o capital para de vir para cá e procura outros lugares onde é estimulado. Quando você analisa estes pontos todos, você, realmente, diz “olha, a discussão no Brasil passa necessariamente por uma postura de Governo efetivo”. E, quando eu falo em Governo, não estou falando em regulação com intervenção de Governo,

não. Estou falando de políticas públicas de regulação mínimas, mas de estímulo à oferta.

A Granja — Nesta linha, o que o senhor tem achado das discussões em torno do Código Florestal? Está se aproximando do ideal, tanto para preservar o meio ambiente quanto para o agricultor poder produzir?

Carvalho — A gente volta àquela discussão: o Código vai ser o que é possível, não o que seria o melhor. Há discussões no Código muito claras em que a questão é muito mais, digamos, ideológica e, às vezes, até um pouco histórica, porque as pessoas discutem as coisas sem ter métrica. Discutimos decisões sem saber de fato do que se trata. Não há conhecimento sobre uma série de coisas. O resto do mundo não está fazendo o que Brasil está fazendo. E o resto do mundo não faz porque não tem métrica. Se aquilo é verdade ou não. Como a distância (*das margens*) dos rios. O Código é outro ponto que caracteriza o que tem acontecido no Brasil: uma discussão meio Fla-Flu, Corinthians x Palmeiras. É uma coisa ideológica, não é uma coisa técnica. Nos falta instrumentos e métricas para poder orientar decisões e ações muito mais voltadas para uma lógica. Temos sociólogos, ambientalistas sem a menor noção da questão biológica. Está nos faltando engenheiros e biólogos e sobrando questionadores em métrica e isso está pesando muito no país hoje.

A Granja — Em cima de todos os problemas que estamos abordando, como haver uma melhor integração entre instituições públicas e a iniciativa privada e as demais instituições representativas, como a Associação Brasileira do Agronegócio (Abag), para solucionar tudo isso?

Carvalho — A Abag tem procurado conversar. Estamos em meio a uma série de conversas, não só com as entidades-irmãs, para tentar buscar uma governança mais estudada, para poder conversar com governos de uma forma mais estruturada. Não temos sentido, digamos, a procura por uma integração mais clara do próprio Governo em relação ao nosso negócio. Eu entendo que (o agronegócio) é o grande

negócio do país. É o grande negócio do país como empresa, da grande empresa Brasil, que tem uma balança comercial que vive em função disso que estamos discutindo. Nós só temos resultados aí. E estamos passando um momento no qual vemos um processo complexo de ociosidade industrial. Por outro lado, temos uma discussão grave do comportamento do país em defesa de seu interesse, às vezes confundindo desejos ideológicos com a realidade que está aí. Então, acredito que precisamos de um grande movimento. Eu tenho uma grande preocupação porque não estou vendo do Governo a preocupação por criar canais de diálogo muito francos sobre isso. Eu volto ao exemplo da Cide e do etanol. Pergunto a você, como jornalista, o Brasil, sendo a grande vitrine da Rio+20, evento ambiental, de sustentabilidade, e, no último dia da conferência, sai a decisão de o Brasil subsidiar gasolina, diesel, petróleo e colocar em segundo grau de importância o renovável da biomassa, o que explica isso? Qual é a visão que o mundo teve depois daquela reunião? Eu estive na Alemanha, na Inglaterra, em reuniões e todos nos perguntam: “E o Brasil? Qual a posição do Brasil? Como o Brasil faz esse discurso e toma essas ações?”. Estamos realmente muito a pé nesta discussão e isso preocupa a todos. 

Há discussões no Código muito claras em que a questão é muito mais, digamos, ideológica e, às vezes, até um pouco histórica, porque as pessoas discutem as coisas sem ter métrica



**Mais proteção. Mais
vigor. Maior ação contra
nematóides. E, claro,
mais produtividade.**

CropStar



Tudo isso só podia ser CropStar.



CropStar, da Bayer CropScience, reúne em um só produto o tratamento de sementes mais completo e eficiente para a soja:

- Força Anti-Stress: fórmula exclusiva, que fortalece a planta contra agressões;
- Amplo controle: age contra pragas iniciais, mastigadoras ou sugadoras, e lagartas-elasmô;
- Ação eficiente contra nematoides: protege contra o parasita que enfraquece as plantas.

CropStar, que já era um grande parceiro do milho, está ainda mais completo, com registro para 30 alvos e 12 culturas. Completo na ação, na proteção e no vigor, como todo produtor precisa.

CropStar. O tratamento de sementes mais completo.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo e na bula. Utilize sempre os equipamentos de proteção individuais. Nunca permita a utilização do produto por pessoas de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO
VERIFIQUE A REGISTRAÇÃO
AGRONÔMICA



Faça o Manejo Integrado de Pragas.
Despreze especialmente as pragas e os danos
aos produtos. Não incorra em riscos.



Converse Bayer
0800011 5560



Bayer CropScience

www.bayercropscience.com.br



Fundador
Hugo Hoffmann



MATRIZ

Av. Getúlio Vargas, 1.526 – Menino Deus
CEP 90150-004 – Porto Alegre/RS
Fone/Fax: (51) 3233-1822
E-mail: mail@agranja.com
Homepage: www.agranja.com

SUCURSAL SÃO PAULO

Praça da República, 473 – 10º andar
CEP 01045-001 – São Paulo/SP
Fone/Fax: (11) 3331-0488/(11) 3331-0686
E-mail: mailsp@agranja.com
Homepage: www.agranja.com

DIREÇÃO-EXECUTIVA

Eduardo Hoffmann
Gustavo Hoffmann

REDAÇÃO

Editor
Leandro Mariani Mittmann
Reportagem
Denise Saueressig
Editoração
Jair Marmet e Gustavo Meneghetti
Revisão
Gustavo Cruz

ASSINATURAS

Gerente de Operações
Amália Severino Bueno
Circulação
Patrícia Giovanna Liotti Rodrigues
Contato Externo
Débora Tigre

COMERCIALIZAÇÃO

São Paulo – Cida Muniz
Porto Alegre – Maria Cristina Centeno (gerente RS/SC)
Agroguia – Kátia Torres

REPRESENTANTES

Minas Gerais – José Maria Neves
Rua Dr. Juvenal dos Santos, 222
Conj. 105 – Luxemburgo – CEP 30380-530
Belo Horizonte/MG – Fone/Fax: (31) 3297-8194
Fone: (31) 3344-9100
Celular: (31) 9993-0066
E-mail: josemarianeves@uol.com.br
Brasília – Armazém de Comunicação, Publicidade e Representações Ltda.
SCS – Quadra 1 – Bloco K – Ed. Denasa
13º andar – Sala 1.301 – CEP 70398-900
Brasília/DF – Fone/Fax: (61) 3321-3440
Celular: (61) 9618-1134
E-mail: armazem@armazemdecomunicacao.com.br

Convênio Editorial: Chacra (Argentina)

A **Granja** é uma publicação da Editora Centaurus, registrada no DCDP sob nº 088, p. 209/73. Redação, Publicidade, Correspondência e Distribuição:
Av. Getúlio Vargas, 1.526 – Menino Deus
CEP 90150-004 – Porto Alegre/RS
Fone/Fax: (51) 3233-1822
Exemplar atrasado: R\$ 16,00

JAMAIS SE VIU UMA SOJA TÃO BRILHANTE

Quanto mais o sol brilha nas lavouras americanas, mas radian- te é o sorriso dos produtores bra- sileiros. A estiagem devastadora que atingiu aquelas plagas e que deverá ain- da ficar ainda pior já anunciou o efici- ente sistema de previsão climático americano, fez com que o bushel da soja atingisse valores que a Bolsa de Chicago jamais tinha visto. Soja a R\$ 80 a saca? Sim, não é sonho de uma safra de verão, é realidade, e por isso o Brasil se arma para plantar, daqui a algumas semanas, a sua maior safra da oleaginosa. Recorde de preço, re- corde de área e, assim, o país deverá ultrapassar os Estados Unidos como maior produtor de soja. Estas e mui- tas outras projeções, inclusive para o milho, que também anda animado, o arroz e o algodão para a safra 2012/ 2013 estão na nossa reportagem es- pecial.

Realmente, o clima anda bom para a safra de verão que vem aí. E estas boas notícias não se restringem à re- portagem especial. Artigo do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) pre- vê que as chuvas serão generosas

com as regiões produtoras, pelo me- nos até outubro. Vivas ao fenômeno El Niño!

O que não merece nenhum aplauso é o Governo em relação a uma série de temas relacionados ao agronegócio. É o que pensa e expõe, em O Segredo de Quem Faz, Luiz Carlos Corrêa Carva- lho, presidente da Associação Brasilei- ra do Agronegócio (Abag). Ele lamenta demais a falta do senso de urgência neste país.

O que anda devagar, bem arrasta- do, é a internet em regiões agrícolas. Artigo esclarece que apenas uma em cada quatro pessoas que moram no campo acessam a rede mundial de com- putadores.

Mas o que anda acelerada é a pro- cura por seguro de máquinas e imple- mentos agrícolas. Afinal, as máquinas estão cada vez mais valiosas, e não dá para perdê-las, seja por obra de um la- rápio ou mesmo num incêndio, algo não tão incomum visto as palhadas secas que se formam nas lavouras.

Estes são alguns dos nossos assun- tos nesta edição. Mas tem mais, muito mais.

Boa leitura!



Leandro M. Mittmann

Para assinar: (51) 3232-2288
www.agranja.com

NEW HOLLAND.
UMA LINHA COMPLETA DE
PRODUTOS PARA TODOS
OS DESAFIOS DE QUALQUER
TIPO DE CULTURA.

Desenvolvido no Brasil

A maior linha de colheitadeiras do mercado.

Uma linha completa de tratores de 60 a 560 cv.

A melhor solução em semeadoras e pulverizadores do mercado.

Soluções completas para biomassa.

Tecnologia de ponta em agricultura de precisão.

New Holland. Máquinas com a mais alta tecnologia do plantio à colheita, serviços cada vez mais eficientes e uma rede presente em todo o Brasil. Essa marca já faz parte da paisagem do campo.

NEW HOLLAND. EM TODOS OS CAMPOS, CULTIVANDO NOVOS TEMPOS.





Obama assustado

A estiagem que atinge as lavouras nos Estados Unidos levou o governo de Barack Obama a alertar que o abastecimento alimentar mundial está ameaçado. O presidente pediu ao Congresso que reative programas extintos de socorro a momentos de calamidade pública. Em uma avaliação, ao lado de Obama, o secretário da Agricultura, Tom Vilsack, considerou a estiagem a “situação mais séria” em pelo menos 25 anos. “Eu me ajoelho todos os dias e faço uma oração extra”, confidenciou Vilsack a jornalistas na Casa Branca. “Se soubesse uma oração da chuva ou uma dança da chuva, eu seria capaz de fazê-la”, afirmou.

O secretário revelou ainda que aproximadamente um terço dos condados foram classificados como “áreas de desastre”. Segundo dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, mais de três quartos das safras de milho e de soja estão em regiões atingidas pela seca. E mais de um terço dessas safras estão agora classificadas como “muito fracas”.

PÃO AINDA MAIS HERMANO

O Brasil vai importar na temporada 2012/2013 o maior volume de trigo desde 2006/07. A razão é a menor produção esperada para a triticultura brasileira — de 5,7 milhões de toneladas em 2011/12 para 5 milhões. A estimativa é do Ministério da Agricultura, que trabalha com o número de importação de 6,7 milhões de toneladas, ante 6,2 milhões do ano-safra anterior. Seis anos atrás foram 7,16 milhões de toneladas. A Argentina é o nosso principal fornecedor.



O piloto sumiu!

Em dois meses a agricultura de precisão vai ganhar um novo equipamento. A empresa gaúcha SkyDrones faz testes com o protótipo de um microavião não tripulado (micro Vant). Atualmente, a empresa produz multirotors (quadri, hexa ou octacópteros), normalmente usados em fotografia aérea, segurança pública e fotografia georreferenciada de pequenas áreas, de até 50 hectares. Este novo produto é feito especificamente para imagens georreferenciadas de plantações, podendo inicialmente cobrir 100 a 300 hectares por voo com precisão de 4 a 25 centímetros/pixel, dependendo da altura voada.

22,62 bilhões

de dólares deverão ser as receitas com as exportações do complexo soja em 2012, segundo a previsão, de julho, da Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove), que elevou suas estimativas considerando maiores preços do grão e do farelo. O número de junho era de 21,7 bilhões de dólares. A previsão é que 30 milhões de toneladas da oleaginosa sejam embarcadas. No ano passado o complexo rendeu ao país a entrada de US\$ 24,15 bilhões, com a venda de 33,8 milhões de toneladas.



Sou do Time AgroBrasil, entende?

A Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e o Sebrae lançaram o Time AgroBrasil, uma campanha que terá como estrela, aliás, mega-estrela, Pelé. A proposta é consolidar a imagem do agronegócio sustentável brasileiro por aqui e no exterior. A campanha, até 2014, tem por objetivo mostrar que os produtores brasileiros dão exemplo ao mundo de como produzir alimentos preservando o meio ambiente. “Parece que é o pontapé inicial, mas não é, porque o Brasil já é referência na agricultura. Mas vamos fazer do Brasil o primeiro do mundo na agricultura porque Deus só me bota em equipes vencedoras”, anunciou o Rei na cerimônia de lançamento da campanha, na foto ao lado da presidente da CNA, Kátia Abreu.

“A agricultura exerce um papel essencial no enfrentamento da crise internacional porque o nosso agronegócio tem potencial de gerar renda, emprego e de mostrar que o Brasil consegue criar uma relativa proteção em relação aos efeitos perversos dessa crise de dívida soberana e de dívida bancária que afeta o mundo”

Dilma Rousseff, no lançamento do Plano Agrícola e Pecuário 2012/2013

Terras sobem a ladeira

As cotações das commodities foram às alturas. E pra lá também foram os preços das terras. Nos últimos três anos, as terras agrícolas se valorizaram, em média, 50%. Sobretudo de um ano para cá. Entre março do ano passado e abril deste, conforme a consultoria Informa Economics FNP, a valorização média foi de 16,5%. A pesquisa apontou que a região mais valorizada em 12 meses, até abril, foi o terreno apto para a soja em Sinop/MT: o hectare saltou de R\$ 9 mil para R\$ 15,6 mil, ou +73,3%. Registre-se: a pesquisa foi feita até abril, sendo que o boom de verdade das cotações das commodities ocorreu nas últimas semanas.

O bushel enlouqueceu

E a pior seca nos Estados Unidos nos últimos tempos foi um catalisador para que o bushel de soja superasse os US\$ 17 na Bolsa de Chicago, em 19 de julho. O recorde anterior era de US\$ 16,49 por bushel, em 3 de julho de 2008. A preocupação aumentou porque uma previsão climática para o Meio-Oeste americano anunciou que a maior parte do cinturão terá chuvas abaixo da média e temperaturas altas também em agosto e que o problema vai se expandir para o norte e o oeste, que não estavam tão afetados.

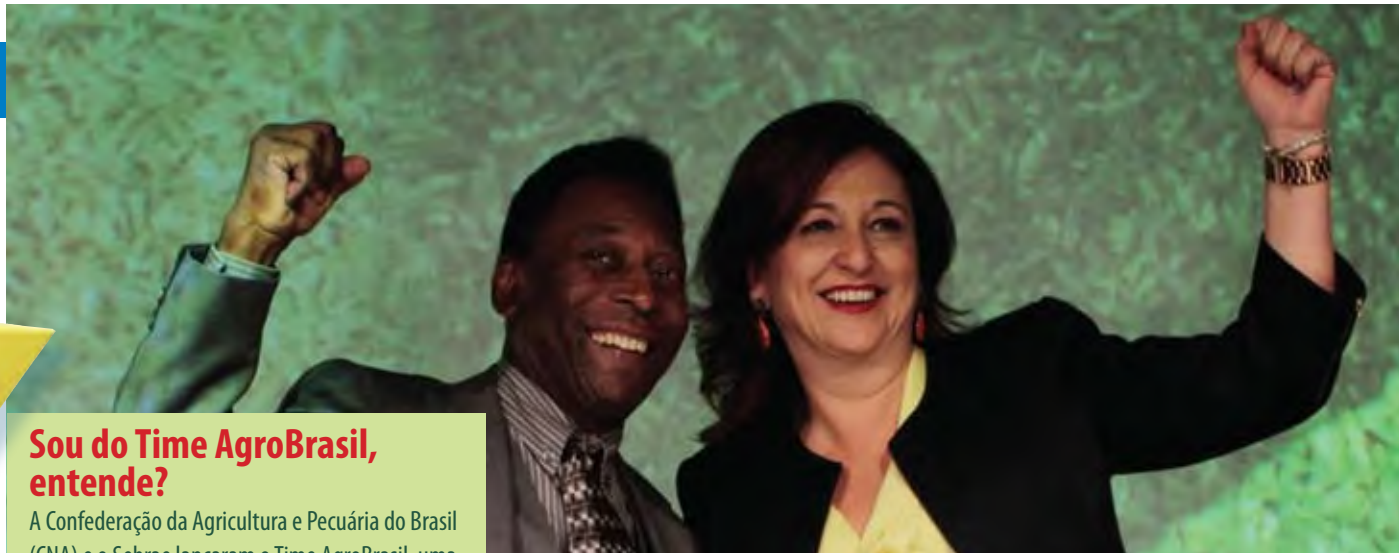
Roberto Stuckert Filho-PR

MAIOR FATIA

O Brasil vai seguir aumentando sua participação no mercado mundial de alimentos nos próximos dez anos. As projeções são do banco de dados do estudo Agricultural Outlook 2012-2021, realizado pela Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura e pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico. As projeções apontam que o Brasil aumentará sua participação nas exportações mundiais de farelos (de 17,3% para 18,3%) e óleos vegetais (de 2,7% para 3,9%); carnes bovina (de 17,8% para 19,2%), suína (de 7,4% para 7,7%) e de aves (de 32,3% para 37%), e açúcar branco (de 21,4% para 43,1%). Mas o estudo prevê que o país perderá espaço no comércio global de açúcar bruto, de 57,6% para 51,4%, e oleaginosas, sobretudo a soja, de 31,8% para 27,9%.

A INVASÃO DAS MÁQUINAS

No primeiro semestre, as exportações de máquinas e implementos agrícolas aumentaram 3,4% sobre o mesmo período de 2011 – de US\$ 450 milhões para US\$ 466,7 milhões. Já as importações cresceram 53,8%, de US\$ 247,6 milhões para US\$ 381 milhões. Na opinião de Celso Casale, dirigente da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), o expressivo aumento das importações associado ao declínio das exportações é resultado de um velhíssimo problema: a baixa competitividade do produto brasileiro lá fora devido à elevada carga tributária e à defasagem cambial. “Nossa desvantagem competitiva em relação aos fabricantes internacionais permanece na casa dos 40%”, quantificou.



APICULTURA NO INVERNO

Quais são as recomendações técnicas para o manejo de abelhas durante os meses de inverno? Desde já, agradeço as informações.

Ronai Gonçalves Budke
Ibirubá/RS

R- A chegada do inverno é uma época importante para quem trabalha com apicultura, tendo em vista que este período representa um momento de maior escassez de alimento para as abelhas. Nessas ocasiões, a família definha, os zangões são expulsos da colmeia, a postura de ovos da rainha fica reduzida e, conseqüentemente, diminui a produção de mel, pólen e cera. De acordo com o técnico agrícola da Emater/RS Ricardo Boesche, alguns procedimentos de manejo devem ser readequados para proteção das colônias e para que não haja perda muito significativa na produtividade. Principal causadora de mortes das abelhas neste período, a desnutrição deve ser combatida com algumas ações de prevenção. Deve-se procurar manter uma quantidade de reserva de mel dentro dos apiários, pois são essas reservas que vão auxiliar na manutenção da população em condições adversas. Nesse contexto, a prática mais comum é a da alimentação artificial, que permite a substituição total ou parcial das reservas de mel de inverno. Os tipos de alimentação variam de acordo com a característica do apiário. No inverno, o apiário deve se encontrar em um local ensolarado, tendo em vista que um lugar sombrio associado às estações mais frias pode acarretar na incidência de doenças. Além da presença de sol, deve-se dar preferência a uma área com cerca viva para dificultar o acesso de animais e evitar a incidência de ventos fortes. Como alternativa para preservar a temperatura no interior da colmeia, o tamanho do alvado (porta da colmeia) deve ser reduzido.



Divulgação



TITANIUM

O MELHOR CONTROLADOR DE TAXA
VARIÁVEL DO MERCADO

MONITOR DE PLANTIO

DESLIGAMENTO DE SEÇÕES
CONTROLADOR DE VAZÃO

GPS BARRA DE LUZ
DE ALTA PRECISÃO

PILOTO AUTOMÁTICO ELÉTRICO E HIDRÁULICO

PROBLEMAS DA BATATA

Que problemas podem atacar a batata em caso de irrigação em excesso na plantação?

Hélio Roberto Reis

Altamira/PA

R- A produção de batata pode ser afetada pelo excesso de água, por reduzir a aeração do solo, favorecer maior incidência de doenças e lixiviar nutrientes móveis. Segundo pesquisadores da Embrapa, irrigação em excesso favorece várias doenças de solo, como murcha-bacteriana, sarna-prateada, sarna-pulverulenta, canela-preta e podridão-mole. A irrigação por aspersão, notadamente quando em regime de alta frequência, favorece condições de alta umidade no dossel vegetal, aumentando a incidência de doenças foliares. Por outro lado, a falta de água, especialmente no início da tuberação, favorece a ocorrência da sarna-comum. A planta de batata é muito sensível ao

déficit de água. Mesmo pequenos períodos de estiagem comprometem o sucesso da lavoura, sendo a irrigação recomendada em regiões e/ou períodos com distribuição irregular de chuvas. A demanda de água pelas plantas é dependente das condições climáticas, da cultivar e do sistema de cultivo, principalmente. A evapotranspiração total da cultura varia de 250 a 550 mm, podendo superar 600 mm para cultivares de ciclo longo e em regiões quentes e secas. A irrigação na cultura da batata é realizada, muitas vezes, por meio de práticas impróprias de manejo e do uso de sistemas de irrigação com baixa uniformidade de distribuição de água.



Divulgação

O BRASIL AGRÍCOLA
agranja

À sua disposição

ASSINATURAS

Call Center

Ligue grátis

0800-5410526

Grande Porto Alegre

Fone/Fax: (51) 3232-2288

Segunda a sexta, das 8h30 às 12h,

das 13h30 às 18h30

Sábado, das 9h às 14h

INTERNET

www.agranja.com

Para edições atrasadas, edições anteriores, mudança de endereço, troca de forma de pagamento, ligue para os mesmos números acima.

NEWSLETTER

Cadastre-se e receba toda a semana: 0800.541.0526

ou no site: www.agranja.com

twitter

@revista_agranja

FALE COM A REDAÇÃO

Por e-mail:

mail@agranja.com

Fax:

(51) 3233-3133

Cartas:

Av. Getúlio Vargas, 1.526

Porto Alegre/RS

CEP 90150-004

As cartas devem conter assinatura, RG e telefone do autor.

Por motivo de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas de forma reduzida. Só poderão ser publicadas na edição seguinte as cartas que chegarem até o dia 18.

PRESENTEIE UM AMIGO COM UMA ASSINATURA

Ligue grátis

0800.5410526

Grande Porto Alegre

(51) 3232-2288

amalia@agranja.com.br

ou www.agranja.com



PARA ANUNCIAR LIGUE

(11) 3331-0488

mailsp@agranja.com

(51) 3233-1822

mail@agranja.com.br

L200 TRITON É 4x4 É MITSUBISHI.

Respeite os limites de velocidade.



**A VIDA NO CAMPO
É UMA VIDA SIMPLES.
SOFISTICADAMENTE
SIMPLES.**

MITSUBISHI L200 TRITON 2013.
O CAMPO EVOLUI. SUA CAMINHONETE TAMBÉM.

MITSUBISHI
L200 TRITON
O 4X4 COM FORÇA E RESISTÊNCIA DE VERDADE.



FORÇA

- NOVA suspensão SDS com exclusivos amortecedores Full Displacement: mais conforto, estabilidade e segurança ao dirigir em qualquer terreno.
- Tração Easy Select 4WD com diferencial traseiro LSD Hybrid: garante mais facilidade para transpor obstáculos.
- Chassi em U com maior rigidez, que garante resistência e estabilidade.
- Motor turbo intercooler 3.2 L Diesel Common Rail DI-D com 170 CV e 35 kgf.m e motor 3.5 L V6 Flex com 205 CV² - maior da categoria.
- Transmissão automática INVECS-II com overdrive e transmissão manual³.

CONFORTO

- Paineis com design exclusivo e Sistema Multimídia com GPS integrado, em português, com mais de 1.250 cidades mapeadas, CD, DVD e MP3 player, conexão Bluetooth e entrada USB com interface para iPod.
- Volante com comandos de áudio e piloto automático¹ integrados.
- 19 porta-objetos e 11 luzes de cortesia.
- Praticidade no dia a dia: fácil de manobrar, melhor raio de giro da categoria (5,9 m) e espelhos retrovisores externos rebatíveis eletronicamente.

SEGURANÇA

- Carroceria com sistema Rise de absorção de impactos, que garante maior proteção e segurança em caso de eventual colisão.
- Air bag duplo frontal.
- Freios ABS com EBD.
- Barra de proteção lateral.

DESIGN

- NOVO conjunto ótico semiesférico multirrefletor e faróis de neblina com acabamento tipo titânio.
- NOVA grade.
- NOVO para-choque.
- NOVO design nos bancos com costura dupla e de couro.
- Rodas de liga leve aro 16⁴.
- Estribos laterais.

CONHEÇA MAIS DA MITSUBISHI L200 TRITON.

Baixe um leitor de QR code, fotografe o código e assista ao vídeo ou acesse l200triton.com.br

¹Somente na versão automática. ²No combustível etanol. ³Somente na versão a diesel.



O AGRONEGÓCIO NA RIO+20

Achei legal, oportuna a abordagem sobre a Rio+20 (*edição de junho*), mas pensei aqui com meus botões. Não vai dar em nada este encontro. Pra começar, quem devia vir aqui e ouvir um pouco, não veio. Me refiro ao Obama, o homem que mais manda no planeta e está à frente da nação mais poluidora. De qualquer forma, parabéns às nossas lideranças do agronegócio que se prepararam para mostrar o que a gente tem feito de bom pela agricultura sustentável. Assim, nenhum gringo pôde vir e acabar com a nossa agricultura.

Maicon Lemes

Bragança Paulista/SP



O AGRONEGÓCIO NA RIO+20 II

Na excelente reportagem sobre o agronegócio na Rio+20 gostei de um trecho da entrevista da sra. Kátia Abreu. “O Brasil chegará à Rio+20 de cabeça erguida. Temos uma das maiores, melhores e mais sustentáveis agriculturas do mundo e deve servir de exemplo para outros países de como produzir com qualidade e abundância, preservando o meio ambiente. Produzimos arroz, feijão, carne, frutas, leite e biocombustíveis em apenas 27% do nosso território, mantendo intactos 61% dos nossos biomas. A Europa não tem nem 1% da sua vegetação.” É isso mesmo. Temos que confrontar este pessoal da Europa que vem aqui dizer o que temos que fazer, o que temos que preservar e balela e mais balela. E o que eles fazem pra preservar a natureza lá no continente deles!?

Amanda Duarte

Vicente Dutra/RS

ENCICLOPÉDIA

Gostaria de parabenizar a todos os que trabalham na revista, pois é a melhor revista que já assinei. Não acho que é mais uma revista e, sim, uma “enciclopédia”. É o melhor veículo de difusão tecnológica, sem sensacionalismo direcionado com fundos econômicos. A Granja = perfeita. Sou assinante desde 1982 ininterruptamente.

Parabéns a todos.

Gilmar Luis Lazzaretti

Palmas/TO

HISTÓRIAS DE EMPREENDEDORES

Achei bem interessantes as histórias dos dois produtores na revista de junho (*Gilberto Secchi, em O Segredo de Quem Faz, na foto, e Olenir Bernardi, o Pioneiro da Soja na Canarana*). Fantásticas as histórias deles. Eles mereceram ganhar as páginas da revista **A Granja**. Num país como este, em que muita gente enriquece “do nada” em quatro anos, é bom ver gente como eles, que enriqueceram só com trabalho e empreendedorismo.

Paulo Lanzer Jr.

Ubiratã/PR



Evandro Mascarelo

**mail@agranja.com ou acesse www.agranja.com
twitter.com/#!/revista_agranja**



O SONHO QUE VIROU REALIDADE

Tenho frequentemente visitado o estado do Mato Grosso nestes últimos meses, hora sozinho, hora com o nosso presidente da Famat, Rui Prado, e integrantes da sua equipe, com muita honra. Confesso que para mim, a esta altura da minha vida, tem sido, além de um lenitivo, um motivo uma incontida alegria. Diria mais, uma verdadeira injeção de cânfora, direto em minhas veias que me fazem estremecer o corpo e a alma. Rejuvenesce-me. Naturalmente que me provoca profundas emoções quando visito áreas que na década de 70 eu visitava embalando um sonho de ver ali um dia um novo mundo ocupado por gente competente que transformaria uma área a aquela época inóspita, terra degradada que servia apenas para fazer distâncias. Um imenso vazio do território nacional. Para visitá-la eu ia de avião até Cuiabá ou Vilhena, à entrada de Rondônia, onde tomava um helicóptero que, para melhor desempenhar sua missão, tinha de ter apoio de um caminhão com combustíveis pelo solo, e, como não tinham estradas, às vezes, saía três dias ou mais dias antes de nós para nos apoiar na verdadeira aventura que fazíamos naquela imensidão vazia.

O Brasil àquela época era um grande importador de alimentos. A metade da população que vivia no campo não era capaz de alimentar a outra metade que foi para a cidade em busca de melhores condições de vida. Um terço do que comíamos vinha de fora a preços caríssimos e quando aqui chegava ainda sofria de tremenda especulação num mercado demandador, elevando até o preço dos alimentos que aqui produzíamos. A população brasileira chegava a gastar de 42% a 48% de toda a sua ren-

da familiar só em alimentação. Era demais. Todo o esforço que se fazia era destruído pelo preço da alimentação. Para quem gasta quase a metade de sua renda em alimentação, não sobra dinheiro para a vestimenta, o transporte, a moradia, a saúde, a educação, o lazer. Embora o país tivesse recursos provindos da Conta Café para pagar a obsolescência de nossa iniciante indústria e a importação de alimentos, isto não significava alívio no bolso do consumidor brasileiro, que continuava gastando quase a metade do que ganhava só em alimentação.

**Confesso que me emociono
ao ver o Mato Grosso de hoje.
Façam como eu. Visitem o Mato
Grosso e se sintam muito mais
brasileiros**

Quando, em 1972, vem a famosa Crise do Petróleo, que passa em menos de uma semana de três para 11 dólares o barril, e o Brasil importava 80% do petróleo que consumia, a Conta Café não dava mais para cobrir as nossas contas negativas. Tinha de se fazer alguma coisa, pois em pouco tempo estaríamos “quebrados” e o país, desacreditado. Sem a indústria, embora deficitária, o desemprego seria geral. Sem o petróleo o país pararia. Sem alimentação ninguém sobrevive. Este era o desafio. Optamos pela rápida ocupação do nosso território, ocupando os nossos biomas, onde haveríamos de encontrar soluções tecnológicas e científicas para tirar dali o que mais necessitávamos, os alimentos, procurando manejá-los sem degradar os seus recursos naturais, isto é, o solo, a água,

as plantas, os animais.

Daí o surgimento da Embrapa e das 17 empresas estaduais de pesquisas, as nossas universidades e a iniciativa privada, que se uniram no Programa Nacional Integrado de Pesquisas Agropecuárias, que deu não só ao Brasil, mas ao mundo, a primeira agricultura tropical competitiva e sustentável que todos hoje reconhecem. Bastou que indicássemos as inovações criadas, que o produtor brasileiro, com sua coragem, fibra e determinação, foi capaz de transformar os vazios ou terras de fazer longe em campos produtivos que hoje abastecem o mundo. Mesmo que quem faça isso seja apenas cerca de 15% da população que vive no meio rural.

É bom que se realce que foi graças à capacidade e à competência dos nossos pesquisadores, extensionistas e produtores, que foram capazes de multiplicar a nossa produtividade e, por meio dela, transferiram aos consumidores os benefícios dos preços dos alimentos, que chegaram a cair 70% em menos de 20 anos. E, hoje, a população brasileira não gasta mais do que 13,6% de sua renda em alimentação e, com isso, pode participar efetivamente dos benefícios de uma verdadeira inclusão social.

Confesso que me emociono ao ver o Mato Grosso de hoje. Foi uma longa noite de sono, mas que Deus me deu vida e força para retornar naquela, antes, solidão, hoje maior trincheira de luta, que, mesmo com tremendas dificuldades, se transforma num dos maiores celeiros do mundo. Façam como eu. Visitem o Mato Grosso e se sintam muito mais brasileiros. 

**Engenheiro agrônomo, produtor e
ex-ministro da Agricultura**

CHEGOU POWERCORE.

**ESTÁ NASCENDO UMA NOVA ERA
NAS LAVOURAS DE MILHO.**



O melhor banco de germoplasma com a melhor tecnologia de genes combinados Dow AgroSciences.



3 modos de ação para controlar a Lagarta-do-cartucho.



Ampla espectro de proteção contra pragas aéreas e do solo.



Tolerância a dois herbicidas, facilitando o manejo de ervas daninhas.



Redução da Área de Refúgio.

POWERCORE

 **Dow AgroSciences**
Sementes & Biotecnologia
TECNOLOGIA QUE NÃO PARA DE AVANÇAR.

REPORTAGEM ESPECIAL

Safra 20 **A soja vem ain**

12/2013 da mais **FORTE**

A estiagem que prejudica as lavouras nos Estados Unidos provocou uma alta surpreendente nos preços da soja às vésperas do plantio de uma nova safra no Brasil. Estimulados pela expectativa de uma farta rentabilidade, os produtores devem cultivar uma área recorde com a oleaginosa. O milho segue uma tendência muito semelhante, enquanto os números do algodão não animam, e há ainda muitas dúvidas em relação ao arroz. Este é o cenário que se arma para a safra 2012/2013

Denise Saueressig
denise@agranja.com



CARRETAS GRANELEIRAS UP GRAIN ALTA TECNOLOGIA COM MAIOR PRODUTIVIDADE.

- Design inovador: proporciona alta resistência ao conjunto;
- Maior área de coleta do mercado: facilidade para coletar em movimento;
- Alta resistência: formato angular assimétrico, assentado em coxins de borracha;
- Amplo visor de volume.



Linha colheita | Linha de plainas | Linha pós-colheita



Depois de uma safra marcada pela queda na produção e a perda da liderança para o milho no ranking das principais culturas agrícolas do país, a soja promete voltar com força no ciclo 2012/2013. São muitas as razões que sustentam essa expectativa, mas a principal delas está voltada para o bolso do produtor. Nunca a saca da oleaginosa valeu tanto. A frustração de safra anunciada nos Estados Unidos devido à seca provocou a disparada dos preços para acima dos R\$ 80 em meados de julho, no porto de Paranaguá/PR. “Desde o início do ano, o aumento em reais ao produtor, em média, é de 72%”, informa o analista Carlos Cogo, da Carlos Cogo Consultoria Agroeconômica.

Os números da nova safra devem acompanhar os recordes nos preços. O cultivo com a oleaginosa no Brasil deverá crescer 8,8%, estimava o especialista na segunda quinzena de julho. Na opinião dele, serão incorporados 2,2 milhões de hectares, e a área total deverá ser de 27,2 milhões de hectares. Lavouras sobre o cultivo de milho devem somar 670 mil hectares e, sobre o algodão, 446 mil hectares. Também haverá plantio sobre áreas de arroz e em novas fronteiras agrícolas na região do Mato-piba, formada pelos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia. A produção, segundo o consultor, deve ter um aumento de 25%, para 82,7 milhões de toneladas, favorecida pelas condições climáticas do fenômeno El Niño.

Com o raciocínio parecido, o CEO da consultoria Céleres, Anderson Galvão, também acredita em novas áreas de cultivo e na substituição de antigas

SOJA: CUSTOS E MARGENS				
Safra	2011/2012		2012/2013	
Região	Sul/SE	Cerrado	Sul/SE	Cerrado
Custo total (US\$/ha)	943,69	975,01	976,72	1.009,14
Produtividade média (sc/ha)	33,8	50,8	52,5	55
Preço médio (US\$/60kg)	32,11	28,84	30,18	27,40
Receita líquida (US\$/ha)	141,63	490,54	607,91	497,75
Margem sobre o custo (%)	15%	50,3%	62,2%	49,3%
Fonte: Carlos Cogo				

pastagens pela soja, principalmente no Mato Grosso e em Goiás. Na mesma direção, a Safras & Mercado aponta para um incremento de 8,4% na área, com a oleaginosa ocupando 27,218 milhões de hectares. Em condições favoráveis de clima, a produção poderá crescer 24,1%, somando 82,295 milhões de toneladas, segundo pesquisa da consultora. Análises ainda mais otimistas indicam que o Brasil poderá plantar quase 28 milhões de hectares com soja e, inclusive, superar os Estados Unidos em produção pela primeira vez. “Se isso se confirmar, será um acontecimento pontual, em função de todos os fatores específicos deste ano. No entanto, de forma natural, essa ultrapassagem não deve ocorrer antes de quatro ou cinco anos”, sustenta Galvão.

Seca histórica no maior produtor — Em julho, o relatório do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda) reduziu sua previsão divulgada no mês anterior para a produção de soja naquele país. Das 87,2 milhões de toneladas estimadas anteriormente, a colheita passou a ser calculada em 83 milhões de toneladas – volume que pode cair ainda mais. “A seca e o calor devem se prolongar até agosto nos EUA e podem ampliar expressivamente as quebras da soja. Segundo a Administração Nacional Oceânica e Atmosférica dos Estados Unidos, essa é a pior seca desde 1956 e atinge 55% da área contígua do país”, salienta Cogo. Com a queda na produção, houve recuo na projeção de exportações pelos norte-americanos e consequente aumento de vendas para os outros dois grandes produtores mundiais – Brasil e Argentina. O resultado é uma redução geral nos estoques de pas-

sagem dos três países.

A produção mundial, de acordo com o documento do Usda, deve ser de 267,2 milhões de toneladas (13,3% superior sobre 2011/2012) e a demanda global deve somar 263,2 milhões de toneladas (3,8% maior). A relação estoque/consumo foi projetada em 21,2% em 2012/2013, contra 20,7% na safra 2011/2012, mas bem abaixo dos 27,9% do ciclo 2010/2011. Os preços futuros na Bolsa de Chicago subiram de uma faixa entre US\$ 12 a US\$ 12,50 por bushel para US\$ 16 a US\$ 17 por bushel. “Em Chicago, os preços acumulam uma forte alta de 47% entre janeiro e julho de 2012. No mercado interno, considerando o Paraná, por exemplo, os preços completam uma alta de 86% nos últimos 12 meses”, destaca Cogo.

Em 23 de julho, o Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria da Agricultura do Paraná indicava uma média de R\$ 70,23 para a saca de soja de 60 quilos, com as máximas chegando a R\$ 81 na região de Ponta Grossa. No Rio Grande do Sul, segundo a Emater/RS, na terceira semana de julho, a saca valia R\$ 66. Há um ano, o preço era de R\$ 44,75. No Mato Grosso, o Instituto Mato-grossense de Economia Agropecuária (Imea) apresentava preços para a saca entre R\$ 67 e R\$ 74,50 no dia 20 de julho. Na mesma data do ano passado, os valores variavam entre R\$ 37 e R\$ 43,40.

É difícil para os analistas prever um teto para o preço da soja. No entanto, a tendência é que altas mais expressivas não aconteçam, considera Anderson Galvão. “Há um risco grande de problemas para a cadeia das carnes, que precisam da soja para a fabricação da

A área de soja deve ficar entre 27 milhões e 28 milhões de hectares no ciclo 2012/2013





COMEÇAMOS ARMAZENANDO CONHECIMENTO.
HOJE EM DIA, ARMAZENAMOS

resultados.



Todo o produto Kepler Weber é feito para os melhores resultados. O investimento em tecnologia e inovação, a qualidade das matérias-primas e os projetos sob medida, desenvolvidos por uma equipe de profissionais qualificados fazem os equipamentos Kepler Weber serem mais do que grandes soluções em armazenagem; são ferramentas que impulsionam o crescimento do seu negócio.

KEPLERWEBER®

Armazenagem de resultados. Esse é o nosso negócio.

VISITE-NÓS NA EXPOINTER 2012 E CONHEÇA OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS - QUADRA QAB3 / Lote 5

ração. Em algum momento, a demanda vai dar sinais de esfriamento”, completa o consultor. Persistindo a seca nos EUA, os preços futuros devem manter-se em um patamar entre US\$ 13 e US\$ 14 por bushel no primeiro semestre de 2013, examina Cogo. “Os produtores brasileiros já negociaram antecipadamente 35% (em meados de julho) da safra 2012/2013, garantindo uma rentabilidade elevada, mesmo que ocorra uma retração dos preços futuros no próximo ano com o aumento da área na América do Sul”, acrescenta.

Disciplina financeira — Um momento de euforia como o atual revela alguns riscos importantes e que devem ser considerados pelo produtor, ressalta Galvão. “Um desses perigos está no controle do agricultor e é a propensão a gastar mais dinheiro do que deve. O recomendável é que, mesmo quando há dinheiro sobrando, que se tenha disciplina com os gastos”, orienta o analista da Céleres. Outros dois riscos não estão sob o domínio do produtor, mas podem prejudicar suas contas. “O primeiro deles é a incerteza econômica na Europa, que pode afetar o mercado financeiro de forma parecida com o que ocorreu em 2008, quando a soja baixou de US\$ 16 para US\$ 12 o bushel. O segundo é a tão temida desaceleração chinesa. A procura pela soja continua alta, e o país continua crescendo, mas em índices abaixo dos vistos em anos anteriores”, ressalva. Na opinião do especialista, o produtor brasileiro deve aproveitar a conjuntura atual para tirar o máximo proveito da alta rentabilidade, fazendo a venda escalonada e trabalhando com planejamento consciente e mais eficiência na gestão.

A saca da oleaginosa chegou a passar dos R\$ 80 no mercado brasileiro no mês de julho

Decisão direcionada pelo mercado

Baseado no comportamento do mercado, o produtor Leocir Pedrinho Rizzo, de Palotina/PR, há dois anos direciona seu plantio de verão apenas para a soja. Numa área de 160 hectares, ele planeja para a próxima safra o mesmo que fez no ano passado, optando pelo milho safrinha após a colheita da oleaginosa. O momento de cotações positivas também permite fazer planos para o futuro. “Em dois anos, espero ter adquirido uma nova parcela de terra para ampliar a área de plantio para 200 hectares”, relata.

Até a segunda semana de julho, o agricultor havia comercializado entre 30% e 40% do que espera colher em 2013, com média de preço de R\$ 53. A expectativa, para o restante da safra, era de conseguir valores em torno de R\$ 65. O custo, em relação ao ano passado, ficou estável, já que Rizzo negociou seus insumos antes da maior alta do dólar e da própria soja. “O retorno financeiro da próxima safra vai depender do clima, mas, se tudo ocorrer bem, acreditamos numa rentabilidade variável entre 50% e 70%. No último ciclo, a estiagem prejudicou a lavoura e sequer conseguimos cobrir os custos”, observa.

O produtor paranaense conta que também já está projetando o cultivo do milho na segunda safra. Segundo ele, os preços do cereal vêm superando as expectativas dos agricultores, com valores em torno de R\$ 22 na região. “Antigamente, meu pai plantava trigo, mas com a falta de estímulo para a cultura, há 18 anos investimos no milho, que tem um retorno bem melhor. Este ano, se o clima colaborar, vamos conseguir adiantar o plantio da soja e, consequentemente, antecipar a semeadura do milho safrinha, que deve ter uma rentabilidade tão boa ou até melhor do que a da soja”, afirma Rizzo.

Venda acelerada — No estado que mais produz soja no país, a expectativa é de um incremento de 500 mil hectares para o plantio da oleaginosa. Se for confirmado, o número vai significar o cultivo de 7,5 milhões de hectares semeados no Mato Grosso. As perspecti-

Produtor Leocir Rizzo: custos estáveis e expectativa de rentabilidade entre 50% e 70% na próxima safra



Almir Trevisan/Imprensa C. Vale

vas para o próximo ciclo são as melhores, e a ampliação do plantio vai ocorrer sobre áreas de pastagens degradadas, atesta o presidente da Associação dos Produtores de Soja e Milho de Mato Grosso (Aprosoja), Carlos Fávaro. “Só temos a ressalva em relação ao clima, que não nos permite estimar a rentabilidade da lavoura com antecedência. No entanto, se as condições favorecerem a alta produtividade, o retorno financeiro da colheita 2013 será superior ao da última safra”, conclui.

O dirigente acredita que um dos principais inibidores para um maior incremento na lavoura seja a deficiência na infraestrutura logística do estado. “Antes da formação da lavoura, nossas estradas não oferecem condições para o transporte de calcário e de fertilizantes necessários para corrigir o solo e, depois da colheita, é um problema o deslocamento da safra até os portos”, enumera. “Mato Grosso ainda tem entre 7,5 milhões e 8 milhões de hectares com pastagens que são propícios para a agricultura, mas que deixam de ser incorporados devido a essas dificuldades estruturais”, continua.

Antes mesmo das altas mais expres-

Linha de semipesados Scania.

A distância entre você e um Scania ficou ainda menor.



Respeitando os limites de velocidade.



Faz diferença ser Scania.



Cabine Scania.

- Mais conforto, segurança e visibilidade.
- Melhor cabine da categoria.



Motores Scania.

- Novos motores de 9 litros, nas potências de 250 HP e 310 HP.
- Maior torque e maior economia de combustível.
- Maior durabilidade e resistência.



Caixa de câmbio automatizada Scania Opticruise (opcional).

- Troca de marchas automática ou manual.
- Mais economia de combustível e menor desgaste dos componentes do sistema de transmissão.



SCANIA

www.scania.com.br

Vá hoje mesmo à sua Casa Scania para conhecer a nova linha de semipesados Scania.

Mais informações no site www.semipesados.scania.com.br.

sivas nos preços, ocorridas em julho, em torno de 50% da safra 2013 de soja que será colhida no Mato Grosso já havia sido comercializada. Em 20 de julho, a venda antecipada somava 57,5% da safra. “Esse é um sinal de maturidade do produtor, que sabe que precisa de planejamento para sustentar a atividade e de maior atenção num ano de alta nos custos de produção”, menciona Fávaro. Desde o ciclo 2009/2010, a antecipação das vendas é cada vez mais precoce no estado, diz o analista Cleber Noronha, do Imea. No entanto, em julho do ano passado, a comercialização da safra 2011/2012 somava apenas 28% da colheita futura. “Esse ano a situação dos preços é muito diferenciada, e o produtor que consegue definir exatamente seus custos deve ir acompanhando o mercado para conseguir os melhores negócios”, aconselha.

Conforme análise do Imea, o custo de produção da soja subiu cerca de R\$

500 no estado, para R\$ 2.107 por hectare. A variação foi resultado da elevação nos valores das sementes, dos fertilizantes e dos defensivos. “A alta do dólar e o aumento no preço da terra decorrente do próprio incremento da soja também tiveram influência sobre o custo total. De qualquer forma, se os preços se mantiverem aquecidos, tudo indica que a receita deste ano será superior, mesmo com o aumento dos custos”, pontua Noronha. O analista Anderson Galvão acha temerário falar de rentabilidade média para a soja na próxima safra, considerando a heterogeneidade de produtores rurais e regiões agrícolas no Brasil. “O que podemos afirmar é que a safra 2012/2013, em condições normais de produtividade, será a quarta safra consecutiva que os produtores brasileiros terão margem positiva, o que permite a clara capitalização do setor, redução do endividamento e outras melhorias do aspecto econômico e financeiro”, constata.

Contas positivas — Em Nova Xavantina/MT, o engenheiro agrônomo e produtor Endrigo Dalcin recorda que obteve uma rentabilidade de 20% na safra passada com a soja, quando vendeu a saca com média de preço de R\$ 44. Para a temporada 2012/2013, ele espera uma margem de retorno de cerca de 30%. Até a segunda semana de julho, ele havia comercializado 44% da colheita que estima para 2013. O preço inicial foi de R\$ 44,50, a média foi de R\$ 49, e a expectativa no momento era fechar negócios a R\$ 54. “Vou manter esse ritmo de venda até 60% da colheita esperada. Acredito que esse é um bom índice de segurança para o período que antecede o plantio”, argumenta.

Os custos, aponta o agrônomo, subiram pela alta do dólar na hora de programar a lavoura. “No ano passado, compramos insumos com o dólar a R\$ 1,61 e, este ano, a R\$ 2. Fazendo a conta, tivemos um aumento entre 25% e 30% nos custos da soja”, assinala. Dalcin planeja ampliar a área cultivada na safra que vem de 2,6 mil para 3,3 mil hectares. Na primeira quinzena de ju-



Divulgação

Anderson Galvão, consultor da Céleres: momento positivo requer disciplina financeira e controle de gastos

Produtor Endrigo Dalcin: venda antecipada de até 60% da colheita esperada antes de iniciar o plantio



Divulgação

lho, enquanto ainda colhia a safrinha de milho, uma dúvida tomava conta do produtor: semear toda a área de verão com soja ou investir também no milho? “Normalmente, também cultivo milho no verão, mas estava pensando em plantar apenas soja esse ano. No entanto, o mercado do milho aqueceu, com negócios em torno de R\$ 20 a saca, e estou repensando minha decisão anterior”, detalha.

Na época da segunda safra, o produtor planta 1,3 mil hectares com milho, 150 hectares com feijão e, o restante, com milheto, para fazer a cobertura do solo. “Na nossa região, é mais arriscado investir no milho safrinha por causa do clima, que é mais seco. Mesmo assim, ampliamos a área com o cereal. Há dois anos, eram apenas 500 hectares e, em 2011/2012, foram implantados 900 hectares”, declara. O milho também terá alta nos custos no ciclo 2012/2013. O número ainda pode ter alterações, mas o Imea estima que o valor total, por hectare, passe de R\$ 1.528 para R\$ 1.636 em áreas de alta tecnologia do Mato Grosso. O preço da semente é o principal responsável por esse incremento.



Com a colheita da segunda safra em andamento, em julho ainda não havia uma estimativa em relação ao cultivo do milho na próxima temporada no Mato Grosso. “O mais recente relatório norte-americano indicou perdas expressivas na safra dos Estados Unidos, e essa informação fez com o mercado se movimentasse. Se o cenário se mantiver assim, é provável que a área plantada seja ampliada no estado. Em 2011/2012, o cereal ocupou 35% da área da soja. Se esse índice se repetir, teremos um aumento, já que a área de soja será incrementada”, resume o analista Cleber Noronha, do Imea. No mês passado, o mercado mostrava aquecimento para o cereal mato-grossense, com média de aumento de 30% desde o início do mês.

Milho também reage à seca norte-americana — A seca já provocou uma quebra de 46,3 milhões de toneladas na safra norte-americana de milho. A estimativa é de que a colheita seja de 329,4 milhões de toneladas no ciclo 2012/2013. Assim como aconteceu com

Brasil ainda colhe a segunda safra de milho 2011/2012, que teve uma área recorde cultivada



Olimpio Filho

a soja, no Brasil essas informações foram razões para altas no mercado do cereal. Segundo a Céleres, em Dourados/MS, a saca de milho foi negociada a R\$ 22,50 entre 16 e 20 de julho, mos-

trando uma alta de 5,6% ao longo da semana. No Paraná, a média de 23 de julho era de R\$ 25,57. No Mato Grosso, os preços variavam entre R\$ 15,80 e R\$ 23,60 em julho de 2011 e entre R\$



PONTAS DE PULVERIZAÇÃO TEEJET, IDEAIS PARA O AUMENTO DA SUA PRODUTIVIDADE

Faça a escolha adequada da ponta de pulverização e evite perdas por desperdício e reaplicação. TeeJet tem todas as opções que você precisa para sua pulverização.

- **Turbo TeeJet® (TT)** - O tamanho de gotas médias e o grande ângulo de pulverização proporcionam boa cobertura em diversos tipos de aplicação
- **TurboTwinJet® (TTJ60)** - Jato duplo e tamanho de gotas médias proporcionam melhor penetração e cobertura no dossel da planta
- **Air Induction Turbo TwinJet (AITTJ60)** - A combinação da tecnologia de jato duplo com indução de ar resulta numa mistura de cobertura e controle de deriva
- **Turbo TeeJet Induction (TTI)** - Produz tamanho de gotas ultra grossas, o melhor em controle de deriva

Saiba mais em: www.teejet.com

TeeJet®
TECHNOLOGIES

YouTube

twitter



Faça já o download do aplicativo para seleção de pontas de pulverização SpraySelect, disponível para plataformas Android ou Apple.

20 e R\$ 25,20 em julho deste ano, de acordo com o Imea.

A área do cereal deve recuar 8,5% na primeira safra, avalia o consultor Carlos Cogo. Mesmo com as altas recentes, ele acredita que o produtor terá preferência pela soja no cultivo de verão. Já na segunda safra a expectativa é de uma expansão de 6% no plantio. “Com isso, a produção poderá ter um incremento de 68,1% na safra de inverno, para 36,1 milhões de toneladas”, analisa, lembrando que em 2011/2012 o Brasil teve a maior área de cultivo de milho da história, com 15,1 milhões de hectares.

O especialista comenta que a produção mundial de milho deve crescer apenas 3,6%, com a forte quebra da safra dos Estados Unidos, atingindo 905,2 milhões de toneladas na safra 2012/2013. “Os preços futuros na Bolsa de Chicago subiram de uma faixa entre US\$ 5,20 a US\$ 5,40 por bushel para US\$ 7,80 a US\$ 8,00 por bushel. Persistindo a seca nos EUA, os preços futuros para 2013 devem manter-se em um patamar entre US\$ 7,50 e US\$ 8,00 por bushel”, complementa. No ciclo 2011/2012, as duas safras de milho totalizam 69,48 milhões de toneladas, segundo o último levantamento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Apenas a segunda safra do cereal teve crescimento de 60,9%. A soja, que sofreu com a estiagem na Região Sul, tem uma produção calculada em 66,37 milhões de toneladas, recuo de 11,9% em relação ao ano anterior.

Indefinição para o arroz — Problemas na comercialização do arroz da



Francisco Schardong, da Farsul:
nível de água nas reservas e
endividamento preocupam
arrozeiros gaúchos

Regina Sakakibara

safra 2010/2011 provocaram uma redução no plantio do cereal na safra passada. Segundo a Conab, a área caiu 13%, para 2,453 milhões de hectares, enquanto a produção recuou 15,1%, para 11,559 milhões de toneladas. O Rio Grande do Sul representa 43% da área brasileira cultivada com arroz. As lavouras irrigadas também têm a maior produtividade média do país, de mais de sete toneladas por hectare. Com redução de área de 11,4% na safra anterior (1,053 milhão de hectares), o estado também colheu menos arroz em 2011/2012: 7,739 milhões de toneladas, volume 13,1% inferior ao período anterior. A estiagem enfrentada pelo estado em 2011/2012 ainda não permite estimar com precisão o cultivo em 2012/2013. “Nossas reservas em barragens e açudes ainda estão abaixo do ideal para o cultivo”, revela o diretor administrativo da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul), Francisco Schardong.

Para definir o próximo plantio, os produtores também precisam repensar suas contas, já que existe uma dívida de custeio do ciclo anterior. No mês passado, o Governo Federal anunciou a prorrogação do vencimento para 31 de outubro, mas os produtores ainda defendem uma renegociação do passivo acumulado em duas safras. Nos últimos

três anos o custo da saca ficou acima dos preços médios praticados no estado. “Com a dívida, não há acesso aos recursos do Plano Agrícola e Pecuário. No ano passado, no Rio Grande do Sul, apenas 34% da área cultivada foi financiada pela verba oficial do Governo”, lembra Schardong.

Para o dirigente, a lavoura a ser formada este ano ainda é um grande ponto de interrogação, com tendência de nova redução de área. Uma das causas desse provável recuo será o aumento das áreas voltadas para a soja. Na safra passada, cerca de 130 mil hectares cultivados anteriormente com arroz foram substituídos pela oleaginosa. “Para o próximo ciclo, acreditamos que essa troca poderá ficar entre 300 mil e 400 mil hectares no estado”, deduz o dirigente da Farsul. A Safras & Mercado estima um ligeiro aumento na área plantada no país. O incremento pesquisado é de 1,3%, passando 2,482 milhões de hectares. A produção subiria 0,6%, totalizando 11,625 milhões de toneladas.

No mês passado, o preço médio do arroz em casca ao produtor no Rio Grande do Sul valia R\$ 28,77 a saca, um valor 45,6% acima do registrado no mesmo período do ano passado, informa o consultor Carlos Cogo, que acredita numa recuperação de área para o cereal no Rio Grande do Sul. “O cultivo

**O algodão poderá sofrer
uma redução entre 20% e
30% no próximo plantio**





AUTHORITY[®]

Axozistrobina + Flutriafol



Sem efeito juvenóide.

A mistura perfeita contra a Ferrugem, que permite a aplicação desde a fase vegetativa sem afetar o crescimento da planta, assegurando seu pleno desenvolvimento e potencial produtivo, refletindo em ganhos de produtividade.

Excess protein has little opportunity to benefit the lungs, so most of the protein is excreted in the urine. Excess protein can also cause dehydration and kidney damage. Excess protein can also cause a condition called proteinuria, which is a sign of kidney disease. The body is not healthy.

PRODUTO PARA USO AGRÍCOLA
VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO
CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO

**LANÇAMENTO
NOVO FUNGICIDA**

pode crescer entre 5% e 6% na lavoura gaúcha, mas continuará em queda no Centro-Oeste”, informa. Para o analista, os preços do cereal devem ficar sustentados em 2013, com redução dos estoques de passagem no Brasil, estoques mundiais estáveis e manutenção e aumento das exportações por países como Índia, Tailândia e Vietnã. O Brasil também deve manter seu ritmo de exportações, que na safra 2010/2011 atingiram 2 milhões de toneladas.

Mais dinheiro para produzir —

Além dos preços animadores, a maior disponibilidade de crédito oficial e a previsão de ocorrência de El Niño — que tradicionalmente ajuda a alavancar a produtividade da soja e do milho, também devem favorecer as condições da safra 2012/2013 total de grãos e fibras. Carlos Cogo acredita que a área cultivada poderá aumentar 3%, enquanto a colheita deverá crescer 10%, para até 178 milhões de toneladas. “Tudo indica que, inclusive, os produtores do Sul, que tiveram sérios prejuízos com a estiagem no último ciclo, terão condições de recuperação”, destaca.

A partir do anúncio do Plano Agrícola e Pecuário 2012/2013, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) trabalha com uma estimativa de 170 milhões de toneladas para a próxima temporada. No ciclo 2011/2012 o país colheu 162,6 milhões de toneladas. “Acreditamos que esse número será possível com as condições positivas de clima e com as facilidades do novo Plano Safra, que chega com juros mais baixos, aumento dos limites e programas especiais regionalizados”, salienta o secretário de Política Agrícola

As contas do algodão não fecham

Custos altos de produção, estoque mundial elevado, problemas climáticos que afetam a qualidade da pluma no Mato Grosso e na Bahia e preços da soja mais atrativos formam o cenário que indica uma redução entre 20% e 30% para a área a ser plantada com algodão no Brasil na próxima safra. “O produtor está fazendo as contas e percebe que nesse momento não vale a pena investir na pluma”, alega o presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa), Sérgio De Marco.

Na opinião do dirigente, a conjuntura ainda pode mudar, especialmente a partir de janeiro de 2013, quando o recuo dos estoques poderá provocar uma recuperação dos preços. “Temos que ser otimistas e pensar que o mercado vai reagir para que o cultivo não tenha essa redução tão drástica no país”, considera. Nesse momento, no entanto, o cenário não anima o cotonicultor, que enfrenta preços em torno de R\$ 47 a arroba. Em março do ano passado, a arroba chegou a valer mais de R\$ 120.

No principal estado produtor da pluma, a colheita da atual safra prossegue até meados de setembro e, por isso, ainda é cedo para previsões mais concretas, esclarece a analista de mercado do Imea Elisa Mauro Gomes. “Os produtores de algodão, geralmente, também cultivam soja e milho e, a tendência, é que Mato Grosso acompanhe a redução que deve ser observada na área nacional. A queda na produção interna e a concorrência dos têxteis importados da China são algumas das razões que provocaram a retração dos preços no país”, explica.

Lavoura de alta tecnologia, o algodão, assim como os grãos, terá elevação nos custos na próxima temporada. No Mato Grosso, a média da safra 2011/2012 foi de R\$ 4.819 por hectare. Para o ciclo 2012/2013, até julho, a estimativa apontava para um total de R\$ 5.396 por hectare. O impacto maior foi da alta do dólar e dos defensivos. “Há uma defasagem entre 15% e 18% na relação entre o custo e os preços praticados no Brasil nesse momento”, diz o consultor Carlos Cogo, que acredita numa diminuição de 32% na área plantada com a cultura na safra 2012/2013. Segundo a Conab, o Brasil cultivou 1,396 milhão de hectares com algodão no ciclo 2011/2012 na primeira e na segunda safra. A área teve uma redução de 0,3% sobre o período anterior. A produção tem estimativa de redução de 2,8%, passando para 1,9 milhão de toneladas.

A tendência é que o plantio do milho diminua no verão e aumente na segunda safra



Leandro M. Mittmann



***O preço do arroz
melhorou, mas ainda
há indefinição sobre o
tamanho da lavoura***

la do Mapa, Caio Rocha. No total, o plano do Governo pretende destinar R\$ 115,2 bilhões em crédito para a agropecuária no período 2012/2013. O volume é 7,5% superior em comparação com o ano passado e ainda prevê uma redução de 6,75% para 5,5% na taxa anual de juros.

Um dos destaques deste ano, segundo o secretário do Mapa, fica por conta do Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural (Pronamp), que teve

juros reduzidos de 6,25% para 5% ao ano, e volume de recursos para custeio ampliado de R\$ 6,2 bilhões para R\$ 7,1 bilhões. “O limite de crédito por beneficiário foi ampliado de R\$ 400 mil para R\$ 500 mil. Acreditamos que esse público envolve em torno de 300 mil famílias no país, num perfil de produtor que tem renda bruta anual entre R\$ 160 mil e R\$ 800 mil”, cita Rocha.

O Governo também ampliou de R\$ 150 mil para R\$ 300 mil o limite de cobertura do Programa de Garantia da Atividade Agropecuária (Proagro) e aumentou de R\$ 253 milhões para R\$ 400 milhões o Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural. “Com a continuidade desses benefícios, a área protegida passará de 10 milhões para 15 milhões de hectares nos próximos 24 meses”, menciona o secretário. “É importante lembrar que todas as medidas têm como objetivo uma melhor condição financeira para o setor e um aumento de produtividade nas lavouras. Cabe ao produtor, nesse momento, prestar atenção ao zoneamento agrícola, à correção do solo e à qualidade da semente, e fa-

zer seu programa de seguro”, completa Rocha.

O produtor Endrigo Dalcin, de Nova Xavantina/MT, saúda o aumento dos limites e os juros mais baixos apresentados pelo Governo. Na última safra, 70% do crédito que financiou sua lavoura teve origem nas linhas oficiais e, na safra 2012/2013, esse índice deve ser ampliado para 85%. “O Mato Grosso é um estado onde tradicionalmente os produtores usam menos a verba federal, mas nos últimos três anos a capitalização dos produtores favorece a mudança desse panorama. O que ainda reivindicamos é que o acesso seja facilitado, com menos burocracia e menos exigências por parte dos agentes financeiros”, frisa.

As condições para a safra que começa a ser plantada nas próximas semanas estão expostas. O clima e o mercado são fatores imponderáveis, mas que, por enquanto, têm previsões animadoras para o Brasil. Do lado de dentro da porteira, cabe ao produtor fazer com eficiência seu planejamento e garantir as melhores condições para a plantação. Boa safra a todos! 



**ESPECIALISTA EM PLANTIO DIRETO.
LIDERANÇA EM INOVAÇÃO.**



www.semeato.com.br



MORGAN

Eficiência em todos os campos

Morgan
chega ao mercado de sementes.

Sabemos que safras produtivas são resultado de qualidade do germoplasma, biotecnologia e suporte profissional ao produtor. Na próxima safra plante a tecnologia que você conhece e confia. **Morgan** é uma marca comercial da **Dow AgroSciences**.

Consulte um franqueado Morgan.

morgansementes.com.br

Uma marca Dow AgroSciences

MORGAN
SEMENTES E BIOTECNOLOGIA

Agora o **EL NIÑO** dá um ar da graça – e das chuvas



Escolha do Leitor

O novo fenômeno climático anuncia que o trimestre agosto a outubro será de chuvas na Região Sul, principalmente entre o norte do RS e o norte do PR, assim como nas Regiões Sudeste e Centro-Oeste

Mozar de Araújo Salvador, Coordenação-Geral de Desenvolvimento e Pesquisa do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet)

Divulgação

O primeiro semestre no Brasil foi marcado por um fenômeno climático bastante conhecido (e temido) pelos agricultores de todo o país: a seca. Tal fenômeno atingiu principalmente a Região Sul e o semiárido nordestino, impactando diretamente nas atividades agropecuárias, que chegaram a perdas extremamente elevadas em virtude da falta de chuvas regulares. Em Santa Rita de Cássia, por exemplo, no oeste da Bahia, nos três primeiros meses do ano os volumes de chuva registrados na estação meteorológica do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), em pleno período chuvoso, ficaram bem abaixo das suas médias históricas, especialmente no mês de março, que não atingiu 5% do seu volume médio de precipitação pluviométrica.

Na Região Sul, onde a seca também foi severa, exemplos não faltam para ilustrar a escassez de chuvas. Em São Luiz Gonzaga, no noroeste rio-grandense, além dos volumes mensais de chuva ficarem abaixo de 50% da média na maioria dos meses do primeiro semestre, em alguns meses esses volumes concentraram-se em apenas um ou dois dias. Em março, por exemplo, que tem uma média de 160 milímetros, foi registrado um volume total de apenas 65mm, sendo 49mm em um único dia, no início do mês.

Foram dois os fatores principais que contribuíram para a redução da precipitação pluviométrica no primeiro semestre. No caso da Região Sul foi o fenômeno conhecido por La Niña, que é o resfriamento anômalo das águas da superfície do Oceano Pací-

fico Equatorial, o qual, na maioria das vezes, potencializa o risco de secas na região, diminuindo a frequência de dias de chuva, principalmente no Rio Grande do Sul. E foi exatamente o que ocorreu. No Nordeste, principalmente no semiárido, prevaleceu a influência do dipolo do Atlântico sobre o da La Niña, fazendo com que o sistema atmosférico ZCIT, a Zona de Convergência Intertropical – importante sistema atmosférico para as chuvas no Nordeste –, ficasse mais deslocada para o norte, diminuindo, assim, a nebulosidade associada a este sistema sobre a região.

Agora, as expectativas se voltam para o próximo período, quando grande parte da atividade agrícola se prepara para a próxima safra e, junto com ela, mais um novo período do fenô-

meno El Niño – aquecimento anômalo da superfície do Oceano Pacífico Equatorial. Seus efeitos no Brasil são opostos aos do La Niña, potencializando a redução das chuvas no norte das regiões Norte e Nordeste, incluindo, também, boa parte do semiárido; enquanto que na Região Sul, na maioria dos casos, os volumes de chuva tendem a ficar acima da média, principalmente nos meses de verão. Estudos também indicam que há uma tendência no aumento da temperatura média do ar em grande parte da Região Sudeste. A última ocorrência do fenômeno foi em 2009/2010, e seus efeitos no Brasil foram de um evento bem típico, com chuvas acima da média na Região Sul e abaixo em grande parte do Norte e do Nordeste.

Prognósticos e tendências do clima — Os atuais prognósticos climáticos, como o elaborado mensalmente pelo Inmet em conjunto com o Centro de Previsão do Tempo e Estudos Climáticos (Cptec), do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), e por outros serviços meteorológicos internacionais, indicam que o trimestre agosto-setembro-outubro, na Região Sul, principalmente entre o norte do Rio Grande do Sul e o norte do Paraná, há uma maior probabilidade de que as chuvas fiquem acima ou dentro da faixa normal do período que é

de, aproximadamente, entre 300 e 450 mm. Com a intensificação do El Niño, de meados de setembro a agosto, as probabilidades de chuvas acima da média podem se estender até início de 2013. Em agosto, as chuvas acima da média poderão ficar mais concentradas em Santa Catarina e em localidades próximas à divisa com os outros dois estados da região.

Nas regiões Sudeste e Centro-Oeste, uma área que engloba principalmente os estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul – podendo se estender até a divisa de Goiás com o Triângulo Mineiro – apresenta forte probabilidade de chuvas acima ou dentro da faixa normal do trimestre, entre 250 e 400 mm, no extremo sul do Mato Grosso do Sul, e entre 150 a 300 mm, no restante da área. Nas demais localidades das duas regiões não existem, até o momento, previsões mais específicas, ficando a distribuição de probabilidade igual para qualquer faixa: normal, acima ou abaixo. Nessas regiões, as localidades mais ao sul, dependendo da intensidade do El Niño, também podem apresentar desvios positivos de chuva durante os meses de verão e início do outono.

No oeste da Bahia, as atuais previsões climáticas ainda são muito inconsistentes, indicando que existe igual probabilidade para as três categorias:

acima, abaixo e dentro da faixa normal de precipitação para o trimestre agosto-setembro-outubro. Porém, é importante salientar que este trimestre tem uma média baixa (50 a 120 mm), principalmente em agosto e setembro; e, caso a região seja atingida pelos efeitos do El Niño, tais efeitos serão mais bem percebidos em meados de novembro e início de dezembro. E isso é particularmente preocupante se considerarmos que grande parte das áreas atingidas pela seca este ano, como o sertão nordestino e o Oeste Baiano, correm um risco significativo de continuar com escassez hídrica no final de 2012 e no início de 2013.

Por fim, é importante observar que os prognósticos climáticos são probabilísticos, portanto, indicando chance maior ou menor de ocorrer determinada condição do clima. A previsão climática trimestral que é feita em conjunto pelo Inmet e pelo Cptec pode ser acessada no sítio pela internet (www.inmet.gov.br) na opção Clima, além de encontrar outros produtos de prognóstico e de monitoramento do clima no Brasil atualizados mensalmente. 

Esta reportagem foi escolhida pelo leitor da revista A Granja, que votou por meio da newsletter Agronews. Aproveite agora e escolha entre as três reportagens que estão em votação a que você prefere ver estampada nas páginas de nossa revista.

Caso ainda não receba a newsletter, cadastre-se no site www.agranja.com

Com o **scadiagro** você controla os custos de suas atividades de forma prática e objetiva.

Através do lançamento da movimentação financeira você tem a informação gerencial e fiscal de forma integrada.

De forma simples e confiável tenha as informações que facilitam a gestão de sua atividade.

 **Solicite uma visita**

www.scadiagro.com.br

scadiagro 

Software de Gestão

**Simplificando a
gestão
do Agronegócio**

Contato : (51) 3026.0096
comercial@scadiagro.com.br

ETANOL de milho, **alternativa viável**

O cereal oferece algumas vantagens em relação à cana na geração do biocombustível, como a possibilidade de armazenamento do grão e, assim, o processamento, quando necessário

Ricardo Giannini, sócio-diretor da Céleres Consultoria

O etanol de milho é hoje uma opção viável e muito importante para o Brasil. Com uma área estimada em mais de 15 milhões de hectares, segundo a Companhia Nacional

de Abastecimento (Conab), e o mercado interno aquecido, a utilização do grão para produção de energia é a mais nova aposta do setor. A safra passada de cana-de-açúcar registrou queda e,

por isso, esse é um ano de incertezas para o etanol em algumas regiões. Nesse cenário, a produção excelente do milho nos coloca em uma situação mais confortável, comparada ao resto do



Foto: Divulgação

mundo.

Em novembro, foi anunciada a implantação da primeira planta para produção comercial de etanol de milho no Brasil, em Campos de Júlio, no oeste do Mato Grosso. É a primeira experiência desse tipo por aqui e será utilizada o milho excedente da região. Esse é um passo muito importante em um país no qual a cultura do combustível alternativo está relacionada ao etanol de cana, mas isso não significa que o etanol como conhecemos deixará de ser o mais eficaz.

O nosso etanol de cana-de-açúcar traz uma longa história de desenvolvimento tecnológico, que permite a obtenção, hoje, de até 8 mil litros de etanol por hectare de cana, com um custo de investimento entre R\$ 150 e R\$ 200 por tonelada de moagem anual, ou cerca de R\$ 1,58 a R\$ 2,11 por litro da capacidade anual de produção de etanol. A eficiência é inquestionável. O processo comercial de obtenção de etanol através da cana-de-açúcar é melhor

e demanda menor área de plantio. Mas, em um momento incerto, o milho se apresenta como possibilidade viável e muito interessante.

Mesmo com essa situação, no entanto, existem diversas razões para se investir no etanol de milho. Somos um país de dimensões continentais, com conhecidas dificuldades logísticas, que aumentam os custos de distribuição do que quer que seja produzido. Acontece que o nosso etanol compete pela cana com o açúcar, que, muitas vezes, oferece melhores margens e nos leva a importar o etanol americano, elevando os preços nas bombas. Justo o Brasil, que domina as mais avançadas tecnologias e foi pioneiro na produção desse combustível, se vê obrigado a importar o produto para manter o abastecimento interno. Essa situação, somada à dificuldade de escoamento do milho, resulta em uma possibilidade nova, mas rentável, que é a produção do novo modelo de etanol, por meio do grão, especialmente em regiões em que os

obstáculos logísticos fazem jogar para cima os preços do combustível extraído da cana.

Vantagens — Além disso, o milho apresenta algumas vantagens em relação à cana-de-açúcar. A primeira se dá no armazenamento, já que pode ficar retido por meses. O investimento em processamento de milho para produção de etanol também é vantajoso: cerca de 60% do custo do investimento por litro de uma usina de cana-de-açúcar. Fora isso, o mercado de milho é bem estruturado e com fortes referências na bolsa de mercadorias e em mercados futuros, o que dispensa a necessidade de produção própria de grãos. Em relação aos custos operacionais, a matéria-prima de cana representa 51% dos custos. No caso do milho, esse índice é de 56%, considerando-se o retorno obtido com a venda do farelo.

Paralelo a isso, a produção de etanol a partir da cana-de-açúcar tem algumas particularidades. O processamento deve ser feito em curto espaço

Está chegando a hora de fazer silagem!

E para ter a melhor Silagem...

**7 Lactobacillus
vivos + Enzimas**

LactoSilo®
INOCULANTE PARA SILAGEM
Gold

★ **Único Inoculante para todos os tipos de silagem;**

★ **Abertura do silo em 48h;**

★ **Ganho na produção de carne e leite;**

★ **Evita perdas de silagem.**



NITRAL
URBANA
Invenção e Patente

Visite nosso site e conheça toda a linha de produtos Nitral Urbana.

www.nitralurbana.com.br

No Nordeste, nos últimos 20 anos, para produzir uma tonelada de milho, a necessidade de área caiu pela metade, de 0,46 hectare para 0,23 hectare, um reflexo dos ganhos de produtividade

de tempo, antes que ocorra sua degradação e a perda de rendimento. Isso também obriga as usinas a parar a produção na entressafra, já que não se pode armazenar cana cortada e a necessidade operacional da produção das usinas depende da demanda do consumo. O preço da matéria-prima é regulado pela relação entre a oferta e a demanda regional, com indicadores dados por organizações locais, como Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica) e Conselho dos Produtores de Cana-de-Açúcar, Açúcar e Álcool do Estado de São Paulo (Consecana).

Podemos observar também outras características das duas opções de etanol. Entre os aspectos mais marcantes que diferenciam as duas tecnologias, estão as maiores produtividades da usina de etanol de milho, que é rico em carboidratos, e a menor demanda de área plantada na produção de etanol de cana, com possibilidade de cogeração de energia a partir do bagaço. A avaliação, considerando a produção de etanol de milho no Brasil, é que uma unidade de processamento do grão, por via seca, com capacidade para moer mil toneladas por dia, fornece cerca de



360 litros de etanol. Dessa forma, essa planta produziria 122 milhões de litros de etanol por ano, operando 340 dias no ano. Já o investimento para uma unidade como essa é de cerca de R\$ 120 milhões a R\$ 150 milhões. Os custos operacionais, ajustados aos preços de insumos no Brasil, ficam na ordem de US\$ 75 por tonelada, sem considerar os custos de aquisição do milho.

O Centro-Oeste figura como a segunda maior região de produção de milho no Brasil e, portanto, o etanol do grão se torna uma opção bastante viável. Na região os preços do milho são menores, as cidades estão mais distantes dos portos e há excedente de produção. A região da chamada Mapito (Maranhão-Piauí-Tocantins) também se torna uma das opções para produção de etanol de milho. Embora a Região Nordeste seja uma importadora de milho, a adoção crescente de novas tecno-

logias tem promovido uma verdadeira e silenciosa revolução na produção de milho no país. Nos últimos 20 anos, para produzir uma tonelada de milho, a necessidade de área caiu pela metade, de 0,46 hectare para 0,23 hectare, devido ao reflexo dos ganhos de produtividade no campo, um recuo de 50% na necessidade de área para um dado volume de milho.

As características das safras de milho em diversas regiões do Brasil, portanto, favorecem uma operação de consumo local e, no caso de uma unidade de produção de etanol à base de milho, a estrutura do empreendimento seria melhorada pela aquisição planejada da matéria-prima. O ponto de destaque, então, são o uso e o aproveitamento do excedente do grão para suprir algumas necessidades nacionais e as centenas de empregos diretos e indiretos criados com as usinas de produção de etanol de milho. O consumo anual de milho seria suficiente para desafogar a necessidade do uso de Prêmio de Escoamento de Produto (PEP), auxiliar no escoamento da safra, gerar riqueza para as regiões e melhorar a fixação do homem no campo. A cana-de-açúcar ainda será a principal fonte do etanol brasileiro, mas a capacidade do milho deve ser considerada e, assim, o país se colocará na vanguarda em mais uma vertente de produção agrícola. 



Giannini: “O investimento em processamento de milho para produção de etanol também é vantajoso: cerca de 60% do custo do investimento por litro de uma usina de cana-de-açúcar”



VENHA CONHECER A NOVA FAMÍLIA

UNIPORT

SURPREENDA-SE



VISITE NOSSO ESTANDE NA EXPOINTER 2012



Facilidades apenas para a **BUROCRACIA**

Muitos são os desafios e também as soluções para se obter uma evolução sustentável da oferta de crédito para o campo e para a segurança do agente financiador. E, assim, como consequência, reduzir a taxa de juros na agricultura, sobretudo ao produtor

Fernando Lobo Pimentel, engenheiro agrônomo, advogado, MBA-FDC, diretor da Agrosecurity Consultoria e da Sociedade Nacional da Agricultura (SNA)

A crescente demanda por grãos e outros gêneros, que deriva não só do processo de crescimento populacional (já somos 7 bilhões), mas também do processo de urbanização e alteração do padrão alimentar na Ásia, vem sendo reportada por vários estudos conduzidos por Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), Ministério da Agricultura, etc. E, em todos os casos, colocam o Brasil como protagonista no suprimento dessa “explosiva” demanda, particularmente por soja e milho. Na mesma linha de projeção e análise, um estudo mais recente conduzido pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) e pelo Instituto de Estudos do Comércio e Negociações Internacionais (Icône) indicou que, entre 2002 e 2011, incorporamos à produção nacional agropecuária 1,212 milhão de hectares/ano, enquanto a estimativa para o período entre

2012 e 2022 é de expansão de 443 mil hectares/ano. Nesse contexto, é importante salientar que no mesmo estudo prevê-se uma melhor utilização do solo com a ampliação da área da segunda safra de milho, o que já vem sendo constatado particularmente na safra atual.

Apesar deste artigo ter como foco o assunto “Crédito, Operações com Commodities e a Gestão de Recebíveis no Agronegócio”, é importante fundamentar com as perspectivas de crescimento para termos uma visão mais clara dos desafios que temos superado e os que ainda vamos ter que enfrentar para financiar, em uma avaliação mais resumida, a ampliação da produção nacional de grão em 40% no decênio 2010/2020.

Complexidade — O Brasil tem uma das matrizes mais complexas do planeta no que tange ao financiamento agrícola. Isso se deve a vários aspectos, tais como burocracia e insuficiência de recursos nas linhas regu-

lamentares do Sistema Nacional de Crédito Rural, elevadas taxas de juros nas linhas de mercado, “paura” (do italiano, aversão a algo, medo excessivo, pavor, etc.) dos bancos em financiar diretamente os produtores rurais;

■ O Sistema Nacional do Crédito Rural, que, vinculado aos depósitos à vista dos bancos, não cobre toda a demanda de custeio;

■ As elevadas taxas de juros nas linhas de mercado, o que gera oportunidade dos intermediários e fornecedores atuarem como “bancos” ganhando no spread financeiro;

■ Verdadeira *paura* dos bancos em financiar diretamente os produtores rurais, sendo que apenas alguns bancos oferecem linhas aos produtores. E operações de venda a prazo-safra como elemento de fidelização e diferenciação para empresas de insumos, entre outras.

O fluxograma 1 demonstra de forma simplificada as vias pelas quais o

Venha conhecer na Expointer 2012

O seu caminhão
MAXIMUS



Jan

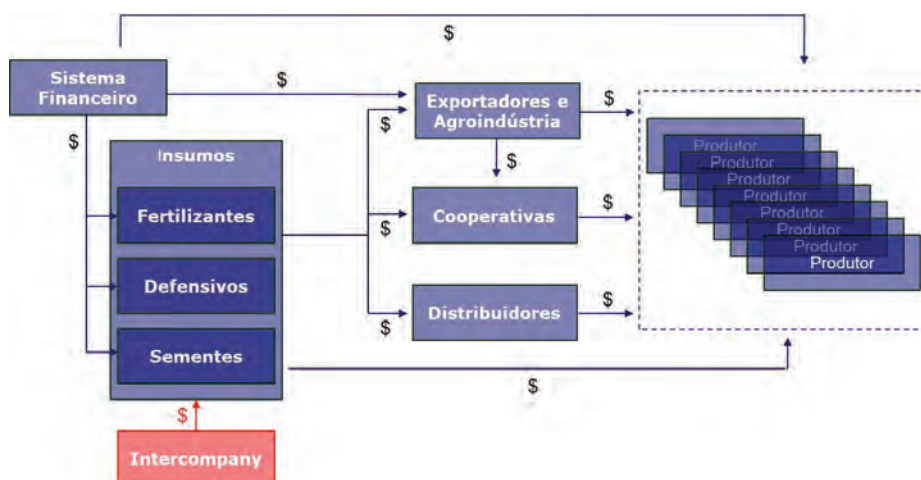
Implementos Agrícolas Jan S/A
Av. Dr. Waldomiro Graeff, 557 - Caixa Postal: 54
Tel: (+55 54) 3332 6500 - Fax: (+55 54) 3332 1712
decom@jan.com.br - www.jan.com.br
CEP: 99470-000 - Não-Me-Toque/RS/Brasil

recurso passa até chegar ao produtor. Vale lembrar que os produtores podem operar por uma via ou por mais de uma ao mesmo tempo. Olhando para o fluxograma, alguém poderia interpretar que o nosso sistema de financiamento é um pouco caótico, e de fato é, permitindo sobreposições, excessiva arbitragem, baixa padronização, pouca governança, etc. Por outro lado, isso não é um aspecto totalmente negativo, apesar de, em muitos casos, penalizar o produtor com juros e custo operacional mais elevados, por trás dessa aparente desordem temos um modelo que permite ao produtor buscar alternativas em momentos de crise. A diversidade de financiadores exposta acima se soma a uma variedade de operações estruturadas individuais que vão desde a prefixação (hedging no mercado físico), passando pelo pré-pagamento, contrato a fixar, troca, opções, entre outras, em sua maioria lastreadas pela Cédula de Produto Rural (CPR) Física, que vem se consolidando como o maior diferencial de toda a estrutura de financiamento agrícola do país.

Hoje a CPR é reconhecida como modelo de sucesso também fora do Brasil. Em um estudo denominado Tradable Receipt Financing - The Cédula de Produto Rural in Brazil, que é parte de um trabalho de prospecção de iniciativas privadas globais Rural Finance Innovations, conduzido pelo então economista sênior, coordenador regional dos Programas em Agricultura e Meio-Ambiente do Banco Mundial, Eduardo Leão de Sousa, com a minha coautoria, levantamos todos os aspectos operacionais, estruturais e legais envolvendo a CPR e a CPR-F (Cédula do Produtor Rural Financeira). Esse trabalho tem sido usado por governos do Leste Europeu, em particular o da Ucrânia, para reestruturar seus modelos de financiamento rural. Hoje, na Ucrânia, opera-se com pré-pagamento de grãos e trocas nos moldes do que é feito aqui no Brasil.

Operações Estruturadas — Ao adotar em grande parte a originação de CPRs como ponto de partida, a cada dia fica mais claro para as áreas comerciais, tanto das instituições financeiras como das empresas de insumos, que as operações estruturadas

Fluxograma 1: vias pelas quais o recurso passa até chegar ao produtor



são uma demanda crescente e uma forma de fidelização e diferenciação perante seus clientes. É uma maneira de agregar valor às suas operações ordinárias pela oferta de serviços de interesse do seu mercado, tais como hedging, compartilhamento de risco de crédito, gestão de balanço, seguro rural, securitização e seção de crédito, entre outras. Uma estruturação simples que vem sendo utilizada em larga escala pelas empresas comerciais e, mais recentemente, até mesmo pelos bancos é a seção de crédito nas operações com CPRs.

Hoje, grandes corporações de insumos possuem acordos operacionais

com empresas de exportação nos quais os vendedores de produtos, ao operarem troca (barter) com produtores ou revendas, direcionam nas suas CPRs a entrega de grãos para a empresa parceira. Esse compromisso gera, em contrapartida, o acompanhamento e a entrega do produto, além do pagamento direto ao fornecedor de insumos sem que o recurso passe pela conta do produtor. Já existem variações dessa estrutura que incluem um banco na operação que antecipa recursos para a empresa de insumos e recebe diretamente da trading, atuando como um quarto elemento na estrutura. A vantagem nesse caso é a possibilidade de



PLANO AGRÍCOLA E PECUÁRIO 2012/2013

R\$ 115 BILHÕES QUE VÃO DO CAMPO PARA A MESA DO BRASILEIRO



Ter uma agricultura cada vez mais forte é fundamental para gerar riquezas, exportar mais e ajudar a combater a fome. Por isso, o Governo Federal investe mais a cada ano no desenvolvimento da agropecuária no Brasil. Com o Plano Agrícola 2012/2013 são R\$ 115 bilhões em financiamento para você, produtor rural. É assim, unindo forças que o Brasil aumenta os postos de trabalho e melhora a renda no campo. Ganha o produtor, ganha o consumidor, ganha todo o Brasil.

CRÉDITO RURAL • RECUPERAR ÁREAS DEGRADADAS • PLANTAR • COLHER • ARMAZENAR •
COMERCIALIZAR PRODUTOS • GARANTIA DE RENDA • FACILITAR O ACESSO AO SEGURO RURAL

Informe-se na rede de
assistência técnica
www.agricultura.gov.br

Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
Faz o bem e não faz mal

antecipar caixa junto ao sistema financeiro. Outro benefício que pode ser alcançado nessas estruturas envolvendo bancos é a possibilidade de se transferir parte do risco de crédito para uma instituição financeira, em operações de first loss ou risk sharing, eventualmente retirando do balanço o percentual de risco transferido.

Outras iniciativas, que envolvem estruturas mais complexas e reguladas por lei e instruções normativas do Banco Central e da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), são os Fundos de Investimento em Direitos Creditórios (FIDC) e os Certificado de Recebíveis do Agronegócio (CRA).

Essa segunda alternativa de operação estreou recentemente com emissões de direitos creditórios originados por vendas da Syngenta e da Cheminova, para a colocação de recebíveis de vendas no mercado financeiro com base na instrução CVM nº 400.

Gestão de recebíveis e seus desafios — Apesar dos esforços individuais de empresas e institucionais do Ministério da Agricultura e da Associação Brasileira do Agronegócio (Abag) para aproximar os mercados financeiros do agronegócio, essa aproximação segue em um ritmo lento e cauteloso. As iniciativas descritas acima, entre empresas comerciais e entidades financeiras, têm um impacto limitado, haja vista que os valores alcançados são imateriais em relação à de-

Fluxograma 2: etapas que deveriam ser cumpridas para se alcançar um nível de governança aceitável



manda anual total dos produtores rurais, estimada em torno de R\$ 180 bilhões. Mas toda evolução é bem-vinda.

O Ministério da Agricultura criou mais recentemente a Câmara Temática de Crédito e Comercialização do Agronegócio, que soma esforços com

os comitês da Abag na busca de soluções mais definitivas para ampliar a participação do mercado financeiro, sobretudo dos fundos de pensão, na promoção do crédito ao produtor e cooperativas. Em um evento recente coordenado por essas instituições, denominado Instrumentos de Crédito e Seguro para o Agronegócio, o diretor da Bolsa de Mercadorias & Futuros/Bovespa, Ivan Wedekin (ex-secretário de Políticas Agrícolas do Ministério da Agricultura), ilustrou, de forma didática, por meio do fluxograma 2, as etapas que deveriam ser cumpridas para se alcançar um nível de governança aceitável para o crédito no agronegócio.

Nessa ilustração, temos algumas soluções já em andamento, tais como o cadastro nacional de produtores, em negociação entre o Ministério da Agricultura e a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), e a iniciativa da Bolsa Brasileira de Mercadorias na criação do Sistema de Registro de Informações do Agronegócio (Iagro), que busca oferecer um ambiente onde as empresas registrarão suas operações de maneira consolidar o cumprimento dos contratos e de se obter um cadastro positivo dos originadores de títulos.

Wedekin destacou ainda a existência do sistema de gestão de crédito e rating, o Agrometrika, de iniciativa da Agrosecurity Consultoria, que busca

Grandes corporações de insumos possuem acordos operacionais com empresas de exportação de maneira a atuar em parceria na qual os vendedores de produtos operam troca (barter) com produtores ou revendas

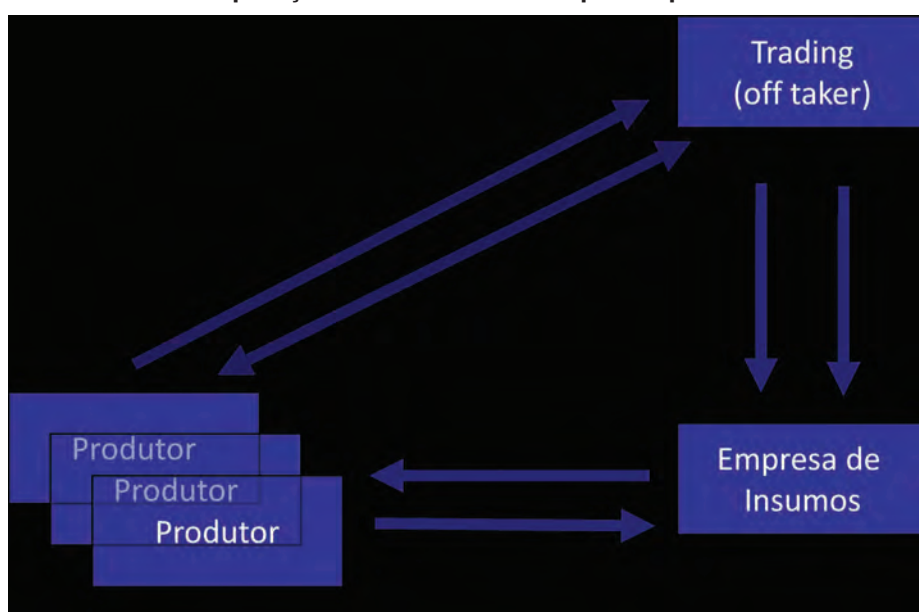


Leandro M. Mittmann

oferecer uma gestão completa para carteiras de recebíveis para bancos e empresas comerciais, oferecendo não só os raciais de rating para definição de créditos para usinas, revendas de insumos, cooperativas, cerealistas, etc., como também um backoffice de inteligência que atualiza automaticamente os indicadores econômicos por cultura/região, sem a necessária interferência do usuário. Com isso, é possível atualizar os ratings e acompanhar a qualidade da carteira, em tempo real, à medida que a safra e os preços evoluem.

Como é possível constatar, muitos são os desafios e as soluções existentes para se alcançar uma evolução sustentável da oferta de crédito, da segurança para o financiador e, consequentemente, redução de taxa de juros para os agentes do agronegócio, inclusive o produtor. A agricultura é uma atividade essencial, por razões óbvias, mas vem sendo colocada em um segundo plano pelo sistema financeiro pela dificuldade de entender como gerenciar

Crédito nas operações com CPRs usada por empresas e bancos



o seu risco a um custo razoável e na escala necessária para ser materialmente importante em competição com outros setores de interesse bancário. Cabe às instituições citadas criar o

ambiente de governança e abrir o caminho para atrair mais recursos e viabilizar crescimento para a produção agropecuária brasileira, já pressionada pela demanda global. 

PIVÔS



CARRETÉIS



TUBOS & CONEXÕES



Do grande ao pequeno produtor, a **KREBS** tem a solução ideal para sua lavoura.

Com 45 anos de tradição e o maior portfólio em irrigação do mercado brasileiro, as soluções KREBS alinham tecnologia, eficiência e respeito ambiental.



www.krebs.com.br
(19) 3119-4000



REVISTA KREBS

Cadastre-se em nosso site e receba gratuitamente a edição especial da **Revista KREBS** comemorativa de 45 anos.





Leandro M. Mittmann

Grande **OPORTUNIDADE** à cultura marginal

O sorgo sempre viveu à sombra do milho, mas a possibilidade de passar a ser utilizado para a geração de etanol pode levar o cereal a triplicar sua área no país

Rubens Augusto de Miranda, João Carlos Garcia, José Carlos Cruz, Jason de Oliveira Duarte, pesquisadores da Embrapa Milho e Sorgo

Assim como o milho, o sorgo é utilizado predominantemente para alimentação animal, sendo que no Brasil toda a produção é direcionada para esse fim. Apesar dessa predominância, o cereal também é utilizado na alimentação humana, principalmente em alguns países da África, da América Central e do sul da Ásia. Em Moçambique, por exemplo, o sorgo é um dos alimentos básicos da população. Em termos globais, a produção mundial se reduziu nos últimos 20 anos. Enquanto que na safra 1992/1993 se produziu mundialmente 65,4 milhões de toneladas, na 2011/2012 a produção foi de 54,5 milhões de toneladas. Entretanto, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) projeta que a produção aumentará para 61,7 milhões de toneladas na safra 2012/2013, portanto, inferior à obti-

da de 20 anos atrás.

Na contramão do que se observou no mercado global de sorgo, o desempenho da cultura no Brasil foi de crescimento. Segundo dados da Associação Paulista dos Produtores de Sementes, a produção brasileira de sorgo granífero passou de 281 mil toneladas em 1992/1993 para 2,4 milhões de toneladas em 2010/2011, o que consiste em um aumento de 754%. Entre as safras de 1985/1986 e 1994/1995, a área plantada oscilou na faixa de 200 mil hectares. E a partir da safra 1995/1996 a área passou a crescer, atingindo o pico de 1,03 milhão de hectares em 2003/2004. O que se observa desde então é uma nova estabilização da área de sorgo granífero. No que tange ao sorgo forrageiro, a área plantada de 80 mil hectares na safra 1992/1993 alcançou 325 mil hectares na safra 2010/

2011, com um pico de 414 mil hectares em 2008/2009.

Cerrado — O aumento da área plantada do sorgo granífero se deve ao avanço da cultura no cerrado. No início da década de 1980, o plantio de sorgo granífero no Brasil estava concentrado nos estados do Rio Grande do Sul (plantado na época normal) e de São Paulo, que responderam por 94% da produção em 1980/1981. Esse predomínio caiu para 75% na safra 1992/1993 e continuou em queda. No momento, a produção de sorgo é concentrada na Região Centro-Oeste, plantado na safrinha, geralmente após a colheita de soja, que foi responsável por 67% da produção nacional em 2011/2012. O maior produtor é o estado de Goiás (em regiões de safrinha, em plantios realizados em épocas não mais recomendadas para o plantio do milho).

UM NOVO TEMPO

**GSI é MAIS
VALOR** na sua
produção.

Quem tem
comprova:
**o Process Dryer
rende mais.**

"O Process Dryer tem uma
velocidade boa de secagem,
proporciona uma economia
razoável de energia e, o
mais importante, mantém
a qualidade do grão: ele
não quebra e não fica com
cheiro de fumaça".

*José Joaquim Ferreira,
Agropecuária Cerquinha,
Vacaria - RS*

DESEMPENHO SUPERIOR. RESULTADO INSUPERÁVEL.

A GSI é líder mundial em sistemas de armazenagem de grãos, e conta com uma fábrica no Brasil para atender a toda a América do Sul, com a mesma qualidade reconhecida pelos principais produtores e cerealistas de todos os continentes.

Sistemas robustos e confiáveis, que fazem a diferença na sua rentabilidade, com **maior capacidade** de recebimento, funcionamento constante **durante toda a safra**, menor consumo de energia e o máximo de segurança contra a ação do tempo.

Tenha o desempenho líder mundial ao seu lado. Escolha a GSI. Consulte nossos especialistas e veja o que a tecnologia líder mundial em armazenagem pode fazer para a sua safra render dobrado.

Com GSI, um novo tempo no campo começa agora.



GSI é uma marca mundial da AGCO.



Como o plantio é realizado geralmente em condições mais restritivas, em termos de precipitação, os agricultores geralmente conduzem as lavouras com o uso de sistemas de produção com baixo uso de insumos. Os principais fatores que influenciaram o crescimento da produção de sorgo no país e a sua região de cultivo foram o desenvolvimento do sistema de plantio direto e a produção de soja, cultura com a qual o sorgo faz sucessão na safrinha. Assim como a criação do Grupo Pró Sorgo no início da década de 1990. O referido Grupo era constituído de representantes da indústria de sementes, da pesquisa agropecuária, de instituições públicas e outros, que teve como objetivo o fomento da produção de sorgo no Brasil, apostando na divulgação das potencialidades da cultura.

Apesar de ser o quinto cereal mais importante do mundo (atrás apenas de trigo, milho, arroz e cevada), o sorgo sempre teve um papel marginal em relação à cultura do milho. A razão disso é que o milho consiste em uma cultura comercialmente mais atrativa, com maior quantidade de produtos derivados, e possui características mais apreciadas, conhecidas e estudadas. Apesar dessas desvantagens, talvez o fator que mais restringe o desenvolvimento do mercado do sorgo granífero no Brasil é o atrelamento do seu preço ao do milho em um patamar inferior. No geral, o preço do sorgo é 20% abaixo do valor do

milho. Embora ocorra este diferencial de preços, as lavouras de sorgo, por conta da baixa utilização de insumos, têm se mostrado ainda remuneradoras. Em decorrência do diferencial de preços, o sorgo destina-se principalmente para o uso em confinamentos de bovinos e na formulação de rações, em substituição ao milho, pois seu baixo custo o torna interessante como forma de reduzir o custo das rações.

Para etanol? — A possibilidade de utilização do sorgo sacarino para complementar a oferta de etanol na entressafra de cana-de-açúcar tem aberto novas possibilidades para a cultura. Isso porque o chamado sorgo sacarino, por possuir o colmo rico em açúcares, tem potencial para produzir etanol em quantidades economicamente viáveis e estabilizar a oferta de álcool combustível no Brasil ao longo do ano, algo considerado de grande importância estratégica.

Atentando para o surgimento desse novo nicho, grandes grupos produtores de álcool, como São Martinho, Raízen, Bunge e ETH, estão testando o sorgo sacarino para a produção de etanol em suas usinas. Os resultados iniciais dessas empresas ficaram aquém do esperado, com a produção de combustível variando entre 900 e 1.200 litros por hectare. Entretanto, tais resultados, a princípio pouco promissores, decorrem da inexistência de um sistema de produção adequado para a utilização do

sorgo sacarino, o que levou a uma série de equívocos. Assim, há o entendimento de que um manejo cultural mais adequado deve elevar a produção de álcool a, pelo menos, 2.400 litros/hectare. O Governo Federal pretende incentivar a produção de etanol a partir do sorgo sacarino, plantado em áreas de reforma de canaviais. Para tanto, serão liberados R\$ 270 milhões para financiar o cultivo de sorgo sacarino nessas áreas. O objetivo é aumentar a área da cultura para 120 mil hectares na próxima safra, ante os 20 mil plantados na safra 2010/2011.

A Embrapa Milho e Sorgo tem trabalhado na melhoria do sistema de produção do sorgo sacarino. Há indicações para um manejo mais adequado, que, somado a cultivares com maior teor de açúcares, tem gerado resultados promissores. O trabalho da empresa junto a produtores familiares no Rio Grande do Sul obteve resultados de até 4.800 litros/hectare na última safra. Caso esses resultados venham a se estender aos grandes grupos produtores, um grande mercado irá se abrir para a cultura, podendo a área plantada de sorgo triplicar em três ou quatro anos, atingindo, pelo menos, 3 milhões de hectares, sendo metade de sorgo sacarino. Nesse sentido, o mercado estará de olho nas próximas safras de sorgo sacarino, que serão cruciais para o futuro desta cultura no Brasil e, talvez, no mundo. 



Pulverizador Attack Pastus
Mod. 400/600 sem ou com barramento



Pulverizador Attack Hidráulico
Mod. 600/800



Semeadeira Sembra
300/400/600 P



Semeadeira Sembra
Mod. 1000/1300 P AV
Mod. 1300/3500/5500 PAH



Distribuidor de Esterco Líquido - DELN
Mod. 2000/3000/4000/5000/6000/8000 litros

Fone: (19) 3843.9900 - Fax: (19) 3863.2951
Site: www.incomagri.com.br
E-mail: vendas@incomagri.com.br

Incomagri
Inovando Sempre



Marcher e silo-bolsa. O novo jeito de armazenar do Brasil.

Com os implementos Marcher e o sistema silo-bolsa, você conta com uma tecnologia inovadora de armazenagem de grãos. É mais produtividade, lucratividade e diversas vantagens para o seu negócio:

- **ECONOMIA:** baixo investimento inicial e rápido retorno.
- **FLEXIBILIDADE:** facilidade para separar os diferentes tipos de grãos.
- **SEGURANÇA:** garantia total na preservação dos grãos.

Para mais informações, acesse www.marcher.com.br ou ligue (51) 3484.5500.



INGRAIN200 ENERGY

MARCHER
BRASIL

"Onde deseja estar daqui a **DEZ ANOS**"



Fotos: Divulgação

Os profissionais do agro que almejam sucesso, hoje e no futuro, necessariamente precisam buscar uma formação diferenciada em relação ao praticado

Engenheiro agrônomo Lucio Zobot, doutor em Agronomia, consultor, luciozobot@yahoo.com.br

Ao atingirmos a histórica marca de 7 bilhões de habitantes e observando no horizonte próximo a chegada aos 8 bilhões rapidamente, nos deparamos com o grandioso desafio: como alimentar a população que cresce exponencialmente? Esse grande desafio traz consigo outras gigantescas expectativas: como produzir mais e melhor com menos recursos? Como desenvolver alternativas renováveis para a nossa matriz energética? Como tomar decisões baseadas em cenários vulneráveis, incertos, complexos e ambíguos? Como integrar, oferecer soluções e serviços em larga escala para os produtores? Como inovar e incorporar tecnologias aos sistemas produtivos constantemente sem perder de vista as questões acerca da sus-

tentabilidade do nosso planeta?

De maneira geral, nossos desafios enquanto profissionais do agronegócio extrapolam nossas competências técnicas e exigem conhecimento multidisciplinar, ou seja, envolvem questões sociais, biotecnológicas, energéticas, mercadológicas, gestão e inovação, entre outras. Ocorre que a formação acadêmica de boa parte dos profissionais que atuam no agronegócio não atende a essa necessidade multidisciplinar e a maioria das instituições prepara os egressos apenas tecnicamente para encarar o mercado de trabalho altamente exigente, dinâmico e impiedoso. Aliado a todos esses fatores, o Brasil, por suas características naturais, possui boa parte de sua agricultura desenvolvida em condições tropicais,

com alta pressão exploratória. Além disso, as grandes empresas do mercado privado que investem na agricultura brasileira são intensas e vanguardistas, oferecendo novas tecnologias safras após safras para produtores que, em sua maioria, ainda não estão plenamente preparados para desfrutá-las de maneira longa e eficiente.

Nesse sentido, os profissionais que atuam no agronegócio precisam conciliar esses cenários, o que certamente não é uma tarefa fácil. Tecnicamente, passamos pelo período de consolidação das tecnologias de proteção de cultivos, atualmente vivemos a era dos benefícios advindos da biotecnologia e, no futuro próximo, precisaremos integrá-las na medida certa e oferecê-las para o produ-

Série 70

A família de colheitadeiras
mais completa do Brasil.

JOHN DEERE

175

DESDE 1837



Série 70. A mais completa linha de colheitadeiras, no sistema saca-palha e rotor, atendendo às necessidades de todas as culturas brasileiras, também na versão arrozeira, de 180 a 325 cv. Confira no seu concessionário.



JOHN DEERE



JohnDeere.com.br



tor na forma de serviços, a fim de diminuir riscos, aumentar produtividade e rentabilidade.

Para atingirmos esses objetivos e enfrentarmos com êxito os grandes desafios que nos são impostos, precisamos repensar nossa formação profissional. A pergunta que precisamos fazer a nós mesmos, constantemente, é a seguinte: “O que estou incorporando ao meu perfil profissional é de boa qualidade?”.

Mesmo com resposta positiva, o que devemos ter claro no planejamento e na estruturação da nossa carreira é que o mercado exige que sejamos ótimos, que façamos diferente, que consigamos gerar valor e façamos com que o valor seja percebido em nossas ações.

Face ao exposto, os profissionais do agronegócio que almejam sucesso em suas carreiras, hoje e no futuro, necessitam buscar uma formação diferenciada em relação ao tradicionalmente praticado.

É fundamental para que possamos desempenhar nossas funções em quaisquer posições em que atuemos no agronegócio, ampliar nosso horizonte de saberes, buscar referências e estar conectado ao mercado e suas tendências.

Para tal, existe a necessidade de mudança profunda de *mind set* (mentalidade) e isso significa reformular a maneira de pensar nossas competências essenciais e complementares. Nossa competência essencial é basicamente voltada para a habilidade técnica (agronômica, por exemplo) e como focamos nossos esforços para desenvolvê-la ao máximo. De forma aditiva a essa formação, somos extremamente exigidos em nossas competências complementares, que envolvem habilidades como gerenciamento de projetos, insumos e capital intelectual, trabalhar em equipe e de forma colaborativa, tomar decisões em cenários de in-



Zabot: “Estruture sua carreira e pense nas consequências das suas escolhas referentes ao desenvolvimento profissional para curto, médio e longo prazo”

certeza, estar preparado para as mudanças e, principalmente, na capacidade de estabelecer bons relacionamentos com redes de contato e de negócios, gerando ambientes favoráveis e de resultados, o que é consequência de um perfil de liderança.

Atualmente, nossa formação técnica aliada a competências complementares nos posicionam no mercado com um perfil chamado de “T”, assim como descrito por Tom Kelley em seu livro “As 10 faces da inovação”, ou seja, profissionais que detêm ampla variedade de conhecimentos em campos correlatos do conhecimento, mas que também se aprofundaram em pelo menos uma área de expertise.

Em resumo, para que possamos nos manter capacitados frente aos desafios do agronegócio, obrigatoriamente, precisamos atender a três princípios básicos: a inteligência, a referência e a expe-

riência. Precisamos ser inteligentes para entender quais rumos o mercado está tomando, termos referência do que realmente está sendo realizado de forma excepcional no mercado e experiência, aprendendo, aplicando e compartilhando as expertises e os conhecimentos adquiridos ao longo do tempo. Para finalizar, dedique-se em ser o melhor no que você faz e não em ser o primeiro. Isso lhe garantirá excelência em suas ações. Estruture sua carreira e pense nas consequências das suas escolhas referentes ao desenvolvimento profissional para curto, médio e longo prazo, sem perder de vista “onde você deseja estar daqui a dez anos”. ■

Sistema + Gestão

Connectere
AgroGestão

Capacita e profissionaliza a gestão, viabilizando o resultado da propriedade rural

Dê um **UP** na Lavoura!

Com o jeito **UPL**
de Nutrir e Proteger

Potencializar a produtividade dos cultivos através do manejo diferenciado aliado à nutrição planejada e equilibrada. A UPL tem essa energia e pode dar um **UP nas Lavouras** do Brasil, fazendo a diferença com produtos e soluções de qualidade.

www.uplbrasil.com.br





Leandro M. Mittmann

Máquina valiosa e PROTEGIDA

O seguro de máquinas e implementos tem trocado o rótulo de despesa pelo de investimento na visão do produtor, visto o aumento dos furtos no campo e a necessidade de proteger estes patrimônios cada vez mais caros de acidentes na lida diária

Celso Casale, presidente da Câmara Setorial de Máquinas e Implementos Agrícolas da Associação Brasileira de Máquinas e Equipamentos (Abimaq)

No início deste ano, uma operação conjunta das polícias de várias cidades da região de São João da Boa Vista/SP desbaratou uma quadrilha de cinco pessoas que estava roubando equipamentos agrícolas em várias fazendas e sítios da região. Mais recentemente, no fim de junho, outra quadrilha foi desfeita, desta vez na região de Campinas/SP, demonstrando que a modalidade de furto ou

roubo de máquinas e equipamentos agrícolas entrou definitivamente no rol de preocupações da polícia e também dos produtores agrícolas de todo o país, uma vez que tal delito não se restringe ao estado de São Paulo.

Episódios de roubos de máquinas agrícolas como os descobertos pela polícia no interior paulista consolidam entre os empresários do agronegócio a certeza de que contratar seguro para

máquinas e implementos é uma iniciativa que precisa fazer parte do planejamento rotineiro do seu negócio. Diversos especialistas na gestão de agronegócio consideram que seguro está deixando de ser encarado como uma despesa indesejável para se tornar um investimento indispensável ao bom andamento das atividades no campo. O resultado disso é um número cada vez maior de produtores

contratando seguros para suas frotas de máquinas, implementos e equipamentos agrícolas, além de caminhões, picapes e até motocicletas utilizadas na lavoura.

As estimativas das principais seguradoras que operam com seguro agrícola confirmam essa tendência de grande interesse por apólices no segmento. Elas asseguram que nos últimos 15 anos o crescimento médio anual da venda de seguros, especificamente para máquinas e implementos agrícolas, se manteve na casa dos 10%. Contribuíram também para tal avanço os estímulos governamentais decorrentes dos subsídios à contratação de apólices que são embutidos, compulsoriamente, nos empréstimos oficiais para a aquisição das máquinas. Mas isso não tira o mérito de uma tendência de mudança na mentalidade em relação à busca por proteção de patrimônio por parte dos agricultores.

Uma consequência saudável e avissareira dessa maior propensão em reduzir riscos no seu negócio é o fato de que a disposição em adquirir um seguro é uma etapa que serve de comprovação do elevado grau de maturidade, modernização e profissionalização de um segmento econômico. Quando isso é notado no ramo agropecuário, como vem ocorrendo, temos a certeza do amadurecimento

geral da atividade. Tal mudança de comportamento talvez seja a parte mais vistosa dos avanços alcançados pelo agronegócio brasileiro nas últimas décadas, cujas taxas de crescimentos foram fundamentais para suportar o crescimento da economia brasileira. Trata-se de uma tendência natural do maior profissionalismo existente nos negócios no campo, que acaba ainda reforçando e comprovando o expressivo aumento de produtividade obtido pelo setor do agronegócio brasileiro nos últimos anos, uma vez que equipamento novo é sinônimo de colheita eficiente e produtiva.

Entendemos que o produtor brasileiro está incluindo seguro de máquinas, implementos em suas preocupações cotidianas por já dispor de uma frota modernizada, melhor equipada e com os mais avançados recursos tecnológicos disponíveis. Ninguém vai se preocupar em segurar equipamentos com tecnologia ultrapassada ou que pretende trocar. O que está sendo segurado, cada vez mais, são equipamentos novos que estão substituindo uma frota antiga.

Nesse ponto, mais uma vez entram em cena os estímulos governamentais para favorecer a renovação da frota, por meio de juros reduzidos e crédito fácil, que alavancaram as vendas de máquinas e implemen-

tos em toda a cadeia produtiva, sobretudo na última década. Programas como Finame-PSI, Mais Alimentos e incentivos estaduais voltados para o pequeno e o médio produtor rural foram fatores decisivos nesse movimento de renovação do parque de máquinas. Apesar de certo desaquecimento registrado nos últimos meses, a expectativa é de um aumento da ordem de 5% nas vendas deste ano. E não são apenas os grandes produtores que investiram e ampliaram suas frotas de máquinas. Também médios produtores e agricultores familiares puderam renovar suas frotas confirmando a universalização da expansão agrícola.

Era de esperar que a entrada em atividade de uma frota maior e rejuvenescida, acabasse por chamar a atenção de quadrilhas que se especializaram no roubo e na receptação de máquinas que, em geral, alimentam o mercado de componentes piratas, exatamente como ocorre nos desmanches de automóveis. Claro que não é somente o roubo de máquinas que leva o agricultor a fazer um seguro. Até porque, essa prática não é assim tão simples de ser realizada, uma vez que estamos tratando de equipamentos que podem chegar a pesar várias toneladas e são de dimensões avantajadas, cujo deslocamento não passaria despercebido. O



CONJUNTO DE AROS E PNEUS ESTREITOS PARA PULVERIZAÇÃO.

- + Aros altamente resistentes.**
- + Maior produtividade.**
- + Maior ganho de altura em relação ao solo.**



PARA TODAS AS MARCAS E MODELOS.

www.marini.agr.br - 54 3316- 4100

**Visite-nos na
Expointer**

risco de roubos e furtos é maior no caso de implementos e equipamentos de pequenas dimensões, pois são mais fáceis de serem roubados.

Proteção a acidentes — O que começa a se disseminar no meio agrícola é também a necessidade de se pensar na proteção dos equipamentos em relação a acidentes, incêndio e colisões. E acidentes no campo acontecem em maior número do que possa imaginar quem não atua na área. Tem de tudo na lida das máquinas na lavoura. São buracos, tocos, pedras, árvores, açudes que podem afundar ou tombar máquinas, além de uma infinidade de obstáculos que geram danos até mesmo na mais robusta das máquinas utilizadas na agropecuária. Fora os riscos relativos a impactos e colisões, em algumas regiões, aumenta também o perigo de incêndios, sobretudo em locais com clima muito seco, onde algumas culturas geram grande quantidade de resíduos de fácil combustão, como no caso da palhada seca do milho.

Outro apelo em favor da busca por apólices é o elevado investimento do agricultor na aquisição de sua frota. Com a ampliação do agronegócio e a demanda, cada vez maior, por equipamentos e máquinas mais potentes, sofisticadas e modernas, muitas delas com diversos componentes eletrônicos, os valores das máquinas tiveram expressivas valorizações. Na hora em que o produtor coloca na

ponta do lápis seus investimentos em máquinas, equipamentos e implementos, descobre que possui em seu galpão consideráveis fortunas. Nesse momento, ele se convence de que é melhor aplicar um pouco de seu ganho na preservação do patrimônio do que lamentar uma perda que pode, a depender de seu porte, colocar em risco seu empreendimento.

E a conta é amplamente favorável para a opção de contratar um seguro. Segundo cálculos de diversas companhias que operam com a modalidade de seguro rural, os valores das apólices nesse segmento de mercado equivalem atualmente a um percentual que varia entre 1% a 2% do valor da máquina ou implemento. Para uma base de comparação, as apólices no caso de automóveis chegam a superar e muito esse percentual, dependendo da região onde reside o segurado, sua faixa etária, se o condutor principal é homem ou mulher e, claro, do grau de sinistralidade do modelo, que tem enorme variedade.

As opções e modalidades de seguro existentes para implementos agrícolas são inúmeras e só variam de acordo com o perfil de atuação de cada seguradora. Além das cobertu-



Divulgação

As estimativas das principais seguradoras que operam com seguro agrícola confirmam a tendência de grande interesse por apólices no segmento, destaca Casale

ras clássicas, como roubo, colisão, incêndio, danos de causa externa (raio, vendaval, explosão, etc.), há companhias que também oferecem opções de cobertura para responsabilidade civil, danos elétricos, perda de aluguel e até seguro para cobrir o trajeto da concessionária até a propriedade.

Considerando todos esses pontos, se conclui que vem em boa hora a maior conscientização do agricultor sobre as vantagens de proteger seus equipamentos. Seja por qual motivo for que tal decisão foi tomada, a proteção do patrimônio contribui ainda para a manutenção da rentabilidade e da saúde econômico-financeira do empreendimento rural.

Para tanto, basta imaginar o rombo no caixa do agricultor que provocaria uma máquina parada em razão de um acidente. Ou pior, o seu roubo. Assim, quando o setor se conscientiza da importância do seguro para máquinas e equipamentos, está, em última instância, ajudando a perpetuar seu empreendimento, o que é salutar para toda a cadeia do agronegócio. 

São muitos os acidentes na lida de máquinas ou equipamentos na lavoura, que estragam e vão para conserto por causa de buracos, tocos, pedras, árvores e outros obstáculos que geram danos



Leonardo M. Mittmann



DE SEMPRE

Você ainda acha que sua lavoura está protegida contra ferrugem?

Decisivo como a primeira aplicação deve ser.

Fox é diferente de todos os demais fungicidas porque sua molécula inédita é ideal para as primeiras aplicações permitindo a eficácia que os fungicidas de sempre já não têm. Com Fox na primeira aplicação, só com ele, você tem mais certeza contra a doença que mais ataca a sua lavoura de soja. Não deixe para depois a proteção que você pode ter desde o início.

Fox – De primeira, sem dúvida.

Converse Bayer
0800 011 5560

 Bayer CropScience

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO



Faça o Manejo Integrado de Pragas.
Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos.
Uso exclusivamente agrícola.

Bem **DISTANTE** da rede mundial



Segundo uma recente pesquisa, 75% da população rural nunca acessou a internet, o que esclarece o grau de exclusão digital. Uma das explicações é que a maioria das tecnologias de acesso disponíveis nas cidades, como cabo, ADSL e 3G, nem chegaram ao campo

Rogério Calsavara, coordenador de Planejamento da Associação Brasileira de Telecomunicações Rurais (Abrater)

A revolução industrial marcou um período de intenso crescimento econômico do mundo e representou um marco de ruptura no desenvolvimento da humanidade. Porém, tal salto de desenvolvimento só foi possível

acompanhado da revolução da educação, com a alfabetização em massa da população para prover às pessoas o conhecimento necessário para acompanhar a evolução das máquinas. Atualmente, pode-se fazer um paralelo com

aquela situação. A revolução da tecnologia da informação está transformando a economia mundial e a sociedade humana com uma velocidade acelerada, porém, assim como a alfabetização foi necessária àquela época, atualmente

O Consórcio Nacional Metalfor é a grande chance de fazer o seu agronegócio crescer. Com pequenas parcelas mensais, você adquire os melhores pulverizadores com a mais alta tecnologia, e com a credibilidade Metalfor, que se destaca a mais de 10 anos no mercado brasileiro.



METALFOR

CONSÓRCIO NACIONAL

AS MELHORES TAXAS DO MERCADO!

- Diversas faixas de crédito, com prazos de até **100 meses** para pagar
- **Três opções** de pagamento:
 - parcela mensal integral
 - 1/2 parcela com reforço trimestral*
 - 1/2 parcela com reforço semestral*
- Válido para bens **novos ou usados** (com até dez anos de uso)



ITALFOR INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS LTDA.
Rua Anna Scremin, 300 - Distrito Industrial - Cep 84.043-465
Ponta Grossa - Paraná - Brasil
Telefone e fax: +55 (42) 3228-3100

CENTRAL DE PEÇAS E TREINAMENTO
Av. Miguel Sutil, 12002
Cuiabá - MT - Brasil
Fone: +55 (65) 3637 - 7173 / 8350

* Válidas somente no plano de 100 meses e para bens referenciados em máquinas e equipamentos agrícolas

Você planeja. Você realiza.

Para uma boa colheita, vigie seus cultivos!



Acesse e confira mais em www.metalfor.com.br

é a conexão à internet o item essencial para acompanhar os novos tempos. Sem ela, as pessoas ficam, literalmente, à margem da sociedade da informação, ficando prejudicadas nas suas relações pessoais e profissionais. E tal constatação também é válida quando se trata de países, pois é necessário uma população altamente conectada à internet para que o país seja um participante relevante na economia mundial e na sociedade global.

Felizmente, o Governo brasileiro reconhece a importância da internet no mundo globalizado de hoje e tem feito esforços para baratear a compra dos terminais de acesso pela população (computadores, smartphones e tablets), bem como melhorar a infraestrutura de telecomunicações e reduzir os preços dos planos de acesso à internet oferecido pelas empresas. Os principais esforços do Governo com esse intuito têm como foco as áreas urbanas, dado a quantidade muito maior de pessoas atingidas. Mas as áreas rurais não podem ser esquecidas nesse processo. Apesar da intensa urbanização ocorrida no Brasil, ainda há mais de 15% da população

brasileira vivendo no campo. Além de ser um percentual relativamente elevado, tal contingente representa quase 30 milhões de pessoas, mais do que o triplo da população da Suécia, por exemplo, e semelhante à população da Venezuela. Em termos econômicos, mais de 20% de toda a riqueza gerada no país está direta ou indiretamente ligada à área rural. Milhões de pessoas e bilhões de reais em riqueza gerada: as áreas rurais precisam de conexão à internet tanto quanto as zonas urbanas.

No entanto, se nas áreas urbanas a proporção da população que conta com algum tipo de acesso à internet já é muito abaixo da desejada, nas áreas rurais a situação é crítica. Segundo a última pesquisa do Comitê Gestor da Internet (CGI.br), 75% da população rural nunca acessou a internet sequer uma vez na vida, o que mostra o grau de exclusão digital a que a população rural está atualmente submetida. E, embora os motivos para tal índice extremamente alto de falta de acesso à internet sejam variados, apenas dois se destacam como os principais: custo elevado e falta de

disponibilidade do serviço, sendo que, ao contrário do que ocorre nas áreas urbanas, onde o custo elevado é apontado como o principal problema, nas áreas rurais o principal motivo para a falta de acesso é mesmo a falta de disponibilidade do serviço, ficando o custo elevado com o segundo lugar.

Custo e indisponibilidade de tecnologias — Na verdade, o problema principal é mesmo o custo do serviço, pois a disponibilidade existe, mesmo nas áreas rurais mais remotas. A ideia de que não há disponibilidade do acesso à internet nas áreas rurais ocorre porque quando pensamos em tecnologias de acesso, pensamos logo nas conexões via cabo, ADSL e 3G. E essas realmente não estão disponíveis nas áreas rurais. Mas muitos se esquecem dos provedores via rádio, que, através de antenas adequadas, conseguem prover o acesso à internet a distâncias consideráveis das cidades. Mas mesmo essa tecnologia tem o seu alcance limitado. No entanto, a conexão via satélite está disponível em qualquer ponto do território nacional e até mesmo no mar. O problema é que o

Quer conhecer o que há de melhor em máquinas que vem sendo produzidas em todos os continentes?

eima
international
2012



Bologna 7-11
novembro
2012

ESPOSIZIONE INTERNAZIONALE DI MACCHINE PER L'AGRICOLTURA E IL GIARDINAGGIO
INTERNATIONAL AGRICULTURAL AND GARDENING MACHINERY EXHIBITION



E mais! Salões paralelos ao EIMA:

- GREEN / Salão de Jardinagem
- COMPONENTI / Componentes
- EIMA ENERGY / Energia
- MIA / Gestão Agrícola

A Agritours Brasil leva você ao **EIMA INTERNACIONAL** em Bolonha, na Itália: de 7 a 15 de novembro de 2012

AGRITOURS BRASIL
AGRIBUSINESS

DESTAQUES DO ROTEIRO

- Dois dias de visita à feira;
- Visita a produtores com agregação de valor a produção agrícola;
- Visita em uma fábrica de máquinas agrícolas;
- Visita a uma fábrica de automóveis esportivos;
- Visita histórica em Milão e Verona.

Agritours Brasil Agribusiness

Av. Angélica, 2223 - CJ 905 - Consolação
CEP 01227-200 | São Paulo SP | Brasil
Tels: 11.3627-9824 | 11.3627-9826

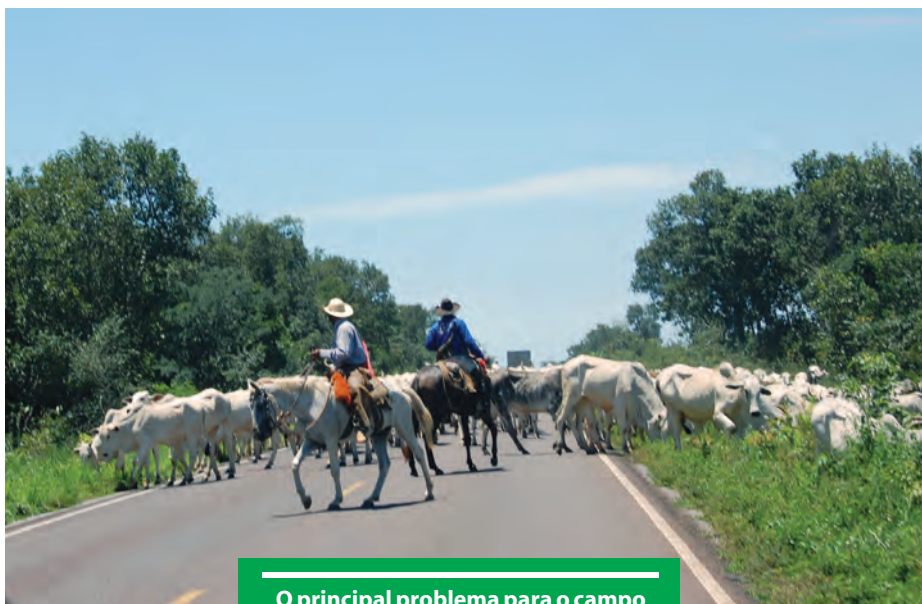
www.agritoursbrasil.com.br

seu custo é extremamente elevado, não só pelo equipamento necessário, mas, principalmente, pela mensalidade. O acesso à internet via satélite com a velocidade de 256 kbps, por exemplo, custa cerca de R\$ 500 por mês e ainda tem uma franquia de consumo de dados relativamente pequena.

Depois do satélite, a tecnologia que tem maior alcance é o acesso via rádio oferecido por pequenos e médios provedores. O investimento inicial em equipamentos para o consumidor poder ter acesso ao serviço é bastante acessível e a mensalidade é a mesma cobrada na cidade. Mas tal serviço depende do interesse dos provedores em ofertá-lo nas áreas rurais, pois para isso são necessários investimentos relativamente elevados do provedor em equipamentos, antenas, torres e repetidores de sinal e o provedor só irá fazê-lo caso haja uma quantidade de clientes suficientes para viabilizar economicamente a oferta do serviço. Caso contrário, mesmo sendo viável tecnicamente, por razões econômicas o provedor se limitará a atender somente os clientes dentro da área urbana.

Uma alternativa que possibilita o acesso à internet usando a infraestrutura existente das redes de telefonia celular são os amplificadores de celular, equipamentos que ligados a uma antena adequada amplificam o sinal da operadora e, assim, possibilitam o uso da internet 3G em locais mais distantes, onde não é possível usar o serviço apenas com o modem. Algumas empresas vendem o amplificador de celular já em um kit contendo o amplificador, a antena e todos os demais itens necessários em uma mesma caixa, que pode ser enviada pelo correio comum e é de fácil instalação, facilitando em muito o acesso à internet para quem não está muito distante de alguma cidade ou de uma torre de telefonia celular.

Por fim, nas áreas rurais imediatamente vizinhas às áreas urbanas, eventualmente é possível conseguir o acesso à internet 3G diretamente do modem, sem necessidade do amplificador de celular, mas dificilmente se consegue uma velocidade aceitável, pois a velocidade de conexão diminui à medida que a distância da torre da operadora aumenta. Resumindo, as alternativas atualmente existentes para a conexão à internet nas áreas rurais são o satélite, o provedor via rádio e o 3G, sendo que este pode ter seu alcance muito



Leandro M. Mitmann

O principal problema para o campo não ter acesso à internet é o alto custo deste serviço, que pode chegar à mensalidade de R\$ 500, pois a disponibilidade de tecnologias existe mesmo nas áreas rurais mais remotas

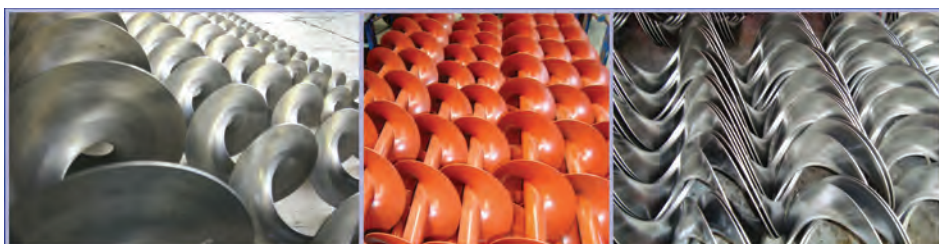
aumentando se o cliente usar um kit amplificador de celular.

Iniciativas do Governo — E como as iniciativas governamentais podem facilitar o acesso à internet do morador do campo? Há muitas iniciativas do Governo nesse sentido, sendo os telecentros rurais e o programa Gesac os de maior impacto até o momento, mas não são soluções definitivas do problema e nem se pretendem a tanto. Atualmente, as maiores esperanças estão no Programa Nacional da Banda Larga (PNBL) e na faixa de 450 MHz.

O PNBL visa oferecer links de inter-

net a preços reduzidos no atacado, ou seja, para os provedores de internet.

Com preços menores, obviamente torna-se viável economicamente aos provedores via rádio atender a clientes mais distantes da área urbana, pois o provedor pode manter o preço cobrado do cliente rural e compensar o aumento de custo em equipamentos, com a queda do custo da conexão comprada pelo provedor. Ou seja, apesar de o PNBL ter como objetivo final a queda do preço do acesso à internet nas áreas urbanas, também é possível que se aumente a cobertura das áreas



Produção de roscas transportadoras helicoidais de alta qualidade, helicóides especiais para diversos segmentos de mercado.

SCREW INDÚSTRIA METALMECÂNICA LTDA.
Rua Ricardo Schaurich, 3861 - Cep 96505-570
Distrito Industrial III
Cachoeira Do Sul/Rs/Brasil
(51) 3723 3000 - www.screw.ind.br



as rurais. No entanto, é importante salientar que o atendimento do consumidor final rural dependerá do interesse dos provedores de internet via rádio de aumentarem a sua cobertura.

Já o leilão da faixa de 450 MHz prometia ser a maior iniciativa do Governo para a universalização do acesso à internet no campo, pois as características técnicas desta frequência são muito favoráveis às telecomunicações rurais e o próprio Governo afirmava que a faixa de 450 MHz seria usada para prover o acesso à internet no campo. No entanto, já no edital do leilão, as regras não foram favoráveis a esse objetivo. A Agência Nacional das Telecomunicações (Anatel) abriu uma consulta pública sobre o leilão da faixa de 450 MHz e a quase totalidade das contribuições defendiam um leilão dividido por muitas áreas, onde cada ganhador seria responsável por um DDD, por um estado ou, no máximo, por uma região. No entanto, ao contrário do desejo da maioria, a faixa de 450 MHz foi leiloadada sem nenhuma divisão, ou seja, o ganhador da faixa teria que atender a totalidade do território nacional. Obviamente tal regra excluiu da disputa os pequenos e médios provedores de internet via rádio, que são os que poderiam fazer um melhor uso da faixa de 450 MHz para efetivamente atender as áreas rurais.

Segundo o edital, caso não houvesse interessados na faixa de 450 MHz nas condições propostas, aí sim a faixa seria dividida por áreas que seriam vendidas de forma vinculada com as faixas de 2,5 GHz, que serão usadas para o 4G (tecnologia que permite velocidades de conexão de até 100 Mbps). Os ganhadores das faixas de 2,5 GHz seriam responsáveis por atender as zonas rurais das suas áreas com a tecnologia de 450 MHz. O leilão ocorreu nos dias 12 e 13 de junho e todas as operadoras de telefonia celular arremataram faixas de 2,5 GHz e, segundo as regras do leilão, ficaram com a obrigatoriedade de atender as áreas rurais da seguinte forma:

- a Claro tem que atender a área rural de toda a região Norte, da Bahia e da área de registro (DDD) 11 e 12

- a Vivo tem que atender toda a região Nordeste, exceto a Bahia, de Minas Gerais e do estado de São Paulo, exceto as áreas de registro 11 e 12

- a TIM é responsável pelo atendi-



Segundo Calsavara, as maiores esperanças hoje para que o campo tenha acesso à internet estão no Programa Nacional da Banda Larga (PNBL) e na faixa de 450 MHz

mento da área rural de Santa Catarina, do Paraná, do estado do Rio de Janeiro e do Espírito Santo

- a Oi tem que atender a área rural do Rio Grande do Sul, de Goiás, do Distrito Federal, do Mato Grosso do Sul e do Mato Grosso

A princípio pode-se pensar que essa solução é melhor do que se as faixas de 450 MHz fossem divididas entre milhares de pequenos e médios provedores de internet, já que, inegavelmente, as grandes operadoras de telefonia celular têm muito mais capacidade de investimento do que os provedores. Porém, é importante frisar que, no caso dos provedores, o atendimento das áreas rurais usando a tecnologia de 450 MHz é comercialmente viável, ou seja, é um bom negócio. Já no caso das grandes operadoras, mesmo que não haja prejuízo atendendo as áreas rurais, esse serviço é muito menos rentável do que atender as cidades com o 4G, usando a tecnologia de 2,5 GHz, que é o que as operadoras realmente têm interesse. As obrigações rurais são, como o próprio nome colocado no edital das frequências afirma, uma obrigação. Ou seja, muito provavelmente será objeto de protelamento e tentativas de renegociação das grandes operadoras junto ao Governo, e, se não houver pulso firme por parte do Governo, tais obrigações não serão cumpridas.

Além disso, tais obrigações são muito menos abrangentes do que sugere o

simples termo “atendimento das áreas rurais”. Segundo o edital, a área de cobertura se limitará a 30 quilômetros de distância das cidades e, segundo o cronograma, apenas em 2015 atingirá 100% dos municípios brasileiros. E como será essa conexão? Velocidade de 256 kbps com uma franquia de 250 MB. Para efeitos de ilustração, a conexão à internet que as operadoras serão obrigadas a oferecer a todos os municípios brasileiros até 2015, desde que o cliente não esteja a mais de 30 quilômetros de distância da cidade, terá uma velocidade e uma franquia que permitirá a esse cliente fazer o download de um filme de qualidade baixa e só. Com apenas um filme a franquia já será atingida. E esse filme demorará cerca de 2 horas e 10 minutos para ser baixado.

E quem mora a mais de 30 quilômetros das cidades? Esses ainda poderão contar com os serviços de satélite, dos provedores via rádio que se dispuserem a atender a essa distância e dos amplificadores celulares, se a topografia for favorável. Caso não seja possível a utilização dos amplificadores de celular, nenhum provedor de internet via rádio ofereça o serviço e o cidadão não possa arcar com os elevados custos do acesso via satélite, restará a esse cidadão apenas se conformar com a sua situação de exclusão digital, com todas as consequências negativas que advêm dessa situação e que só tendem a agravar com o passar do tempo. ❌

35ª EXPOINTER. Veja de perto as inovações e a qualidade do agronegócio gaúcho.

De 25 de agosto a 2 de setembro/2012,
no Parque de Exposições Assis Brasil • Esteio • RS



Rio Grande mais sustentável, economia mais forte.

Secretaria da Agricultura,
Pecuária e Agronegócio



FEED 2012, o Plano ABC esclarecido

A “popularização” do Plano ABC, o Plano de Agricultura de Baixo Carbono, será uma das abordagens do Fórum Internacional de Estudos Estratégicos para Desenvolvimento Agropecuário e Respeito ao Clima – o FEED 2012, que a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e instituições parceiras promovem no dia 17 de setembro em São Paulo. Um dos palestrantes deste painel, o pesquisador da Embrapa Eduardo Delgado Assad, lembra que o Plano ABC sofre duas ameaças: a falta de informação do produtor sobre como poderia se beneficiar e as barreiras tarifárias externas impostas aos produtos brasileiros, explicou ele à CNA.

O Plano ABC se baseia em métodos de produção e tecnologias de elevado grau de sustentabilidade por meio de

técnicas, estratégias, processos, métodos e sistemas que permitam conciliar a produção de alimentos, madeira e agroenergia com redução da emissão dos Gases de Efeito Estufa, um compromisso voluntário brasileiro. “Com o Plano ABC, o Governo Federal inicia, no Brasil, um novo ciclo de desenvolvimento agropecuário. Para o setor, o desafio é evoluir das práticas convencionais para uma agricultura de baixa emissão de carbono, sem deixar de proporcionar renda aos agricultores e alimentos de qualidade e baratos para a população”, explica a presidente da CNA, senadora Kátia Abreu.

Conforme o pesquisador Assad, o etanol brasileiro é um exemplo de produto que sofre restrições externas. “O receio é que mais barreiras sejam cria-

das aos produtos brasileiros, gerando obstáculos para que cheguem ao exterior”, afirma. A carne, a soja e o milho são alguns que já sofreram com essas barreiras. “É uma discussão inócua, que afirma que os nossos produtos em bioenergia substituem a produção de alimentos. O que não é verdade. A cultura ABC foi criada exatamente para desmitificar isso”, defende. Para ele, as tecnologias utilizadas na agricultura não dependem de área nem do tipo de agricultura, mas sim de boas práticas agrícolas. “Um dos pontos que iremos discutir é a necessidade de monitorar o plano e as medições adicionais às costumeiras, que serão necessárias para começar a incluir a agricultura no futuro mercado de carbono. Isso quer dizer, medir, relatar e validar o plano ao longo da sua execução.”

O etanol brasileiro é um exemplo de produto que sofre restrições externas e, por isso, estará em debate no simpósio



CONBAP

CONGRESSO BRASILEIRO DE AGRICULTURA DE PRECISÃO 2012

24 A 26 DE SETEMBRO

LOCAL: HOTEL JP - RIBEIRÃO PRETO, SP

Programação »

Segunda-Feira 24/09/2012

07h30 às 08h30 - Inscrições/Entrega de material
08h30 às 09h - Cerimônia de abertura
09h às 10h - Conferência: Os constantes desafios para a que a AP se estabeleça como um sistema de gestão das lavouras (Raj Khosla - Professor Colorado State University, Ft. Collins, CO, presidente da International Society of Precision Agriculture)
10h às 10h30 - Intervalo para café
10h30 às 12h10 - Sessões Técnicas e Sala do Mercado de AP
12h10 às 14h - Intervalo para almoço
14h às 14h40 - Palestra
14h50 às 16h10 - Sessões Técnicas e Sala do Mercado de AP
16h10 às 16h40 - Intervalo para café
16h40 às 18h30 - Paineis
18h45 às 21h - Coquetel

Terça-Feira 25/09/2012

08h30 às 10h30 - Sessões Técnicas e Sala do Mercado de AP
10h30 às 11h - Intervalo para café
11h às 12h - Conferência: O que podemos aproveitar das experiências da Austrália com AP (Rob Brambley - Principal Research Scientist - Precision Agriculture, CSIRO, Urrbrae, Australia)
12h às 13h40 - Intervalo para almoço
13h40 às 15h - Sessão de posters
15h30 às 16h - Intervalo para café
16h às 16h40 - Palestra
16h50 às 18h - Sessões Técnicas e Sala do Mercado de AP

Quarta-Feira 26/09/2012

08h às 09h - Sessões Técnicas e Sala do Mercado de AP
09h às 10h - Conferência: "Agricultura de Precisão na Austrália: situação atual e recentes desenvolvimentos" (Rob Brambley - Principal Research Scientist - Precision Agriculture, CSIRO, Urrbrae, Australia)
10h às 10h30 - Intervalo para café
10h30 às 12h30 - Paineis - Usuários de AP
12h30 às 12h45 - Encerramento

Para efetuar sua inscrição acesse nosso site

www.funep.org.br/eventos

Mais informações

Funep - Setor de Eventos

Fone: (16) 3209-1300 / Fax: (16) 3209-1303

e-mail: eventos@funep.org.br

CEP 14884-900 - Jaboatão, SP



MULHERES crescem na gestão do agronegócio

Esposas, filhas, mães e até avós ganham espaços – e destaque – pela capacidade particular de gerenciar empreendimentos agrícolas

Jussara Costa da Rosa, diretora geral do I-UMA – Instituição dos Mercados do Agronegócio

A presença da mulher na liderança dos negócios é uma realidade no Brasil e no mundo. No agronegócio essa situação não é diferente. São esposas, filhas, mães ou mesmo avós que, em um meio predominantemente masculino, se destacam pela capacidade de gerenciar fazendas, criações, escritórios, gabinetes e outros setores,

direta ou indiretamente, ligados ao mundo agro. Alguns estudos sobre o assunto demonstram que, só no país, 27% dos cargos de chefia são ocupados por mulheres. Na década de 1990, o sexo feminino representava 44,5% da força de trabalho e esse número hoje é ainda maior. As profissionais brasileiras almejam bons cargos e batalham por isso.

Só no campo, elas representam 43% de 1,3 bilhão de pequenos agricultores do mundo, segundo dados da Comissão sobre a Situação da Mulher (CSW), da Organização das Nações Unidas (ONU).

Números da FAO, órgão da ONU para Agricultura e Alimentação, vão ainda mais longe. Nos países menos desenvolvidos, por exemplo, as mulheres eco-



nomicamente ativas na agricultura chegam aos 70%. Na África, elas executam 80% dos trabalhos domésticos rurais. Em relação às propriedades, em 15 países da União Europeia, as mulheres são proprietárias de 20% de propriedades agrícolas, contra 77% dos homens e 3% do governo. São números muito significativos, especialmente considerando que essa é uma tendência crescente.

Para ter mais uma ideia do crescimento das mulheres nesse setor, no Brasil, o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) tem um departamento especial só para atender agricultoras. Chamado de Diretoria de Políticas para Mulheres Rurais (DPMR), o setor tem entre os principais projetos o Programa Nacional de Documentação das Trabalhadoras Rurais, o Pronaf Mulher,

o Programa Organização Produtiva de Mulheres Rurais e a Assistência Técnica e Extensão Rural para mulheres (Ater para mulheres). É uma prova da importância das nossas executivas do agronegócio e, também, das próprias agricultoras.

Hoje, as mulheres buscam cada vez

mais profissionalização, desde a formação acadêmica até educação especializada, mestrados, doutorados ou cursos de conhecimento aplicado. Elas se destacam e assumem posições importantes no campo ou na cidade, pois estudam e se preparam muito mais e melhor. Na área em que atuo, vemos um grande número de mulheres em busca de especialização e conhecimento aplicado no agronegócio, e elas são das mais variadas idades. É difícil estimar um número exato, mas esse ranking é crescente e a busca é de mulheres de todos os estados, mesmo aqueles que antes não tinham a cultura do trabalho feminino. A alta adesão aos cursos existentes pela profissionalização das mulheres em gestão rural é uma prova disso.

Administração mais sensível —

As mulheres são realmente pioneiras em inovar. Elas querem mostrar uma nova administração, mais sensível e adaptada às necessidades do mercado e, nesse aspecto, as informações e ferramentas em gestão e marketing são o caminho. Se as compararmos aos homens, de maneira geral, são mais ágeis ao lidar com diversas situações simultaneamente, a arriscar em novos projetos e na formação de parcerias.

O rótulo do sexo frágil não existe mais. As mulheres de hoje são capazes de gerenciar a casa, cuidar do marido e dos filhos e, ainda assim, estão dispostas a trilhar novos rumos e trabalhar em outras áreas. Elas quebram os paradigmas, se cobram e cobram aos outros da mesma maneira. Com isso, exercem a capacidade de liderar e se destacam pela visão empreendedora. Elas não querem atrapalhar os homens em seus res-

pectivos trabalhos, mas atuam a fim de somar na gestão, porque são capazes de entender questões estratégicas, que envolvam o seu negócio agropecuário, as cadeias produtivas, gestão da produção e finanças e dos negócios.

A atuação da mulher no campo também é um exercício de conciliação profissional e pessoal. Como geralmente trabalham diretamente com integrantes da família, aprendem a separar as emoções das cobranças profissionais. Deve ser assim para dar certo. Caso contrário, a relação entre trabalho e família estaria comprometida. Mesmo com tudo isso, é preciso lembrar que ainda existe muito preconceito com a mulher no meio rural. Muitos homens ainda carregam um sentimento machista de que o sexo feminino não tem espaço no campo e que as mulheres não são capazes de entender e atuar nessa área. É por isso também que nós temos que seguir atrás de mais especializações e experiências. Para mostrar e provar que somos capazes de trabalhar em qualquer setor, mesmo naqueles que, antes, eram dominados pelos homens.

O fato é que a atuação feminina no meio agro já é uma realidade. Ganhar o respeito da ala masculina do agronegócio não é uma tarefa fácil, mas não é impossível. O espaço para profissionalização da mulher no mundo do agronegócio existe e já é possível encontrar cursos, inclusive, focados na profissionalização da atuação feminina. Cabe às mulheres, portanto, correr atrás de aprimorar os conhecimentos no setor e consolidar participação no mercado de trabalho no agronegócio. ■

Com a Lavrale você ganha tempo e faz a sua produtividade crescer



Acesse www.lavrale.com.br e conheça a nossa linha completa de implementos agrícolas.

LAVRALE

54.3238.8500 - lavrale@lavrale.com.br

Uma **RADIOGRAFIA** da segurança alimentar

*O Economist Intelligence Unit e a DuPont criam o
Global Food Security Index*

Um amplo e detalhado levantamento sobre a segurança alimentar de 105 países pode ser consultado a partir do inédito estudo Global Food Security Index, desenvolvido pelo Economist Intelligence Unit (EIU), a unidade de pesquisa do grupo The Economist, e patrocinado em nível global pela DuPont, que solicitou o estudo ao EIU. A ferramenta interativa – que está no site foodsecurityindex.eiu.com – analisa os maiores desafios e vulnerabilidades relativos à segurança, acessibilidade e qualidade alimentar. O lançamento ocorreu ao mesmo tempo em quatro países – Brasil, Bélgica, Estados Unidos e África do Sul. Em São Paulo, o evento reuniu diversas lideranças do agronegócio brasileiro, além do presidente mundial da DuPont Pioneer Hi Bred, Paul Schickler, do presidente da DuPont no Brasil, Ricardo Vellutini, e do representante da EIU, Robert Wood.

O diagnóstico conclui que o Brasil é o 31º da lista liderada pelos Estados Unidos e que tem a República Democrática do Congo em último lugar. Na América Latina, o país ocupa a terceira posição, atrás de Chile e México. O ranking leva em consideração 25 indicadores divididos em três pilares: aces-

sibilidade (poder de compra de alimentos pelas pessoas), disponibilidade e qualidade e segurança. O Brasil se destaca em aspectos como o compromisso com padrões nutricionais e em programas para a segurança alimentar; ganhou nota média em itens, por exemplo, como o investimento público em pesquisa & desenvolvimento; já como pontos fracos, nenhuma novidade: a sua infraestrutura precária, principalmente em relação a estradas e portos.

Vellutini, presidente da DuPont no Brasil, explicou que o estudo vai informar “como estamos trabalhando para aumentar a produção e diminuir os desperdícios”. Para ele, “inovação e colaboração” são a resposta à pergunta sobre como aumentar a produção de alimentos no mundo. Já o presidente global da companhia, Schickler, lembrou que líderes foram chamados a agir pela segurança alimentar. “O maior desafio do século é alimentar o mundo”, destacou. “O avanço dos agricultores é a chave”, acrescentou. Wood, do EIU, mencionou que o estudo vai apontar o que os países realizando e o que precisam fazer em prol da segurança alimentar de suas populações. “A oferta varia muito entre os países mais ricos e mais pobres”, concluiu. 

Ricardo Vellutini, presidente da DuPont no Brasil; Paul Schickler, presidente mundial da DuPont Pioneer Hi Bred, e Robert Wood, representante da EIU, estiveram no lançamento do estudo, em São Paulo

O jornalista Leandro Mariani Mittmann esteve no lançamento do estudo a convite da DuPont



18 DE AGOSTO DIA NACIONAL DO CAMPO LIMPO

A comemoração é hoje,
mas as futuras gerações
vão comemorar os resultados
por muito tempo.



O campo está em festa! Há 10 anos, teve início o programa brasileiro de logística reversa de embalagens vazias de defensivos agrícolas, que hoje é referência para diversos setores e países. O compromisso dos agricultores, canais de distribuição, fabricantes e do poder público faz com que 94% das embalagens vazias plásticas sejam retiradas anualmente do meio ambiente. Ou seja: motivo é o que não falta para celebrar a construção de um planeta melhor. **Salva mais: Inpev.org.br.**

Realização:

Apoio*:

**Centrais de recebimento
de embalagens vazias.**

inpev
E seus associados

**Abag, Aenda, Andav, Andef,
Aprosoja, CNA, OCB, Sindag**

*ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO AGRONEGÓCIO (ABAG), ASSOCIAÇÃO DAS EMPRESAS NACIONAIS DE DEFENSIVOS AGRÍCOLAS (AENDA), ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DISTRIBUIDORES DE INSUMOS AGRÍCOLAS E VETERINÁRIOS (ANDAV), ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE DEFESA VEGETAL (ANDEF), ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS PRODUTORES DE SOJA (APROSOJA), CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA AGRICULTURA (CNA), ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS (OCB) E SINDICATO NACIONAL DA INDÚSTRIA DE PRODUTOS PARA DEFESA AGRÍCOLA (SINDAG).

Fitossanidade

em destaque



MOFO BRANCO é o **desafio da vez**

A doença, também chamada de podridão branca, pode provocar perdas de 30% ou mais em períodos chuvosos e quando medidas preventivas não forem tomadas

Engenheira agrônoma Vânia Lúcia do Nascimento, Fundação Goiás, vania@fundacaogo.com.br

O primeiro indício da presença do mofo branco é o aspecto murcho da planta, explica Vânia



Moho branco ou podridão branca da haste está disseminado por todas as regiões de condições climáticas com temperaturas amenas e alta umidade (Região Sul e chapadas dos cerrados, acima de 800 metros de altitude). Nesta situação, uma lavoura de soja pode sofrer, em média, perdas de 30% ou mais, em períodos chuvosos e quando medidas preventivas não são tomadas. O fungo infecta uma vasta gama de plantas cultivadas e daninhas, com exceção das gramíneas, e tem como hospedeiros mais de 400 espécies pertencentes a, aproximadamente, 200 gêneros botânicos. Entre as mais importantes culturas estão, além da soja, o feijão, o girassol, o algodão, o tomate industrial, a batata e algumas outras hortaliças. A fase mais vulnerável vai do estágio da floração plena (R2) ao início da formação das vagens (R3/R4). O fungo é capaz de infectar qualquer parte da planta, porém as infecções iniciam-se com mais frequência a partir das inflorescências e das axilas das folhas e dos ramos laterais.

No Brasil, a ocorrência de *Sclerotinia sclerotiorum* foi observada pela primeira vez em 1921, por Saccá, que verificou o fungo sobre *Solanum tuberosum* L., no estado de São Paulo. Nos anos seguintes, o patógeno foi verificado sobre diferentes hospedeiros em outros estados. *Sclerotinia sclerotiorum* é um patógeno de importância mundial. As estimativas de danos pela doença causada por este fungo giram em torno de 10% a 20%, já tendo sido registrados danos superiores a 50% em

casos severos. No Brasil esta doença é de maior importância em regiões em que ocorrem baixas temperaturas, principalmente em áreas de cultivo de girassol, cujos resíduos mantêm o inóculo em alta concentração.

Os primeiros sintomas são manchas de anarsarca que evoluem para coloração castanho-claro. Nos órgãos infectados são encontradas lesões encharcadas, de coloração parda e consistência mole com micélio branco de aspecto cottonoso, cobrindo os tecidos da planta. Em poucos dias, o micélio transforma-se em massa negra, rígida, o escleródio, que é a forma de resistência do fungo. Os escleródios variam em tamanho de poucos milímetros a alguns centímetros e são formados tanto na superfície como no interior da haste e das vagens infectadas. Com o progresso da doença, folhas e



Com o progresso da doença, as folhas e caules infectados tornam-se marrons e permanecem eretos mesmo com a morte da planta

ITAFORTE
BioProdutos

KOPPERT
BIOLOGICAL SYSTEMS

ITAFORTE
BioProdutos
Uma empresa Koppert

Quando duas grandes marcas se unem por uma causa, ações de resultado são mais do que uma consequência natural.

www.itaforte.com.br

Tel.: (15) 3271.2971

caules infectados tornam-se marrons e permanecem eretos mesmo com a morte da planta.

O *Sclerotinia sclerotiorum* pode sobreviver por vários anos na forma de escleródios no solo, sob condições de alta umidade e temperaturas variando de 10°C a 21°C, germinam e desenvolvem, na superfície do solo, os apotécios. Estes produzem ascósporos, que são liberados ao ar e são responsáveis pela infecção das plantas. Se estas condições não forem favoráveis, só haverá a germinação micelogênica, sendo este tipo de inóculo menos importante epidemiologicamente. A liberação dos ascósporos e a infecção da planta são estimuladas com o fechamento do dossel da cultura, afetado pelo menor espaçamento entre linhas. Temperaturas amenas em torno de 20°C e alta umidade relativa do ar são favoráveis ao desenvolvimento da doença. A transmissão por semente pode ocorrer tanto através de micélio dormente (interno) quanto por meio de escleródios misturados às sementes.

Diagnóstico e o difícil manejo —

O fungo ataca toda a parte aérea da planta, principalmente no início da floração ou após a polinização das flores. O primeiro indício da presença da doença é o aspecto murcho da planta. As lesões espalham-se rapidamente para as hastes, os ramos e as vagens. Nos tecidos infectados aparece uma eflorescência branca que lembra algodão, constituindo os sinais característicos da doença. Até a cultura chegar ao florescimento, dificilmente a doença torna-se importante. Após este período, a doença é disseminada rapidamente, porque a flor é fonte primária de energia, servindo de alimento para o fungo iniciar novas infecções. Quando a cultura é colhida, os escleródios formados nos tecidos vegetais podem cair ao solo e novamente tornar-se fonte de inóculo para a cultura subsequente e ir, assim, se multiplicando sucessivamente enquanto houver plantas hospedeiras.

O mofo branco ou podridão branca da haste da soja é uma doença difícil de ser manejada, e deve-se usar práti-

NO MT, CERCA DE 400 MIL HECTARES COM OCORRÊNCIA

No Mato Grosso, o mofo branco começa a colocar em alerta os produtores de soja. Até então considerada uma doença de regiões altas e de temperatura amena, o fungo já infestou áreas no sul do estado. Segundo o gerente institucional da Associação dos Produtores de Milho e Soja (Aprosoja), Nery Ribas (foto), as áreas com maior concentração da doença estão localizadas nos municípios de Jaciara, Alto Taquari, Campo Verde. “São regiões que possuem temperaturas mais amenas e isto favorece a proliferação do fungo, que necessita de menos horas de calor para desenvolvimento da doença”, destacou Ribas. O gerente estima que haja cerca de 400 mil hectares que já apresentaram algum tipo de ocorrência da doença no Mato Grosso.

A produtora rural e delegada da Aprosoja, Roseli Giachini, desenvolveu um trabalho de pesquisa sobre a doença, assunto que será defendido por ela numa tese de doutorado. “O mofo branco tem uma severidade comparada à ferrugem asiática. A doença afeta a produtividade das lavouras, como a ferrugem. O fungo ataca o caule da soja, impedindo a passagem da seiva e, em pouco tempo, a



planta seca”, alerta. Nery Ribas afirmou que de 2005 pra cá pesquisadores intensificaram os estudos sobre a moléstia. “Atualmente, as estratégias de prevenção e manejo para o controle da doença têm sido por meio do uso de fungicidas, o que apresenta um alto custo e eficiência questionável, pois o tratamento químico para essa doença é extremamente difícil, seja pela ausência de informações ou pela própria natureza do fungo, que pode sobreviver até 12 anos no solo”, explicou.

cas integradas para reduzir os riscos de ocorrência da doença. Em áreas onde ocorreram epidemias recentes, deve-se evitar o cultivo em sucessão com soja, girassol, canola, ervilha, feijão, alfafa, fumo, tomate e batata, entre outras culturas hospedeiras de *S. sclerotiorum*, retornando com esses hospedeiros na mesma área somente após, pelo menos, quatro anos. A rotação de culturas, portanto, deve ser feita com gramíneas. Devem-se evitar plantios adensados, os quais proporcionam ambiente ideal para o desenvolvimento do fungo.

O uso de fungicidas em parte aérea pode ser necessário quando outras

medidas não são suficientes para assegurar o controle. Ainda podem influenciar no sucesso de controle, pois afetam a aeração e o sombreamento da lavoura, o espaçamento de plantas, a densidade de semeadura e a arquitetura da planta.

A cobertura do solo com palha pode auxiliar a evitar a germinação carpogênica dos escleródios. O enterrio dos escleródios a 20 cm ou 30 cm de profundidade, com arado de aiveca, é também medida recomendável. Sob cultivo em plantio direto, os escleródios serão potencialmente eliminados por organismos competidores, como por bactérias e fungos de solo. 

**A Abag agradece a parceria
de Safras & Mercado
e do público que acompanhou
a transmissão via internet do
11º Congresso Brasileiro do Agronegócio**

Realização:



**Brasil
Alimentos
e Energias
Seguranças
Globais**

06 de agosto de 2012

O evento contou com importantes personalidades do agronegócio nacional e internacional.

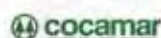
ASSISTA A GRAVAÇÃO EM:

www.safras.com.br/transmissaoonline
e fique por dentro dos debates sobre os rumos
de um dos principais setores da economia brasileira

Patrocínio



Patrocínio da Transmissão Online



Apoio



Um **COMPETIDOR** desigual e danoso

Estudo com a soja GM tolerante ao glifosato apontou perdas médias de 65% na produtividade em função da competição com o capim-amargoso

Daniel J. Soares e Ramiro López-Ovejero, da Regulamentação da Monsanto do Brasil

O capim-amargoso (*Digitaria inularis*, L., Fedde) é descrito na literatura como uma planta daninha nativa de regiões tropicais e subtropicais do continente americano. No Brasil, essa planta pode ser encontrada praticamente em todas as regiões, tanto em áreas agrícolas onde se tem os cultivos anuais e perenes, quanto em áreas não-agrícolas, como em terrenos baldios e áreas adjacentes a rodovias. O capim-amargoso não é de ocorrência exclusiva do Brasil, uma vez que em outros países da América do Sul, da América Central e da América do Norte também é reportada a sua ocorrência.

Essa planta daninha é uma gramínea perene, ereta, que apresenta caule sub-

terrâneo do tipo rizoma e colmos aéreos cilíndricos e caniculados atingindo a altura de até 1,5 metro. Durante seu crescimento e desenvolvimento, forma touceiras e pode se propagar vegetativamente pelo rizoma. Na fase sexuada, as panículas são muito vistosas e apresentam alta produção de sementes que, por serem pilosas, são facilmente transportadas pelo vento e por máquinas agrícolas (Kissmann, 1997; Lorenzi, 2000; Moreira, 2010; Carvalho, 2011). Em uma mesma touceira, ocorrem vários fluxos de florescimento, sendo que um fluxo pode produzir em média de 6,5 mil sementes por planta.

Como muitas gramíneas, é uma planta de ciclo fotossintético C4, cujo apro-

veitamento da luz solar e resposta fotossintética são maiores em condições ambientais de alta irradiância e temperatura elevada (Kissmann, 1997). Como essas condições são comuns durante a safra agrícola de verão no Brasil, a espécie encontra condições ideais para seu crescimento, desenvolvimento e reprodução. Além disso, as plantas desenvolvem-se bem em solos com alta ou baixa fertilidade, reproduzindo-se o ano todo.

O capim-amargoso apresenta seus principais fluxos de germinação-emergência nos períodos de primavera-verão. Num estudo de monitoramento do fluxo de emergência realizado no município de Santa Cruz das Palmeiras/SP durante o período de setembro de 2010 a maio de 2012, foi observado que 60% de todas plantas que emergiram nesse período ocorreram dentro dos meses de dezembro e janeiro. Outros estudos na literatura demonstraram que 75% das sementes de capim-amargoso emergem quando presentes nas camadas de 1 a 3 centímetros de profundidade do solo e que a máxima germinação ocorre na faixa de 20°C a 35°C de temperatura, independente da presença ou ausência de luz (Martins, et al., 2009; Mondo, et al., 2010).

Interferência nos cultivos — O capim-amargoso, como qualquer outra planta daninha, pode interferir negativamente nas culturas agrícolas de interesse quando compete diretamente por recursos limitados do meio, como água, luz, nutrientes e espaço (Pitelli, 1985). Relatos na literatura mostram que, em termos médios, 30% a 40% de redução da produção agrícola mundial são atribuí-



Fotos: Divulgação

dos à interferência das plantas daninhas (Lorenzi, 2006). Em um estudo de campo realizado durante a safra 2010/2011 em Colina/SP na cultura da soja geneticamente modificada tolerante ao glifosato, a perda na produtividade em função da competição do capim-amargoso foi em média de 65%. A interferência do capim-amargoso pode ser mais ou menos intensa, dependendo do seu manejo como planta daninha.

Métodos de controle — Dentre os métodos de controle de plantas daninhas disponíveis atualmente, o controle químico por meio de herbicidas, por uma série de fatores já conhecidos, é o mais utilizado. No mercado, vários herbicidas estão registrados para o controle do capim-amargoso em diversas culturas. São mais de 12 ingredientes ativos distribuídos em pelo menos sete mecanismos de ação diferentes (Ministério da Agricultura, 2012). Para se ter sucesso no controle dessa planta daninha, além de considerar todas as boas práticas agrícolas, alguns aspectos, como o estágio fenológico da planta e a época de aplicação do herbicida, são muito importantes.

No caso do glifosato, algumas pesquisas relataram que, mesmo em áreas onde há uma intensa pressão de seleção pelo herbicida, as plantas originárias de sementes são controladas quando jovens. Contudo, quando elas se desenvolvem e formam rizomas, seu controle é ineficiente. Uma das explicações é que a reserva de amido acumulada nos rizomas do capim-amargoso dificulta a translocação do glifosato e permite uma rápida rebrota da parte aérea após sua aplicação. Dessa forma, o melhor período para controle dessa espécie seria até os 35 dias após a emergência, antes da formação dos rizomas (Machado et al., 2006; Machado et al., 2008; Carvalho, 2011).

Quanto à época de aplicação, em um estudo de campo realizado no município de Santa Cruz das Palmeiras, observou-se que as plantas que emergiram e se desenvolveram na entressafra e foram roçadas no início do verão apresentaram quase o dobro de raízes em relação à parte aérea do que as plantas que não foram roçadas. Em outras palavras, uma situação que propicie o desenvolvimento das touceiras e o crescimento dos rizomas do capim amargoso

torna o seu manejo mais difícil, além de permitir o aumento da quantidade de sementes na área.

Como boa prática de manejo, o controle químico com outros mecanismos de ação deve ser utilizado. Dentre os herbicidas registrados, além do glifosato, são citados na literatura com bons resultados os herbicidas graminicidas sistêmicos (cletoxim, setoxydim, haloxyfop, fluzafop, cletoxim + fenoxafrop, tepraloxymid), os herbicidas com ação de contato (paraquat, diuron + paraquat, amônio-glufosinato) e herbicidas pré-emergentes com ação residual (alachlor e s-metolachlor) aplicados de acordo com as recomendações dos fabricantes (Adegas et al., 2010; Melo et al., 2011).

Medidas de prevenção — Por fim, as medidas para prevenir a resistência do capim-amargoso aos herbicidas são, na verdade, boas práticas agrônomicas e, segundo os órgãos oficiais de pesquisa, podem ser resumidas no seguinte:

- Fazer manejo de pousio;
- Realizar rotação de cultura;
- Realizar dessecações na fase inicial de desenvolvimento, antes da primeira floração, para a fase vegetativa (15 a 20 centímetros de altura), até no máximo quatro perfilhos;
- Utilizar as doses corretas dos herbicidas, utilizando mais de um mecanismo de ação;
- Realizar dessecação antecipada ao plantio na dose correta, viabilizando, no caso de escapes de plantas resistentes,

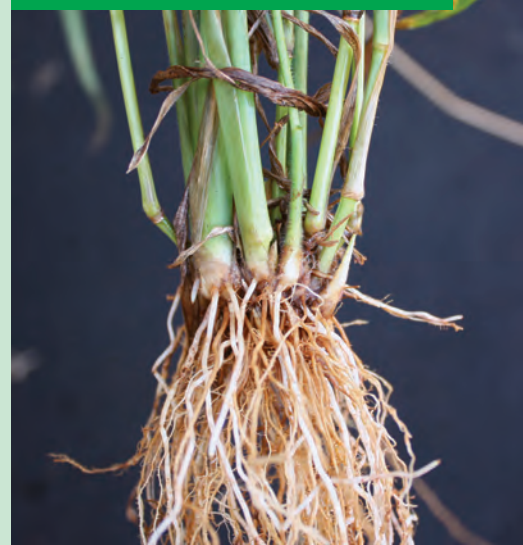
a complementação do controle com outros mecanismos de ação;

● Monitorar as áreas, evitando que as plantas não controladas produzam sementes;

● Manter sempre boa cobertura do solo nas áreas de plantio direto, investindo em culturas de inverno ou culturas de cobertura, visando supressão da germinação de plantas daninhas;

● Utilizar herbicidas com ação residual. ☒

O capim-amargoso é uma gramínea perene, ereta, de caule subterrâneo do tipo rizoma e colmos aéreos cilíndricos e canaliculados que atinge até 1,5 metro e, durante seu crescimento e desenvolvimento, forma touceiras



ganna.com

Pioneira na fabricação de equipamentos para laboratório de análise de sementes.



GERMINADOR DE SEMENTES



HOMOGENIZADOR DE SEMENTES



CONTADOR SEMENTES



SOPRADOR mod GENERAL



SOPRADOR mod SOUTH DAKOTA



www.deleo.com.br

Deleo

EQUIPAMENTOS LABORATORIAIS

Porto Alegre | RS | 51 3384 6111



Fotos: Divulgação

Waldemar Sanchez

INOVAÇÃO DA **BAYER** NO MERCADO CITRÍCOLA

A Bayer CropScience apresentou na 38ª edição da Expocitros e na 34ª Semana da Citricultura, em Cordeirópolis/SP, a solução que soma produto único com formulação inovadora, o inseticida Winner, uma nova forma de aplicação feita no tronco das plantas e, assim, mais seletiva aos inimigos naturais. “Como uma empresa de ciências agrícolas e sempre conectada às necessidades dos nossos clientes, conseguimos ter uma visão holística de toda a cadeia de valor para desenvolver e oferecer soluções que ajudem o citricultor a produzir mais e melhor”, destacou o gerente de Marketing Estratégicos Citrus, HF e Café, Waldemar Sanchez.

BEQUISA E SOLUTTA NA BAHIA FARM SHOW



Equipe Bequisa na Bahia Farm Show

Quase 60 mil visitantes participaram da última edição da Bahia Farm Show, onde a Bequisa e a Solutta, distribuidora regional, estiveram juntas no mesmo estande para expor toda a variedade de produtos das linhas Pós-Colheita, com destaque para o GastoxinB57, e Saúde Ambiental, com o recém-lançado Ratten-RatBP. “A Bahia Farm Show é uma vitrine e nosso objetivo é falar da importância do tratamento de grãos”,

explica Fabiana Sudyłowski, coordenadora de serviços de marketing da Bequisa.

BASF VAI PATROCINAR CARNAVAL DA UNIDOS DE VILA ISABEL

A Unidade de Proteção de Cultivos da Basf apresentou no Rio de Janeiro o vídeo O Planeta Faminto 2 – Um Novo Capítulo, uma sequência de Um Planeta Faminto e a Agricultura Brasileira, divulgado pela empresa em 2010. O lançamento ocorreu junto ao anúncio oficial de patrocínio da empresa ao desfile do Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos de Vila Isabel, no Carnaval 2013. Na foto, Alfred Hackenberger, presidente da Basf para a América do Sul, Wilson Vieira Alves, presidente da Unidos de Vila Isabel, e Maurício Russomanno, vice-presidente da Unidade de Proteção de Cultivos da Basf para o Brasil.



Alfred Hackenberger, Wilson Vieira Alves e Maurício Russomanno

Diego Mendes



Ricardo Almeida

CHEMINOVA LANÇA FUNGICIDA **AUTHORITY**

A Cheminova lançou o fungicida Authority, mistura pronta de Axozistrobina e Flutriafol. Ricardo Almeida, diretor de Negócios Norte, afirma estar muito confiante no lançamento do produto. “Authority foi amplamente testado nas últimas safras por órgãos de pesquisa e produtores e apresentou excelente performance. A Cheminova está segura em trazer um produto diferenciado para o sojicultor brasileiro”, revela. Almeida explica que um dos diferenciais de Authority é o de não causar efeito juvenoide, ou seja, ele não segura o crescimento da planta tratada.

FMC FIRMA PARCERIA COM A **TAGMA**

Com investimento de US\$ 5 milhões, a FMC criou nova unidade de produção em Paulínia/SP, em parceria com a Tagma, que utilizará suas instalações e a construção da linha de produção para ampliar a capacidade de herbicidas. “Além da nossa meta de crescimento e participação em diversos segmentos agrícolas, alinhamos também essa estratégia da nova unidade por uma questão de logística”, destaca o presidente da FMC, Antonio Carlos Zem. “Queremos crescer com responsabilidade e atenção aos colaboradores e continuar primando pela segurança, somos aliados neste caminho. Em Uberaba, completamos 18 anos sem incidentes”, destaca o diretor de operações e supply chain, André Cordeiro.



Antonio Carlos Zem e André Cordeiro

DOW PARTICIPA DA 19ª HORTITEC

A Dow AgroSciences participou da 19ª Hortitec - Exposição Técnica de Horticultura, Cultivo Protegido e Culturas Intensivas, em Holambra/SP, em junho. “A grande abrangência e a localização estratégica, próxima aos principais estados produtores de HF (São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Minas Gerais), fez deste evento uma grande oportunidade para estreitarmos o relacionamento com produtores, distribuidores e consultores do setor, apresentando nossas últimas novidades”, declara Fábio Schiavon, Market Developer para HF da empresa.



Equipe Dow na Hortitec

ARYSTA LANÇA O PROJETO ARYSTA FLY

A Arysta LifeScience está apostando em um projeto inovador para auxiliar na cana ao lançar o Arysta Fly, iniciativa que consiste em voos de helicóptero sob canaviais. “Trata-se de um levantamento confiável e determinante para auxiliar a tomada de decisão do cliente com relação ao correto manejo de herbicidas na cana”, comenta José Gambassi, do Marketing Cana da empresa. O projeto foi desenvolvido a partir do trabalho de campo da equipe Arysta junto às usinas-clientes, quando se discutia sobre a eficiência dos levantamentos usuais para o controle de plantas daninhas, que nem sempre apresentavam elevado nível de confiabilidade.



Projeto Arysta Fly

UPL BRASIL PARTICIPA DO GROW AFRICA

A UPL Brasil se orgulha de participar da iniciativa Grow Africa. Organizada desde 2003 pela União Africana e pelo World Economic Forum, o objetivo é facilitar parcerias e estimular os setores público e privado para acelerar investimentos na África. Para a UPL Brasil, de acordo com o diretor Vicente Gongora, a viagem por alguns países da África, na segunda quinzena de agosto, é uma oportunidade única de oferecer a alguns de seus clientes estratégicos a chance de observar de perto o potencial de desenvolvimento da agricultura no continente, principalmente cultivos como soja, cana, algodão, milho e outros.



Vicente Gongora

SYNGENTA: INSTITUTO SEEDCARE E O COMBATE DO MOFO BRANCO

A Syngenta participou do Encontro Internacional de Mofo Branco, em Ponta Grossa/PR. A empresa foi representada pela equipe do seu instituto de tratamento de sementes, o Seedcare. “O Instituto Seedcare mostrou a importância de tecnologias de proteção de sementes, que são constantemente aperfeiçoadas, evitando, assim, a infestação. Além disso, apresentamos nossas soluções de gerenciamento para quando o problema já estiver presente”, afirmou João Carlos Nunes, gerente de Tecnologia de Suporte Técnico para a América Latina do Instituto Seedcare.



João Carlos Nunes

BRA 5000

Nivelador automático de barra de pulverização

- Melhor eficiência do produto aplicado
- Mantém a altura do bico de pulverização ideal para uma melhor cobertura
- Vida útil maior do sistema de barra
- Possibilita maior velocidade de trabalho

www.buchsisistemas.com.br - 55.54.3329.2379
Rua Ipiranga, 356 - B. Glória - CEP 99500-000 - Carazinho - RS

Realidade e perspectivas do segmento florestal no **MATO GROSSO**

Engenheiro Florestal Fausto Takizawa, presidente da Associação de Reflorestadores de Mato Grosso (Arefloresta) e diretor florestal da Floresteca S/A

O estado do Mato Grosso já é destaque em florestas plantadas da espécie *Tectona grandis*, conhecida como teca. Mas, além desta espécie, destacam-se a seringueira e o eucalipto. A

seringueira foi, até meados dos anos de 1980, com os incentivos do Programa de Incentivo à Produção de Borracha Natural (Probor), a principal mola que alavancou a sua expansão. O Mato Grosso atingiu cer-

ca de 45 mil hectares com esta espécie e chegou a ser o segundo maior estado em área plantada. Mesmo com o aumento do preço, grande parte dos plantios está com a produção de látex estagnada, necessitan-



do reforma, com potencial de produção de madeira para biomassa e em alguns casos madeira sólida. O látex produzido no estado é vendido em sua forma bruta. As reformas de seringais, quando ocorrem, são de médios a grandes empreendimentos.

No início dos anos 2000, o Mato Grosso passou a plantar de forma mais significativa o eucalipto e a teca. O eucalipto foi alavancado principalmente pela demanda por biomassa ambientalmente responsável para energia, atendendo à demanda da pujante agroindústria do Mato Grosso. Envolve a secagem e o processamento de grãos e fibras, bem como pecuária de corte, avicultura e suinocultura. Em 2006, eram 38 mil hectares de eucalipto e, atualmente, há cerca de 100 mil hectares. O incremento médio anual (IMA) dos plantios do estado é de 25 metros cúbicos/hectare/ano. Já os plantios mais recentes, com adequada escolha de sítio, técnicas silviculturais e melhoramento genético, apresentam IMA de 50 a 60 metros cúbicos/hectare/ano.

O documento Propostas do Setor de Base Florestal Para Composição do Plano de Governo de Mato Grosso, elaborado em 2010 por várias entidades representativas ligadas ao setor florestal, apontava naquele ano uma demanda anual por biomassa na ordem da dezena de milhões de metros cúbicos. Entretanto, a oferta oficial de biomassa ambientalmente responsável atingia no máximo 20% desta demanda. Mesmo assim, os plantios de eucalipto têm enfrentado dificuldades em viabilizar o seu projeto para atender a este mercado, situação um tanto incoerente. Entretanto, a razão é simples de entender: grande parte da biomassa de origem florestal vem sendo atendida por fonte sem a sua devida comprovação de sustentabilidade.

O potencial da teca — A teca tem como atrativos o alto valor comercial de sua madeira, atendendo a um mercado internacional consolidado e consistente, e a existência de condições de solo e clima ótimos. Apresentou taxas crescentes em área plantada, principalmente por meio de grupos internacionais de investimentos e por intermédio de recursos próprios de empresas locais.

O Mato Grosso já é destaque internacional em plantações de teca, tanto que, em novembro próximo, em Cuiabá, ocorre o 2º Congresso Internacional da Organização Latino Americana de Teca — www.congressoolat.com.br. Estima-se que a área plantada no estado, que em

2006 era de 48.500 hectares, hoje esteja em torno de 68 mil hectares, IMA médio de 15,6 metros cúbicos/hectare/ano, sendo que em algumas regiões o IMA foi de 28 metros cúbicos/hectare/ano. E com iniciativas como melhorias das práticas silviculturais, escolha adequadas de sítio e melhoramento genético, o potencial é para de 25 a 35 metros cúbicos/hectare/ano.

Grande variação na extensão das plantações, distribuição geográfica dispersa, falta de ordenamento do plantio ao longo dos anos, dificuldades fundiárias, ausência de regras ambientais claras e seguras, falta de infraestrutura logística e ações adversas do estado, que, muitas vezes, diminuem a competitividade do setor, evidenciam a necessidade de uma política de desenvolvimento florestal no estado. Mesmo com as adversidades, algumas evidências têm levado cada vez mais a acreditar que as florestas plantadas no Mato Grosso venham a se transformar, a exemplo do agro-negócio, também em outro negócio. Dentre estas evidências, estão as seguintes:

■ O Mato Grosso já é referência internacional na silvicultura e na produção de madeira de teca, sendo que é crescente a participação de madeira de teca de plantações no mercado internacional e grande o seu potencial para atender a demanda doméstica de madeira tropical nobre sustentável;

■ Todos os obstáculos para alavancar a plantação de florestas e as ações necessárias para quebrá-los já são conhecidos pelo estado, levantados pela implementação e inclusão do Processo de Melhoria do Clima de Negócios para Investimentos no Setor Florestal (Promecif) no Plano Plurianual do estado, uma metodologia do Banco Interamericano de Desenvolvimento

(BID), o que culminará na elaboração e na posterior execução de um Plano de Desenvolvimento Florestal;

■ Projeção de crescimento até 2020 em 60% na produção agrícola e 100% na produção de carnes, se consumida somente biomassa de plantações, representa um potencial para 300 mil hectares de plantações, que também pode alavancar o aproveitamento para multiprodutos da floresta plantada;

■ É uma questão de tempo para que os grandes consumidores de biomassa florestal sejam regulados e fiscalizados pelo órgão ambiental do estado. Cada vez é maior a pressão para que as empresas e o estado demonstrem transparência no atendimento à legislação ambiental;

■ Algumas empresas tradicionais de madeira nativa já investem na plantação de florestas para complemento e continuidade do seu negócio.

O Mato Grosso já desperta interesses de grandes players do setor florestal, demonstrando claramente a intenção em alavancar negócios no setor florestal no estado, o exemplo disto são as frequentes visitas da empresa Weyerhaeuser ao estado. As ações para tornar o investimento florestal mais atrativo no Mato Grosso têm acontecido ainda de forma desorientada, isolada e lenta, entretanto já há consenso de todas as entidades representativas ligadas ao setor florestal e de algumas secretarias do governo sobre a necessidade de um Plano de Desenvolvimento Florestal para o estado como ferramenta para orientar as decisões e ações em nível de governo, iniciativa privada e instituições de pesquisa e ensino. E como resultado colocar o Mato Grosso também como nova fronteira para a expansão de empreendimentos em florestas plantadas. ■

Sistematização de Solo
Automatização de Scraper e Plaina

Scraper Niveladora a Laser

- Maior rendimento no corte, transporte e na distribuição da terra
- Menor custo em movimento de terra
- Lâminas de corte reta, própria p/ sistematização e correção de micro relevo

Plaina Niveladora a Laser

- Correção de micro relevo
- Rapidez, eficiência e precisão
- Correção com grade zero ou inclinado
- Trabalha 24 horas

Transmissor AG-401

allcomp
geotecnologia e agricultura

Qualidade e Tecnologia ao seu alcance!

Av. Pernambuco, 1207 - Porto Alegre/RS | CEP: 90240-004 | Telefone (51) 2102 7100 | Fax (51) 3019 9449 - www.allcompgps.com.br

O presente e o futuro das milenares **OLIVEIRAS**

Leandro Mariani Mittmann
leandro@agranja.com

Um esforço conjunto de pesquisadores de diversas instituições públicas de pesquisa já começa a dar resultados concretos – leia-se disponibilizar informações técnicas – sobre a produção de oliveiras no Rio Grande do Sul. Esta cultura milenar, inclusive com tantos registros bíblicos, historicamente careceu de orientações sobre

como poderia ser cultivada com sucesso por aqui, um país cujas lavouras produzem de tudo. Mas a Emater, mais a unidade Clima Temperado da Embrapa, sediada em Pelotas, a Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária (Fepagro) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, além da Epagri, a empresa pública de pesquisa e extensão rural de Santa Catarina, começam a divulgar resultados do trabalho iniciado em 2006 em diversas regiões. “Tudo é precoce”, adverte, precavido, o agrônomo da Emater Antonio Conte. Mas emenda: “A conclusão é que dá para produzir azeitonas no Rio Grande do Sul”.

Conte lembra que hoje no Brasil não existem muitas orientações para este cultivo. “Temos muito a aprender ainda para que possamos estabelecer um padrão de recomendações aos produtores”, adverte o pesquisador. Uma das conclusões mais importantes a que chegaram os pesquisadores refere-se às variedades mais adaptadas às condições do estado. De 15 testadas, três se destacaram pela “fácil adaptação”, segundo definição dele: as espanholas arbequina e arbosana e a grega koroneiki. Além de boa produtividade, inclusive a partir do quarto, quinto ano após o plantio, são menos sensíveis a doenças, o

Produtor José Alberto Aued (agachado) e o pesquisador Antonio Conte, da Emater/RS: as oliveiras têm muito futuro nas condições de solo e clima do Rio Grande do Sul



Kátia Marcon/Emater/RS/Ascar

que é muito importante, visto que no Brasil não existe nenhum defensivo químico registrado para a cultura. Mas Conte esclarece que há variedades que nem ao menos começaram a gerar frutos para que se permita alguma conclusão – como a italiana frantoio.

Ao todo, 18 municípios gaúchos estão cultivando oliveiras. São 418 hectares explorados por 65 agricultores, segundo dados da Emater. E eles obtiveram recentemente as suas maiores produções, visto a providencial estiagem, que foi trágica para agricultura gaúcha como um todo no ano agrícola 2011/12, mas na medida para a cultura que é originária do lado Oriental do Mar Mediterrâneo e que, portanto, não gosta de muita umidade. A oliveira gosta de solos áridos, semiáridos e alcalinos. Há colheitas, revela Conte, de 12 mil quilos de azeitonas por hectare, superior a média de países tradicionais. Mas ele reitera o ano gaúcho atípico de baixas precipitações. “Não são dados definitivos”, adverte. E os produtores gaúchos, inclusive, já estão produzindo mudas e extraindo o óleo de oliva.

O cultivo de oliveiras no Rio Grande do Sul e, de sobremaneira, no Brasil nunca ganhou a devida atenção. Apenas algumas iniciativas pontuais. Além de não existirem produtos químicos destinados à cultura, não há um pré-zoneamento para o seu cultivo que considere clima, tipos de solo e outras recomendações técnicas. “Nem se tem legislação sobre o azeite”, lembra Conte. O processamento do óleo precisaria ser normatizado, pois o país não pode adotar padrões de outros países. Conte diz que nem ao menos se sabe ao certo qual é a área destinada à cultura no país. No entanto, atesta que o Brasil tem condições reais de ser um grande produtor, sobretudo o Rio Grande do Sul, em especial a região da Campanha, em razão do seu clima frio e seco.

Do zero a gigante — O produtor José Alberto Aued começou a plantar oliveiras na sua propriedade em Cachoeira do Sul em setembro de 2006. Três anos e meio depois já extraía o que define como “primeira pequena colheita”, de 850 litros, comercializados apenas na cidade. A segunda colheita pulou para 6.500 litros e, na terceira, finalizada em maio último, foram 15 mil litros, procedentes de 85 toneladas de azeitonas co-

lhidas de 12 hectares dos 17 plantados. Mais do que plantar, sua empresa, a Olivas do Sul, produz mudas e processa o azeite, comercializado em oito estados. E anuncia, com orgulho, no site, como o “primeiro azeite extra virgem produzido e comercializado no Brasil”.

O projeto de Aued é que os demais cinco hectares cultivados comecem a produzir em 2013 e que, em quatro a cinco anos, a empresa esteja explorando 50 hectares. Aued mostra-se entusiasmado com o negócio, justificado pelo crescimento geométrico dos números de sua empresa. “É uma cultura que, na minha opinião, veio para ficar no Rio Grande do Sul. Vai mudar a matriz (*agrícola*) do Rio Grande do Sul”, garante. E sugere a alternativa a outros agricultores, visto uma série de facilidades para o seu cultivo. Conforme ele, é preciso, para começar, corrigir o solo nos primeiros 60 centímetros para atingir o pH 6 a 6,5. A oliveira prefere solos pobres e começa a produzir já com 3,5 anos, condição que só atinge na Itália no 8º, 10º ano. A cultura, explica Aued, prefere as quatro estações do ano bem definidas. “Quanto mais frio no inverno melhor; quanto mais quente e seco no verão, melhor”, descreve.

Em relação a cuidados fitossanitários, mudas jovens podem atrair formigas, vencidas por formicidas em iscas; cochonilhas, combatidas com óleo mineral, e uma lagarta semelhante à da

soja, para a qual pode ser usado óleo mineral. Já em relação a doenças, a umidade pode provocar o aparecimento de antracnose, que pode exigir tratamento com produtos à base de cobre. “Doenças e pragas não preocupam”, atesta. Segundo ele, é perfeitamente possível se atingir 10 toneladas de azeitonas por hectare, sendo que a média é de 6 toneladas, a mesma da Itália.

Perspectivas — E o que o agricultor gaúcho pode esperar desta nova atividade? “Em pouco tempo haverá muitos pontos de transformação da azeitona em azeite. Isto já ocorre em municípios onde a cultura já iniciou a produção. Muitas prefeituras já estão adquirindo máquinas para funcionar coletivamente. Além disto, há também produtores que já têm máquinas de transformação e compram as azeitonas produzidas na região”, descreve Aued. Conforme ele, nas duas recentes safras a Oliva do Sul pagou R\$ 1,20 ao quilo. “Os projetos no Rio Grande do Sul têm de trabalhar considerando um cenário pessimista, com uma produtividade de 10 toneladas por hectare. Isto ocorre quando atingimos algo entre 25 e 30 quilos/planta, pois a densidade tem sido em torno de 370 plantas por hectare. Lembramos que na última safra nossas árvores estavam com cinco anos e meio e, em algumas delas, já colhemos mais de 70 quilos”, revela o empresário. ■



Calcário DB ISO 9001

Garantia de força no PRNT

Calcário indicado para atender as exigências da Agricultura de Precisão.

DB Dagoberto Barcellos desde 1918

Cal
Calcário
Argamassa

BR 392-KM 250 - www.grupodb.com.br - Fone: (55) 3281-0123 - Caçapava do Sul-RS.



CAMPOS ARRENDADOS: UM NOVO PARADIGMA

Denise Saueressig

O negócio que envolve o cultivo em campos de terceiros foi responsável pela expansão da agricultura em áreas impensadas há pouco tempo, mas agora está em crise e fora dos padrões conhecidos pelos produtores argentinos. De alguma maneira, o modelo vai se reinventar, e quem descobrir como aproveitar esse negócio terá vantagem. O que complica é vender a produção com um câmbio atrasado e tolerar o reflexo da elevada inflação (em dólares) em muitos dos custos do campo e da vida diária. Os problemas aumentam com a safra que terminou há pouco e que resultou em prejuízos devido à seca. Muitos produtores ainda estavam se recuperando da temporada 2008/2009, que também apresentou problemas devido à estiagem. “É verdade, a situação geral do país não é boa, mas o efeito

negativo se potencializa pelo impacto do clima e da perda da produção. Nesse momento, temos ganhadores e perdedores e estamos numa roda viva que não nos permite assegurar até onde irá o negócio. O que sabemos é que o modelo daqueles que cultivam na propriedade de outros e que são responsáveis por 65% da agricultura argentina não vai se sustentar como foi até agora, pelo menos no curto prazo. A tendência é que as zonas menos produtivas paguem um preço mais alto por essa realidade. Mesmo assim, o coração agrícola da Argentina não deixará de produzir. Será usada menos tecnologia, os insumos serão ajustados, a escala será apertada e se pedirá dinheiro emprestado. A roda seguirá funcionando até quando for possível seguir adiante com essa conjuntura”, constata o consultor Teo Zorraquín.

MUITO MENOS

A superfície que será plantada com trigo nas tradicionais fazendas argentinas deverá diminuir, em média, 47% em relação ao ano anterior, de acordo com levantamento feito pelo Movimento CREA, que envolve produtores que cultivam em torno de 500 mil hectares.

Os grupos ligados ao CREA reúnem cerca de 2 mil estabelecimentos agropecuários distribuídos em 16 províncias do país. As quedas mais significativas estão em Córdoba, La Pampa, San Luis, centro e norte de Santa Fé, centro de Buenos Aires, Tucumán e Salta.



Divulgação

TRIGO

A Bolsa de Cereais de Buenos Aires ajustou a área a ser semeada na campanha 2012/2013 para 3,8 milhões de hectares. A estimativa é de que metade desse total já esteja implantada.

SOJA

Ao término da colheita, a produtividade média nacional está próxima de 2.190 quilos por hectare. A estimativa da colheita foi revisada para baixo e está em 39 milhões de toneladas, volume distante das 54 milhões de toneladas esperadas inicialmente.

LEITE

As indústrias leiteiras comunicaram aos produtores que deve ocorrer um ajuste negativo para o preço ao produtor. A justificativa é a situação desfavorável no mercado internacional.

CARNE

O preço do novilho nas principais regiões produtoras do país se mantém semelhante em comparação com o mês anterior, em torno de US\$ 2,3 o quilo vivo.

PROJEÇÕES CLIMÁTICAS

O climatologista Eduardo Sierra confirmou que todos os modelos apontam para o El Niño – chuvas acima do normal – para a próxima safra de soja e milho. Até aqui, os produtores podem comemorar. O ponto é que se espera um outono, em 2013, menos chuvoso que o habitual, como presságio da segunda parte deste cenário: uma nova ocorrência de La Niña no próximo ano. Esta última análise ainda não pode ser confirmada, porque os modelos meteorológicos não devem superar os seis meses. De qualquer forma, os especialistas apontam para um novo La Niña em 2013/2014 e para um La Niña moderado em 2014/2015.

Vantagens da união **SPD + ILP** no Mato Grosso do Sul

Julio Cesar Salton, pesquisador da Embrapa Agropecuária Oeste

É consenso afirmar que o Sistema Plantio Direto (SPD) está em constante evolução, incorporando os avanços tecnológicos que estão sendo ofertados. Na verdade, ao longo das quatro décadas de história do SPD no Brasil, desde as primeiras tentativas de realizar a semeadura sem preparar o solo até a incorporação das últimas inovações tecnológicas, os muitos avanços foram conquistas simultâneas do produtor, da pesquisa e da indústria, constituindo-se claramente num

caso de sucesso, decorrente da integração entre os setores envolvidos.

No Mato Grosso do Sul, a trajetória histórica do SPD pode ser dividida em quatro fases. A primeira (operacional), situada, aproximadamente, entre os anos 1976 e 1985, pode ser definida por esforços no conhecimento deste novo paradigma de que não seria preciso revolver o solo a cada semeadura e nos testes de semeadoras e uso de herbicidas com vistas a validar este novo paradigma. O principal objetivo era

viabilizar uma segunda safra – na época, os cultivos de soja eram conduzidos em preparo convencional (aração e gradagens), com uso predominante de cultivares de ciclo tardio e, após a colheita, novas gradagens eram necessárias para a semeadura de trigo.

Com a semeadura tardia, as colheitas resultavam, na maior parte das vezes, em reduzidas produtividades. A primeira tentativa de antecipar a semeadura do trigo foi desenvolvida com a sobressemeadura via aérea, eliminando o preparo do solo após a colheita da soja. Logo a seguir, foram iniciados os primeiros experimentos para avaliar o desempenho de semeadoras com sistemas de enxadas rotativas e discos de corte. Com estes equipamentos, o plantio direto passou a ocupar área expressiva para a semeadura do trigo, permitindo a antecipação da semeadura e o aproveitamento

das últimas chuvas do período das “águas”, viabilizando essa cultura, atingindo a área de 450 mil hectares cultivados no ano de 1987.

A segunda fase (cobertura do solo), durante os anos de 1986 a 1995, apresentou como maiores

Salton: entre os avanços na qualidade do SPD e na produtividade da soja, o mais importante foi a integração, na mesma área, da lavoura com a pecuária, já que houve o atendimento pleno dos fundamentos do SPD



Carmen Pezario

Qualidade e Tecnologia para sua lavoura render mais

Recolhedor de Fardos Cilíndricos de Feno



Com sistema hidráulico

Valetadeira VA 40L



Valetadeira lateral para plantio direto

Rolo Faca Arrozeiro



Disponível em uma e três seções



Distrito Industrial
Santa Maria - RS
(55) 3222.7710
www.agrimec.com.br



avanços a ocupação das áreas que ficavam em pouso na entressafra, com culturas para cobertura do solo, notadamente a aveia, na parte centro-sul, e o milho, na centro-norte do estado, alcançando cerca de 1 milhão de hectares. A partir do ano 1993, o trigo deixa de ser a cultura comercial de entressafra, sendo substituído gradativamente pelo milho, pois, com a semeadura direta, ganhava-se tempo e reduziam-se os riscos de perdas pela estiagem ou geadas.

A fase 3 (inovações tecnológicas), situada entre o período de 1996 a 2005, caracterizou-se pela incorporação ao sistema de novas tecnologias e produtos. Melhores equipamentos e novos conhecimentos resultaram em aplicações de insumos com mais qualidade e maior eficiência, viabilizando o plantio direto da soja sobre áreas de pastagens, o que desencadeou o desenvolvimento da integração lavoura-pecuária (ILP) inserida neste “novo SPD”. O desenvolvimento de equipamentos com tecnologia de posicionamento global, voltados para o uso agrícola (agricultura de precisão), passa a ser ferramenta de auxílio nas operações agropecuárias. Uma etapa importante para o Mato Grosso do Sul, nesse período, foi a possibilidade de uso de cultivares transgênicas de soja, que facilitou e viabilizou a semeadura em áreas de pastagens e com problemas de infestação por plantas daninhas.

A quarta fase (diversificação e qualificação), definida a partir de 2006, caracteriza-se pela inserção de componentes fundamentais para garantir a viabilidade do sistema produtivo como cobertura por palha,

A implantação de sistemas ILP, com a rotação soja-pastagem em plantio direto, permite o efetivo atendimento das necessidades de aporte de palha (carbono) ao solo



Júlio Salton

diversificação e rotação de culturas. Destaca-se o domínio dos cultivos consorciados, como milho e forrageiras durante a entressafra. Também foi importante a oferta de cultivares de soja com hábito de crescimento indeterminado, que possibilitou a antecipação da semeadura da soja. Estas práticas resultaram na viabilização da segunda safra, que, além de boa produtividade de grãos, proporciona oferta de palhada em quantidade adequada, com expressivos ganhos na qualidade e na capacidade produtiva do solo. A partir dessas situações, a diversificação pela integração lavoura-pecuária passa a ser algo acessível à boa parte dos agricultores e tal sistema passa a expandir-se no estado.

Toda esta evolução do SPD está estreitamente associada com a produtividade da soja no Mato Grosso do Sul. No período correspondente à primeira fase de adoção do SPD, a produtividade média de soja era de cerca de 1.800 kg/ha, atingindo valores na casa dos 3 mil kg/ha durante a quarta fase. Este crescimento, desde a safra 1976/77 até a de 2011/12, apresenta

um ajuste linear crescente com incremento médio de cerca de 40 kg/ha de soja por ano (Figura 1). A adoção do SPD não pode ser apontada como a única responsável por estes acréscimos, mas, certamente, é um dos principais. Os efeitos resultantes na capacidade produtiva do solo, na maior tolerância à ocorrência de veranicos, as possibilidades de mais cultivos e sistemas integrados, conferem sustentabilidade à atividade agrícola e, por consequência, ao produtor. Em outras palavras, a evolução do SPD resultou na viabilidade da agricultura no Mato Grosso do Sul.

Integração com a pecuária — Dentre os efetivos avanços observados na qualidade do SPD e, consequentemente, na produtividade da soja, o mais importante foi a integração, na mesma área, da lavoura com a pecuária, uma vez que possibilitou “de fato” o atendimento pleno dos fundamentos do SPD, quais sejam: a) ausência do revolvimento do solo, possibilitando a expressiva melhoria de sua estrutura; b) aporte de palha em quantidade adequada às taxas de decomposição, mantendo o solo permanentemente coberto; e c) utilização de rotação de culturas.

Os sistemas ILP, ao incorporarem espécies forrageiras às áreas de lavouras, contribuem de forma expressiva no aporte de massa vegetal ao solo, como cobertura (palhada) ou como raízes. O desenvolvimento e a decomposição do sistema radi-

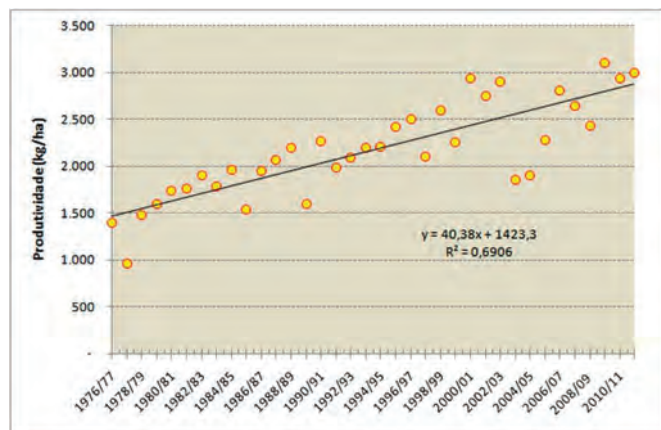


Figura 1 - Evolução da produtividade média de soja das safras no MS (Conab, 2012)



cular das forrageiras têm um papel fundamental na melhoria da estrutura do solo, com implicações em atributos físicos (agregação, porosidade, dinâmica da água, aeração...), químicos (disponibilidade de nutrientes, matéria orgânica...) e biológicos (fauna do solo, atividade microbiológica...). A introdução de forrageiras perenes no SPD com objetivo de formação de palhada é uma estratégia adequada para todas as regiões, especialmente para as áreas onde a semeadura do milho já se torna muito arriscada, a partir da segunda semana de março.

Nas áreas onde a semeadura do milho é viável, a utilização do consórcio com braquiária é uma ótima alternativa, que resulta na produção de grãos e aporte de massa vegetal ao solo. Este tipo de cultivo tem se expandido em MS, PR e MT, devido aos ótimos resultados verificados, os quais estão exemplificados na Figura 2, com as produtividades da soja em duas situações, na safra 2009/10, em Campo Grande, com a palhada proveniente do consórcio do milho safrinha com braquiárias e, na safra seguinte, em Dourados/MS, com palhada proveniente de forrageiras solteiras cultivadas na entressafra.

A implantação de sistemas ILP, com a rotação soja-pastagem em plantio direto, permite o efetivo atendimento das necessidades de aporte de palha (carbono) ao solo e, com muita eficiência econômica,

a diversificação da propriedade, com rotação de culturas. Este sistema de ILP introduz ao sistema produtivo os benefícios da sinergia entre a lavoura e a pecuária, que inclui ganhos em aspectos sanitários (animal e vegetal), maior eficiência dos insumos (adubos, corretivos, inoculantes...), significativo aumento da matéria orgânica do solo, melhorias na dinâmica de água e de gases no solo, entre outros aspectos que se manifestam no que são definidas como “propriedades emergentes” do solo, ou seja, o solo passa a ter aptidões que no sistema simples (lavoura ou pecuária) não possuía.

Caso exemplar — Como exemplo para ilustrar tais propriedades pode ser usado o caso da Fazenda São Mateus, no município de Selvíria/MS, ambiente considerado inapto ao cultivo de soja por apresentar solo com apenas 9% de argila, verões muito quentes e veranicos frequentes. Na Figura 3, estão apresentadas as produtividades de soja, na safra 2010/11 e 2011/12, em que, no primeiro caso, o clima transcorreu adequadamente quanto à distribuição de chuvas, resultando em ótimas produtividades, superiores às médias estaduais. No entanto, na safra 2011/12 houve dois veranicos, que, aliados à forte demanda de água para a atmosfera, resultaram em reduzidas produtividades de soja nos sistemas sem a presença da pastagem (cultivo em preparo convencional e em plantio direto). Mas, no sistema de PD em sucessão à pastagem (ILP), a produtividade foi superior a 40 sacas/hectare, conferindo viabilidade econômica à soja, além das outras contribuições ao sistema, como a capacidade produtiva da pastagem em sequência.

Certamente, a agropecuária sulmato-grossense continuará a desenvolver-se

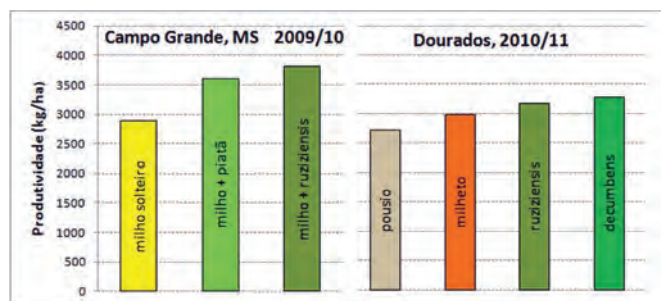


Figura 2 - Produtividade da soja nas safras 2009/10 e 2010/11, semeada em SPD, após diferentes cultivos de entressafra contendo milho solteiro, consórcio milho + forrageiras e forrageiras solteiras, em dois locais do MS

Fonte: Adaptado de Kichel et al, 2011 e Brevileri et al, 2010

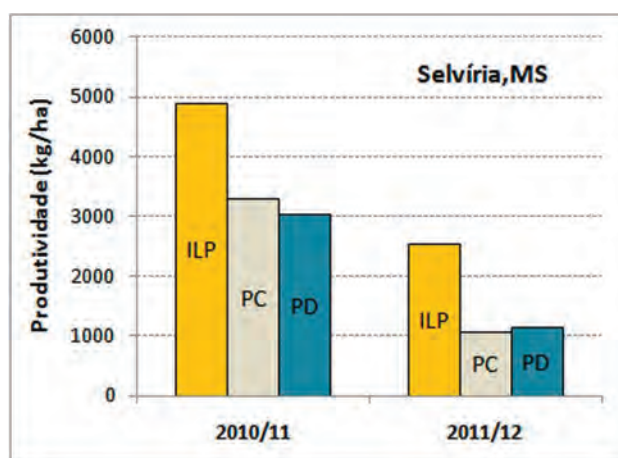


Figura 3 - Produtividade da soja em sistemas de manejo, em área de neossolo quartzarênico de Selvíria, MS, nas safras 2010/11 e 2011/12. ILP: rotação pastagem/soja, PC: monocultivo da soja em preparo convencional, PD: monocultivo da soja em plantio direto

nos próximos anos, graças à contínua incorporação de novas tecnologias e à evolução dos setores envolvidos. O desenvolvimento do SPD, incluindo a ILP, constitui-se em ótimo exemplo da possibilidade de produzir os alimentos e bens necessários, com segurança e sustentabilidade.

SUA SOLUÇÃO IDEAL VOCÊ ENCONTRA AQUI

S-BOX

Agricultura de Precisão

allcomp 15 anos

geotecnologia e agricultura

GPS Barra de Luzes

- Registra mapas de velocidade e aplicação
- Visualiza os mapas no Google Earth
- Contador de litros/ha, horas trabalhadas e hectares aplicados
- Mostra na tela velocidade e litros/ha instantâneos
- Permite pausa e reinício
- Ajuste fácil de ponto A-B / Auto-diagnóstico de erro

Piloto Elétrico

- Melhor resultado no preparo do solo, no plantio, na pulverização e na colheita
- Permite ao operador focar na qualidade da operação do trabalho
- Na pulverização: melhor alinhamento, obtendo uma aplicação sem falhas e sobreposições
- Na colheita: aproveitamento total sem deixar falhas para colher depois

Medidor de Umidade

- Leitura digital com precisão
- Compensador automático de temperatura
- Recipiente de medição em alumínio
- Cálculo automático do valor médio das últimas 5 medições
- Calibração individual para todo tipo de cultura
- Campo de medição: 5-45% de umidade, dependendo da cultura
- Precisão de +/- 0.5% ou mais

Qualidade e Tecnologia ao seu alcance!

Av. Pernambuco, 1207 - Porto Alegre | Tel. (51) 2102 7100
 agncultura@allcompgps.com.br - www.allcompgps.com.br

TRIGO

MERCADO NACIONAL NA DEPENDÊNCIA DE LEILÕES

Juliana Winge - juliana.matte@safras.com.br

Apesar de o momento ser de preços mais elevados e com boa liquidez, há escassez de produto de qualidade – sobretudo trigo-pão e melhorador – nas principais regiões produtoras do país. Na Paraná, por exemplo, mais de 90% da safra passada já foi comercializada, o que impossibilita um maior volume de negócios em um momento em que tanto as cotações internacionais em alta quanto o dólar acima de R\$ 2 favorecem o interesse dos moinhos por produto de origem nacional. Dessa maneira, o mercado interno vem gravitando em torno dos leilões de venda da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

O destaque de julho ficou por conta do relatório de oferta e demanda divulgado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), que reduziu ainda mais a estimativa de produção e estoques finais para a próxima temporada comercial. A safra mundial



janeiro	447,95
fevereiro	464,37
março	476,36
abril	488,75
maio	507,05
junho	519,21
julho	525,00

de trigo em 2012/13 está estimada em 665,33 milhões de toneladas, abaixo da estimativa de junho, de 672,06 milhões. Os estoques finais mundiais de trigo em 2012/13 estão estimados em 182,44 milhões de toneladas, contra 185,76 milhões do mês anterior. O consumo global está estimado em 680,06 milhões de toneladas. As bolsas internacionais já vêm precificando essa redução e, nas últimas sema-

nas, engataram um forte movimento de alta, com variação positiva mensal superior a 25%. Além da redução da oferta global de trigo em 2012/13, parece que se está se encaminhando para uma quebra na safra de milho dos Estados Unidos, o que tende a elevar a demanda por trigo para fabricação de ração animal e, por conseguinte, pressionar para cima as cotações dos dois cereais nas bolsas norte-americanas.

ARROZ

MERCADO GAÚCHO VOLTA A SUBIR

Rodrigo Ramos - rodrigo@safras.com.br

O arroz gaúcho voltou a demonstrar firmeza ao final da primeira quinzena de julho, depois de oscilar no mesmo patamar durante dias. No dia 11 de julho, o preço médio era de R\$ 29,12 por saca de 50 quilos no Rio Grande do Sul, 1,9% superior ao valor registrado 30 dias antes, quando estava a R\$ 28,57. Porém, se comparado com igual momento do ano anterior, quando valia R\$ 21,27, a alta é mais significativa, de 36,9%. Segundo o analista de Safras & Mercado Eduardo Aquiles, alguns fatores endógenos têm influenciado para a valorização do grão no Brasil. “Entre eles está o dólar, que no dia 11 fechou cotado a R\$ 2,0350, proporcionando um ganho de 28,6% sobre a cotação de julho de 2011, que era de R\$ 1,5820”, destaca. Para Aquiles, a entrada do Governo no mercado poderá dar maior ganho ao cereal. “No entanto, é preciso lembrar que isso



janeiro	26,36
fevereiro	27,05
março	25,77
abril	26,79
maio	27,96
junho	28,53
julho	28,84

aconteceria com maior naturalidade no momento em que o preço pago estivesse abaixo do mínimo estipulado por lei, que é de R\$ 25,80 para a saca no Rio Grande do Sul”, frisa.

O décimo levantamento da Conab para a safra brasileira 2011/12 indica produção de 11,559 milhões de toneladas, o que representa um decréscimo de 15,1% sobre as 13,613 milhões de

toneladas de 2010/11. A área plantada foi estimada em 2,453 milhões de hectares, ante 2,820 milhões semeados de 2010/11. A produtividade foi estimada em 4,711 mil quilos por hectare, inferior em 2,4% aos 4,827 mil quilos anteriores. O Rio Grande do Sul, principal produtor, deve ter uma safra de 7,739 milhões de toneladas, equivalendo a um recuo de 13,1%.

SOJA

Dylan Della Pasqua - dylan@safras.com.br

PRIMEIRO SEMESTRE POSITIVO INDICA AUMENTO DE ÁREA

A Safras & Mercado divulgou em julho a análise bianual sobre o desempenho de alguns dos principais indicadores da saúde financeira dos produtores brasileiros de soja nos primeiros seis meses de 2012. Esse é mais um dos tradicionais relatórios que Safras divulga no mês de julho, visando auxiliar na tomada de decisões referentes ao planejamento da safra 2012/13. Segundo o analista Flávio França Júnior, na mesma linha e até com mais ênfase do que ocorreu nessa mesma época do ano passado, o sentimento predominante é amplamente positivo em relação à soja, destacando os resultados parciais em boa parte até melhores que os observados no ano que passou. “Esse sentimento mais otimista para o setor está ligado à combinação de forte melhora nos preços médios praticados, com a obtenção de lucratividades brutas positivas – apesar das perdas de produtividades em alguns estados e do aumento geral dos custos de produção –, e ao acúmulo de variações também positivas nos preços, resultando em impressionantes resultados em termos de rentabilidade”, explica.

Será levando em consideração essas e as demais análises feitas nestas últimas semanas que Safras divulgará na próxi-

Soja em Cascavel/PR (R\$/saca de 60 kg)	
janeiro	45,94
fevereiro	45,96
março	51,17
abril	56,70
maio	60,08
junho	64,93
julho	72,28

ma edição o tradicional levantamento de intenção de plantio para os principais produtos da safra de verão, incluindo soja, milho, arroz, algodão e feijão. E, a exemplo do observado nos últimos anos, a tendência segue na direção de novo forte incremento na área de soja. Em termos de remuneração dos produtores pelo comportamento dos preços, o predomínio do sentimento vem sendo absolutamente positivo até o presente, considerando que as bases praticadas no mercado interno ficaram sempre muito acima das médias históricas da soja e do ano anterior, tanto nas cotações em dólares como em reais.

Diferentemente de 2011, os patamares foram ganhando força no decorrer dos

últimos meses. Por esse motivo, acredita-se que essa é uma variável totalmente estimulante ao avanço da cultura no país para essa nova temporada. E aqui tem-se uma diferença grande sobre o ano que passou, pois além dos preços da soja estarem melhores e fortemente remuneradores aos produtores, eles ganharam força no comparativo com algumas das principais culturas alternativas para a safra de verão, especialmente no caso do algodão e do milho, avalia o analista França Júnior. Considerando valores parciais de julho, há um acumulado do ano das cotações em dólares com médias superiores às médias de todo o ano passado de 9% a 12%, tomando como base algumas das principais praças negociadoras do país.



O uso de peças originais assegura
alta performance e maior durabilidade
aos seus equipamentos.



JOHN DEERE

www.JohnDeere.com.br



ALGODÃO

LENTIDÃO PERSISTE NO MERCADO BRASILEIRO

Rodrigo Ramos - rodrigo@safras.com.br

A lentidão persiste no mercado doméstico de algodão, com os agentes voltando o foco para a colheita da safra nova. Em relação aos preços, o mercado brasileiro encerrou a primeira quinzena de julho com preços firmes. Pela paridade de exportação, o algodão de Rondonópolis/MT, a R\$ 1,48 por libra-peso, chegaria ao FOB de Paranaguá/PR por volta de R\$ 1,59/libra-peso. Com o câmbio a R\$ 2,0350, corresponderia a US\$ 0,78/libra-peso, contra US\$ 0,71/libra-peso do contrato de dezembro de 2012 na Ice Futures, no dia 11 de julho. “Ou seja, o produto nacional estaria 10,1% acima do norte-americano”, lembra o analista de Safras & Mercado Elcio Bento. Pela paridade de importação, o algodão norte-americano chegaria ao Sudeste brasileiro por volta de R\$ 2,04/libra-peso. O produto nacional no mesmo mercado é indicado a R\$ 1,74/libra-peso, ou 15,1% abaixo do estrangeiro. Números atualizados por Safras & Mercado projetam a produção brasileira de algodão na temporada 2011/12

Média dos preços do algodão em pluma (R\$/@ CIF São Paulo Pgto. 8 dias)	
janeiro	55,41
fevereiro	54,88
março	52,11
abril	52,30
maio	51,71
junho	48,98
julho	51,08

em 1,865 milhão de toneladas (pluma), recuando 1,3% em relação aos 1,890 milhão da safra 2010/11. Com a área plantada se elevando em 1,6%, a projeção inicial era de uma produção recorde. “Porém, adversidades climáticas em importantes regiões produtoras reduziram a produtividade”, explica o analista. A maior queda no volume produzido deve ser registrada na Bahia, de 610 mil para 530 mil toneladas (-13%). Em Goiás, a redução estimada é de 18%,

de 170 mil para 140 mil toneladas. No Mato Grosso, as perdas da primeira safra devem ser compensadas pelo aumento da produtividade na safrinha. “Assim, espera-se uma elevação de 10% na produção, de 860 mil para 950 mil toneladas”, ressalta Bento. O volume a ser colhido no Brasil supera o consumo doméstico em 915 mil toneladas. “Por isso, a paridade de exportação seguirá como a principal referência para a formação de preço”, frisa o analista.

CAFÉ

EMBARQUES FECHARAM 2011/12 COM QUEDA DE 15%

Lessandro Carvalho - lessandro@safras.com.br

O Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (Cecafé) divulgou os números finais da temporada 2011/12 (julho/junho), confirmando um declínio nos volumes embarcados de café. As exportações totais brasileiras de café em 2011/12 chegaram a 29.768.744 sacas de 60 quilos, queda de 15% no comparativo com 2010/11, quando os embarques foram de 35.010.497 sacas. Se o volume caiu, em receita, no entanto, eles cresceram 5,6%, atingindo US\$ 7,841 bilhões, contra US\$ 7,423 bilhões de 2010/11. Tomando somente os embarques de café verde, o total exportado em 2011/12 foi de 26,481 milhões de sacas, diminuição de 16,8% contra 2010/11 (31,811 milhões de sacas). “O desempenho da safra 2011/12 foi dentro do esperado. Apesar do volume exportado ter tido uma redução de aproximadamente 5 milhões de sacas, por conta da bialidade, a receita superou a da safra anterior em US\$ 417,551

Preço para bica corrida do sul de Minas (Bebida Boa – Tipo 6 – R\$/saca de 60 kg)	
janeiro	499,05
fevereiro	444,00
março	385,33
abril	381,25
maio	383,77
junho	357,95
julho	399,82

milhões”, comentou o diretor geral do Cecafé, Guilherme Braga. Segundo ele, ainda é cedo para se ter uma projeção em relação ao próximo ano-safra, que se iniciou em julho. “Porém estamos cautelosos quanto ao volume e à qualidade do café que serão produzidos, em função das fortes chuvas que vêm ocorrendo em regiões produtoras. Nesse caso, a variedade mais afetada seria a de café arábica, que possui maior valor

agregado”. De acordo com o Balanço das Exportações, no ano-safra 2011/12, 83,1% do café exportado foi da variedade arábica; 10,9%, de solúvel; 5,8%, de robusta; e 0,2%, de torrado & moído. Os cafés arábica diferenciados (especiais) já têm uma participação de 21% na receita cambial total das exportações no referido período. Em meio a isso, a Alemanha segue como principal mercado para o café brasileiro.

MILHO

Arno Baasch - arno@safras.com.br

PERDAS IRREVERSÍVEIS NOS EUA PODEM FAVORECER BRASIL

O mercado brasileiro de milho ingressou na segunda metade de julho em um quadro mais otimista para negócios. Se antes a perspectiva era de uma grande sobra de oferta interna e de preços mais baixos, por conta da elevada safra nacional, a tendência passou para um aquecimento nas cotações internas e uma participação bem mais efetiva na exportação. “O fator-chave para esta mudança foi a forte seca registrada nos Estados Unidos. As perdas já são irreversíveis e, com isso, os preços na Bolsa de Chicago cresceram consideravelmente nas últimas semanas, rompendo novamente os US\$ 7 por bushel, e caminham para um recorde histórico”, detalha o analista de Safras & Mercado Paulo Molinari. O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) já reduziu o potencial de rendimento médio de 166 bushels para 146 bushels por acre no relatório de oferta e demanda de julho. “Contudo, alguns analistas já trabalham com uma produtividade média ainda menor, de até 130 bushels por acre.

Média dos preços do milho (R\$/saca de 60 kg – Centro-Sul)	
janeiro	27,64
fevereiro	26,65
março	25,95
abril	23,83
maio	22,48
junho	22,35
julho	24,78

Com esse rendimento, a safra estadunidense cairia das atuais 329,45 milhões de toneladas para 294 milhões de toneladas, o que exigiria mudanças por parte do USDA em termos de consumo e exportação”, sinaliza.

No lado brasileiro, existe uma tentativa de reduzir o spread de US\$ 40 a 50/tonelada existente nos portos em relação aos preços do Golfo do México, próximos a US\$ 310/tonelada fob. “Como a safra estadunidense tende a ser reduzida, a demanda mundial caminhará para o milho brasileiro no se-

gundo semestre, o que ajudará a reduzir esse deságio, proporcionando também uma valorização dos preços internos”, afirma. Além disso, se antes não havia demanda para milho brasileiro após setembro, agora as tradings vêm concentrando seu interesse de compra deste mês até novembro. “Se o Brasil trabalhar com exportações médias de 2 milhões de toneladas entre julho e janeiro de 2013, será possível fechar o ano comercial com embarques entre 14 e 15 milhões de toneladas de milho”, estima Molinari.



**É TEMPO DE
PRODUZIR.
Use Prosolo.
O primeiro insumo
da sua lavoura.**

PROSOLO

O calcário da Mônego.

Mineração Mônego - BR 392 Km 247

Fone (55) 3281-0101 - Fax (55) 3281-0110

Caçapava do Sul - RS - CEP: 96570-000 - monego@monego.com.br

www.monego.com.br

SCREW INAUGURA NOVA FÁBRICA



Fotos: Divulgação

Vinte mil metros quadrados de área construída com acessibilidade, equipamentos modernos, tecnologia de ponta, respeito ao meio ambiente e um investimento de R\$ 20 milhões. Este é o resumo da nova Screw, indústria metalmeccânica especializada na produção de transportadores helicoidais e peças para máquinas e implementos agrícolas de marcas conceituadas no Brasil e no mercado internacional, como Case, John Deere e New Holland. Instalada na cidade de Cachoeira do Sul/RS, em uma área total 73 hectares, sendo 15 hectares de preservação ambiental, a nova unidade fabril propiciará desenvolvimento para a região, novos negócios, emprego e renda ao município. A nova planta industrial foi inaugurada em maio, durante a 17ª Fenarroz, com a presença do governador gaúcho, Tarso Genro.

TITAN: PNEUS DIAGONAIS PARA CAMINHÕES E CAMIONETAS

A Titan Pneus do Brasil ampliou a sua participação no mercado nacional a partir do acordo com a Goodyear que permite a produção e a comercialização da linha de pneus diagonais para caminhões e camionetas com a marca Goodyear. Segundo Walter Chiosini, diretor de Controladoria, esse novo produto fortalece os resultados da operação da Titan Pneus no Brasil e ainda possibilita um avanço no mercado regional. “Com essa aquisição, poderemos produzir, distribuir e vender a linha de pneus diagonais para caminhões e camionetas para os mercados brasileiro, paraguaio, uruguaio, boliviano e mexicano, o qual representa um faturamento na ordem de R\$ 300 milhões por ano. O restante da América Latina continuará sendo atendido pela Goodyear.”

METALFOR PELA QUINTA VEZ NA BAHIA FARM SHOW

A Metalfor levou suas tecnologias pela quinta vez à Bahia Farm Show, feira realizada em Luís Eduardo Magalhães/BA. A participação sempre foi em conjunto com a Bama-gril, parceira da empresa paranaense no Oeste Baiano. O megaevento contabilizou R\$ 595 milhões em transações comerciais nos quatro bancos oficiais e recebeu aproxi-

GSI APOSTA EM SEMINÁRIOS PARA APROXIMAÇÃO

Com foco em oferecer aprimoramento técnico para seus clientes, a GSI inicia uma série de Seminários de Atualização Tecnológica (SAT). “A nossa expectativa é de uma ótima adesão aos encontros. Esses seminários levarão ao produtor o conhecimento técnico, que é tão necessário”, afirma José Luiz Viscardi, diretor de Vendas e Marketing – Armazenagem de Grãos. A GSI Brasil tem sua unidade industrial localizada na cidade de Marau, no norte do Rio Grande do Sul.

CONGRESSO SINDAG MARCADO POR UNIÃO E BONS NÚMEROS

Mais de 850 participantes, três dias de debates, palestras e demonstrações aéreas sob tempo bom. E com um volume de negócios de US\$ 4,5 milhões, incluindo a venda de cinco aviões (além de outras cinco vendas alinhavadas). Esse foi o saldo do Congresso Nacional de Aviação Agrícola, realizado no Aeroporto Santa Maria, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, no final de junho. O evento contou com a participação de três grandes fabricantes mundiais de aviões agrícolas: a brasileira Embraer/Neiva e as norte-americanas Air Tractor e Thrush. E teve a presença das distribuidoras de combustíveis Raizen/Shell e BR Aviation, além de outros fornecedores de equipamentos, acessórios e tecnologias para o setor, entre os 40 expositores da feira.



Simpósio SAE BRASIL de **MÁQUINAS AGRÍCOLAS**



30 DE AGOSTO DE 2012 • PORTO ALEGRE
LOCAL: CENTRO DE CONVENÇÕES FIERGS

Inovações Tecnológicas Para Um Mundo Sem Fronteiras

O Simpósio SAE BRASIL de Máquinas Agrícolas 2012 proporcionará uma atualização vital sobre as perspectivas de mercado, inovações em produtos e avanços tecnológicos envolvendo máquinas agrícolas. O evento estrutura-se em dois segmentos, sendo o primeiro voltado para as perspectivas agroeconômicas e a visão dos principais fabricantes de máquinas agrícolas autopropelidas acerca do mercado em 2012-2013. Na sequência, avanços na tecnologia de equipamentos de colheita, perspectivas para tratores agrícolas e inovações em eletrônica embarcada serão temas de painéis de discussão com as lideranças de Engenharia Mundiais dos principais fabricantes de máquinas agrícolas e implementos.



Informações adicionais

Dolaimes Comunicação e Eventos • (54) 3223 8677 • saebrasil-poa@dolaimes.com.br

Inscrições • (11) 3287 2033 r.106 • thais.costa@saebrasil.org.br • www.saebrasil.org.br

PATROCINADORES



PATROCINADORES DE GESTÃO



REALIZAÇÃO
SAE BRASIL
Seção Porto Alegre

KREBS INTEGRA O PROGRAMA MAIS ÁGUA MAIS RENDA

A empresa Krebs agora está cadastrada no Programa Mais Água Mais Renda, um amplo programa de incentivo à irrigação do Governo do Rio Grande do Sul. Desta forma, destaca a empresa de equipamentos de irrigação sediada em Valinhos/SP, os agricultores gaúchos terão os incentivos concedidos pelo estado na aquisição dos produtos Krebs. O apoio engloba a agilidade no Licenciamento Ambiental e Outorga Prévia do uso da água para açudes até 10 hectares em áreas irrigadas até 100 hectares, além de incentivo financeiro para a implantação e/ou ampliação do uso de sistemas de irrigação (açudes e equipamentos para aspersão, sulcos e gotejamento).

INPEV AMPLIA RECOLHIMENTO DE EMBALAGENS

No primeiro semestre, o Sistema Campo Limpo, formado por agricultores, fabricantes (estes representados pelo Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias, o inPEV), canais de distribuição e com apoio do Poder Público, encaminhou para o destino ambientalmente correto 19.550 toneladas de embalagens vazias de defensivos que foram devolvidas nas mais de 400 unidades de recebimento. A quantidade representa crescimento de 8% ante o mesmo período de 2011. Segundo João Cesar Rando, diretor-presidente do inPEV, atualmente, cerca de 95% dessas embalagens plásticas são recolhidas no pós-consumo e têm destinação correta.

MULTIFUNCIONAL GAFANHOTO DUAL, DA SERVSPRAY

O equipamento Gafanhoto Dual, da Servspray, com uma simples operação, que leva apenas 30 minutos, pode ser transformado em pulverizador, distribuidor de adubo sólido e sementes e, também, em um distribuidor de calcário e gesso. Tudo isso sem a utilização de ferramentas, além de poder ser fabricado sob medida. E é possível ainda escolher o comprimento de barra, o número de sessões, a altura livre do solo, a capacidade do tanque de pulverização e o tipo de pneu. “O Gafanhoto Dual foi desenvolvido para atender às necessidades de clientes que usam seu equipamento ao máximo. A escolha de usar o pulverizador ou o distribuidor de sólidos é do cliente”, destaca a empresa.



COPAMIL QUER INVESTIR MAIS EM EQUIPAMENTO CYCLOAR

Com capacidade instalada de 84 mil toneladas, a Cooperativa Agrícola Mista Iraí Ltda (Copamil), de Iraí de Minas, no Triângulo Mineiro, é mais um cliente dos produtos Cycloar que manifesta satisfação com os excelentes resultados para o seu empreendimento de armazenagem de milho, sorgo e trigo. “Adquirimos há cerca de um ano o sistema de exaustão Cycloar e pudemos observar uma substancial economia, em especial no tempo de resfriamento de nossos silos, onde o equipamento foi instalado”, afirma Cláudio Alves Vieira, gerente de produção da cooperativa. “Pretendemos, com base nos resultados obtidos até agora, adquirir a cada ano novos equipamentos do Sistema Cycloar.”

SINOTRUCK INAUGURA SUA LINHA PREMIUM

A Sinotruk apresentou a nova linha de caminhões A7 para o segmento de pesados. Os veículos devem chegar ao mercado brasileiro em setembro nas configurações de tração 4x2, com 380cv; 6x2, com 420cv; e na 6x4, com 460cv. O motor desta nova família é de 12 litros e já está adequado aos padrões Euro 5. O modelo A7 foi desenvolvido para operações rodoviárias com composições articuladas, casos do bitrem, rodotrem ou treminhão. Os compradores poderão optar entre três versões de câmbio: manual, de 12 ou 16 velocidades, ou automatizado, de 16 velocidades. O novo caminhão, classificado como Premium, ainda oferece freios a disco nas rodas dianteiras e tambor nas traseiras, sistema que combina ABS (sistema anti-bloqueio de frenagem), ASR (anti-deslizamento), EBL (distribuição eletrônica das forças de frenagem) e TPM (monitor de pressão dos pneus).

SCANIA LIDERA EMPLACAMENTOS DE PESADOS EURO 5

A Scania mostra sua força nos emplacamentos de veículos Euro 5 com o registro de 2.475 unidades e a conquista do primeiro lugar na categoria acima de 45 toneladas de CMT (Capacidade Máxima de Tração) no primeiro semestre. O volume representa quase 40% do total de 6.402 unidades Euro 5 emplacadas pelo mercado no Registro Nacional de Veículos Automotores (Renavam). “Sem dúvida, garantir a liderança nos emplacamentos Euro 5 nos primeiros seis meses do ano demonstra o quanto a Scania está à frente dos concorrentes”, diz Roberto Leoncini, diretor-geral da Scania do Brasil. “É mais uma prova de que nossos clientes estão reconhecendo a parceria da marca neste momento de transição para a nova legislação de emissões.”

CONGRESSO MUNDIAL DE SEMENTES DESTACA A BIOTECNOLOGIA

Produzir mais alimentos dentro de uma mesma área e preservando o meio ambiente é principal benefício da biotecnologia destacado durante o World Seed Congress, realizado no final de junho, no Rio de Janeiro. No maior evento de sementes do mundo, que reuniu as principais autoridades no assunto, as sementes com tecnologia foram ressaltadas

pela sua importância no desenvolvimento das lavouras e na garantia da segurança alimentar mundial. Mais de 900 estrangeiros e 100 brasileiros foram responsáveis por movimentar cerca de US\$ 3 bilhões em negócios de compras e vendas de sementes no evento. Deste total, o Brasil representa o volume de US\$ 100 milhões, entre negócios de exporta-

ções e importações. A estimativa oficial é do International Seed Federation (ISF), entidade internacional que reuniu as maiores autoridades no setor e que organizou o evento junto com a Associação Brasileira de Sementes e Mudanças (Abrasem). O congresso abriu espaço para mais de 600 empresas, nacionais e internacionais, de 75 países.

IAC NO 29º CONGRESSO NACIONAL DE MILHO E SORGO

A cultura do milho é a atividade agrícola mais frequente nas propriedades rurais do Brasil. Devido à importância da cultura, o Instituto Agrônomo (IAC), de Campinas/SP, e a Associação Brasileira de Milho e Sorgo (ABMS) promovem o 29º Congresso Nacional de Milho e Sorgo, em parceria com Instituto Biológico, Instituto de Economia Agrícola, Coordenadoria de Assistência Técnica Integral, Polos Regionais da Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (Apta), Embrapa Milho e Sorgo e Instituto Agrônomo do Paraná, em Águas de Lindóia/SP, de 26 a 30 de agosto. Com o tema “Diversidade e Inovações na Cadeia Produtiva de Milho e Sorgo na Era dos Transgênicos”, o evento tratará de tópicos polêmicos como o papel das empresas públicas na produção de sementes de milho e também o perfil do profissional que atua no mercado de milho e sorgo. “Vivemos um momento de extremo crescimento da produção de transgênicos no País. O uso de sementes modificadas geneticamente no Brasil iniciou-se na safra 2008 e 2009 e vem crescendo”, explica Aílson Pereira Duarte, pesquisador do IAC, da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo.

GRUPO HÜBNER E NOMA FORMAM SOCIEDADE NA RODOLINEA

O Grupo Hübner, que possui sete unidades industriais no país, e a Noma, uma das cinco maiores fabricantes de carretas da América do Sul, acabam de anunciar uma associação na empresa RodoLinea, que ocupa a sexta posição no ranking. Segundo o acordo, a Noma chegará até 50% de participação da RodoLinea nos próximos dois anos. Hoje, o Grupo Hübner, controlador da RodoLinea, conta com um faturamento bruto anual de R\$ 317 milhões e a Noma, de R\$ 306 milhões. Com este vínculo, a RodoLinea reforça ainda mais sua posição no segmento, onde atua com diversos produtos. A empresa está em segundo lugar no mercado nacional com a linha Canavieira, com participação de 17%, e em terceiro, com a Carrega-tudo (12%).

ANOTE AÍ

Para debater e propor soluções para o setor de máquinas agrícolas, ocorre em 30 de agosto, em Porto Alegre, o 4º Simpósio SAE Brasil de Máquinas Agrícolas. O evento irá proporcionar uma atualização sobre as perspectivas do mercado, as inovações em produtos e os avanços tecnológicos. Estruturado em dois segmentos – sendo o primeiro voltado para as perspectivas agroeconômicas e a visão dos principais fabricantes de máquinas autopropelidas acerca do mercado, e o outro sobre os avanços na tecnologia de equipamentos de colheita, perspectivas para tratores e inovações em eletrônica embarcada – os painéis contarão com a presença das principais lideranças da engenharia mundial dos principais fabricantes de máquinas e implementos. Inscrições em www.saebrasil.org.br

O Congresso Brasileiro de Agricultura de Precisão, de 24 a 26 de setembro, no Hotel JP, em Ribeirão Preto/SP, terá na sua programação conferências de especialistas internacionais. Mais informações no site www.sbea.org.br

O VII Simpósio Paranaense de Pós-colheita de Grãos e o VI do Simpósio Internacional de Grãos Armazenados ocorrem no Parque de Exposições Ney Braga, em Londrina/PR, de 15 a 17 de agosto. www.abrapos.org.br

No Parque de Exposições Assis Brasil, às margens da BR-116, Esteio/RS será sede de uma das maiores e mais importantes exposições-feira, a Expointer. Serão nove dias, entre 25 de agosto a 2 de setembro, em que o Rio Grande do Sul mostrará ao mundo as suas principais riquezas. A 35ª Expointer leva a marca da inovação e da qualidade como fatores que impulsionam a economia gaúcha. Estarão em exposição as modernas tecnologias e o melhor da genética animal. www.expointer.rs.gov.br

Mais informações sobre os eventos em www.agranja.com

MORGAN REALIZA ÁREA POLO EM RIO VERDE/GO

A Morgan Sementes e Biotecnologia, nova marca comercial da Dow AgroSciences, realizou no mês passado uma Área Polo na Fazenda Cabeceira da Cachoeirinha, de Paulo Kamongawa, em Rio Verde/GO. As Áreas Polo são eventos técnicos de visitação que têm como objetivo apresentar novas tecnologias e práticas de manejo aos agricultores. Nesta edição, a principal tecnologia apresentada foi o lançamento Powercore. Com múltiplos modos de ação, a nova tecnologia alia o controle de algumas das principais pragas do milho, como lagarta-do-cartucho, broca-do-colmo, lagarta-da-espiga, lagarta-elasmô e lagarta-rosca, à tolerância a dois tipos de herbicida, o glifosato e o glufosinato.

IPMA - ÍNDICE DE PREÇOS MÁQUINAS AGRÍCOLAS

Levantamento exclusivo da ferramenta Via Consulti e com a parceria da revista A Granja para sua publicação, lista os principais tratores, colheitadeiras e pulverizadores do mercado. Devido à necessidade do mercado agrícola ter um valor médio referencial para máquinas e equipamentos, foi desenvolvido o

IPMA - Índice de Preços de Máquinas Agrícolas, com a finalidade de informar e regulamentar os preços médios do mercado brasileiro. Poderá haver divergências de caráter regional e/ou comercial que influenciem nos valores. Maiores informações e outros equipamentos você pode acessar em www.agranja.com.

TRATOR													
	Modelo	Potência	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003
AGRALE	4230.4 4x4 HSE	30cv	56.117	46.197	41.067	37.072	34.147	31.672					
	4230.4 FBO	30cv	58.387	48.066	42.728	38.572	35.528	32.953	30.772	28.662	26.806	25.020	23.474
	4230.4 Cargo 4x4	30cv	50.950	41.943	37.286								
	5065 Compact	65cv	83.570	68.797	61.157								
	5065.5 Compact	65cv	89.424	73.616	65.441								
	5065.4 Compact Super Redutor	65cv	91.427	75.265	66.907								
	5075 Compact	75cv	85.444	70.340	62.529								
	5075.4 Compact Super Redutor	75cv	96.615	79.536	70.704								
	5075.4 4x4 Compact	75cv	94.402	77.714	69.084								
	5075 4x2	75cv	87.455	71.995	64.000	57.775	53.216	49.358	46.092	42.932			
	5075.4 4x4	75cv	96.990	79.845	70.978	64.074	59.018	54.740	51.118	47.612			
	5075.4 Inversor	75cv	103.959	85.582	76.078								
	5075.4 Super Redutor	75cv	103.414	85.133	75.679								
	5085 4x2	85cv	95.148	78.328	69.630	62.857	57.897	53.700	50.147	46.708			
	5085.4 4x4	85cv	103.593	85.281	75.810	68.436	63.036	58.466	54.598	50.854			
	5085.4 Inversor	85cv	107.217	88.264	78.462								
	5085.4 Super Redutor	85cv	108.968	89.705	79.744								
	5085.4 Arrozheiro	85cv	112.034	92.229	81.987								
	BX 6110	105cv	129.597	106.688	94.840	85.615	78.859	73.143					
	BX 6150 SH	140cv	156.132	128.532	114.259								
	BX 6150 CH	140cv	168.626	138.818	123.402	111.398	102.608	95.170	88.873	82.778	77.417	72.261	67.795
	BX 6180 SH	168cv	177.100	145.794	129.603								
	BX 6180 CH	168cv	185.159	152.428	135.501								
	Modelo	Potência	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003
BUDNY	BDY 2540 4X4 STD	25cv	35.000	26.194	23.285	21.020							
	BDY 2840 4X4 STD	28cv	37.000	27.690	24.615	22.221							
	BDY 5040 4X4 STD	50cv	55.000	41.161	36.590	33.031							
	BDY 7540 4X4 STD	75cv	75.000	56.129	49.896	45.042							
	BDY 9040 4X4 STD	90cv	90.000	67.355	59.875	54.051							
	Modelo	Potência	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003
CASE IH	Farmall 80 pla*	80cv	94.300	77.630	69.010								
	Farmall 80 cab*	80cv	105.910	87.188	77.506								
	Farmall 95 pla*	95cv	106.580	87.740	77.996								
	Farmall 95 cab*	95cv	118.184	97.292	86.488								
	Maxxum 110 pla*	110cv	130.880	107.744	95.779								
	Maxxum 110 cab*	110cv	143.301	117.969	104.869								
	Maxxum 125 pla*	125cv	144.670	119.096	105.871								
	Maxxum 125 cab*	125cv	157.000	129.247	114.894								
	Maxxum 135 pla*	135cv	153.053	125.997	112.006								
	Maxxum 135 4X4 cab* mec.	135cv	164.900	135.750	120.675								
	Maxxum 135 4X4 cab* SPS	135cv	171.490	141.175	125.498								
	Maxxum 150 4X4 pla*	150cv	165.200	135.997	120.895								
	Maxxum 150 cab* mec.	150cv	177.000	145.711	129.530								
	Maxxum 150 cab* SPS	150cv	183.600	151.145	134.360								
	Maxxum 165 pla*	165cv	171.200	140.937	125.286								
	Maxxum 165 cab* mec.	165cv	184.100	151.556	134.726								
	Maxxum 165 cab* SPS	165cv	190.752	157.032	139.594								
	Maxxum 180 pla*	180cv	185.000	152.297	135.385								
	Maxxum 180 cab* mec.	180cv	196.000	161.353	143.435								
	Maxxum 180 cab* SPS	180cv	203.500	167.527	148.923								
	MXM Maxxum 135 4x4 cab	141cv		105.271									
	MXM Maxxum 150 4x4 cab	149cv		114.491	103.354	95.199	88.298						
	MXM Maxxum 165 4x4 cab	170cv		130.628	117.921	108.617							
	MXM Maxxum 180 4x4 cab	177cv		136.007	122.777	113.089							
	Magnum 220 cab	220cv		193.198	174.404	160.643	148.998	139.139	129.598				
	Magnum 240 cab	240cv		210.761	190.259	175.247	162.543	151.788	141.379				
	Magnum 270 cab	270cv		237.106	214.042	197.153	182.861	170.761	159.052				
	Magnum 305 cab	305cv		267.842									
	Magnum 235 cab	235cv	313.000	257.670	229.056								
	Magnum 260 cab	260cv	356.000	293.069	260.524								
	Magnum 290 cab	290cv	375.400	309.040	274.721								
	Magnum 315 cab	315cv	389.000	320.235	284.674								
	Magnum 340 cab	340cv	466.000	383.624	341.023								
	Puma 195 cab	195cv	218.200	179.628									
	Puma 210 cab	210cv	230.700	189.919									
	Modelo	Potência	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003
LANDINI	Mistral DT 40 4x4 plat.	35cv	54.052	44.497	39.556	35.708	32.891	30.506	28.488	26.534			
	Mistral DT 45 4x4 plat.	44cv	56.967	46.897	41.689	37.634	34.664	32.151	30.024	27.965			
	Mistral DT 50 4x4 plat.	47cv	58.910	48.496	43.111	38.917	35.847	33.248	31.048	28.919			
	Mistral DT 50 4x4 cab.	47cv	72.158	59.402	52.806	47.669	43.908	40.725	38.030	35.422			
	Mistral DT 55 4x4 cab.	54cv	75.072	61.801	54.938	49.594	45.681	42.370	39.566	36.853			
	Mistral DT 55 4x4 plat.	54cv	61.823	50.894	45.243	40.842	37.619	34.892	32.583	30.349			
	Technofarm DT 60 4x4	58cv	63.855	52.567	46.730	42.184	38.856	36.039	33.654	31.346			
	Technofarm R60 4x2	58cv	62.800	51.699	45.958	41.487	38.214	35.443	33.098	30.829			
	Rex 75 4x4 cab.	68cv	98.212	80.851	71.873	64.881	59.762	55.430	51.762	48.212			
	Rex 75 4x4 plat.	68cv	83.463	68.709	61.079	55.138	50.787	47.105	43.989	40.972			
	Technofarm DT 75 4x4	68cv	73.659	60.638	53.904	48.661	44.821	41.572	38.821	36.159			
	Technofarm DT 85 4x4 plat.	85cv	81.254	66.891	59.462	53.678	49.443	45.859	42.824	39.888			
	LS 90 4x4 cab.	88cv	95.386	78.524	69.804	63.014							
	Globalfarm 100 4x4	97cv	88.320	72.707	64.633	58.346	53.742	49.846	46.548				
	LandPower 140 4x4 cab.	140cv	148.379	122.149	108.585	98.022	90.288	83.743	78.202				
	LandPower 140 4x4 plat.	140cv	134.512	110.734	98.437	88.861	81.850	75.916	70.893	66.032			
	LandPower 165 4x4 cab.	165cv	152.088	125.203	111.299	100.473	92.545	85.836	80.157	74.660			
	LandPower 165 4x4 plat.	165cv	138.398	113.933	101.281	91.429	84.215	78.110	72.941	67.939			
	LandPower DT 180 cab.	180cv	161.891	133.273	118.473	106.949	98.510	91.369	85.323				
	LandPower DT 180 plat.	180cv	148.555	122.295	108.714	98.139	90.395	83.842	78.295				

* creeper opcional

* creaper opcional

	Modelo	Potência	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003
MASSEY FERGUSON	MF 250 4x2	50cv									28.924	26.997	25.329
	MF 250 4x4	50cv									32.137	29.997	28.143
	MF 250 XE 4x2 Advanced	50cv	55.000	41.161	36.590	33.031	30.425	28.219	26.352	24.545			
	MF 250 XE 4x4 Advanced	50cv	59.400	44.454	39.518	35.674	32.859	30.477	28.460	26.509			
	MF 255 4x2 Advanced	55cv	61.100	45.734	40.656	36.701	33.805	31.354	29.280	27.272			
	MF 255 4x4 Advanced	55cv	63.800	47.747	42.445	38.316	35.293	32.734	30.568	28.472			
	MF 265 4x2	65cv									35.810	33.425	31.359
	MF 265 4x4	65cv									41.779	38.996	36.586
	MF 265 4x2 Advanced	65cv			54.486	49.186	45.305	42.021	39.241	36.550			
	MF 265 4x4 Advanced	65cv	92.950	69.563	61.838	55.823	51.418	47.691	44.535	41.481			
	MF 272 4x2	73cv									40.218	37.539	35.219
	MF 272 4x4	73cv									43.569	40.667	38.154
	MF 275 4x2	75cv									34.433	32.139	30.153
	MF 275 4x4	75cv									37.876	35.353	33.168
	MF 275 Advanced 4x2	75cv	86.900	65.035	57.813	52.189	48.071	44.586	41.636	38.781			
	MF 275 Advanced 4x4	75cv	93.500	69.974	62.204	56.153	51.722	47.973	44.798	41.726			
	MF 5275 4x2	75cv	88.900	66.589	59.194	53.436	49.220	45.652	42.631	39.708	37.136	34.662	
	MF 5275 4x4	75cv			62.204	56.153	51.722	47.973	44.798	41.726	39.024	36.425	
	MF 283 4x2	83cv									38.106	35.568	33.369
	MF 283 Advanced 4x2	83cv	97.900	73.267	65.131	58.795	54.156	50.230	46.907	43.690			
	MF 283 Advanced 4x4	83cv	101.200	75.737	67.326	60.777	55.982	51.923	48.488	45.163			
	MF 5285 4x2	85cv	91.300	68.328	60.740	54.832	50.505	46.844	43.744	40.745	38.106	35.568	
	MF 5285 4x4	85cv	105.600	79.030	70.254	63.420	58.416	54.181	50.596	47.126	44.074	41.138	
	MF 290 4x2	85cv									42.238	39.424	36.988
	MF 290 4x4	85cv									44.992	41.995	39.400
	MF 290 Advanced 4x2	85cv	105.500	79.000	70.227	63.396	58.393	54.160	50.577	47.108			
	MF 290 Advanced 4x4	85cv	107.800	80.676	71.717	64.741	59.633	55.310	51.650	48.108			
	MF 5290 Export 4x2	88cv	107.250	80.265	71.351	64.411	59.328	55.028	51.387	47.863	44.763	41.781	
	MF 5290 Export 4x4	88cv	112.200	83.968	74.644	67.383	62.066	57.567	53.758	50.071	46.828	43.709	
	MF 292 4x2	102cv									50.660	47.286	44.364
	MF 292 4x4	102cv									55.726	52.014	48.800
	MF 291 Advanced 4x4	105cv	114.400	85.616	76.108								
	MF 292 Advanced 4x2	105cv			76.840	69.365	63.892	59.260	55.339	51.544			
	MF 292 Advanced 4x4	105cv	128.500	96.183	85.502	77.185	71.094	65.941	61.578	57.355			
	MF 5310 4x4	105cv	123.200	92.201	81.963	73.990	68.152	63.211	59.029	54.981	51.420	47.995	
	MF 297 4x4	110cv									50.502	47.138	44.225
	MF 297 Advanced 4x4	120cv	138.000	103.323	91.849	82.914	76.372	70.835	66.148	61.612			
	MF 298 4x4	120cv	143.000	107.020									
	MF 5320 4x4	120cv	138.600	103.727	92.208	83.238	76.671	71.113	66.407	61.853	57.847	53.994	
	MF 610 4x4	110cv											40.606
	MF 620 4x4	120cv											48.245
	MF 630 4x4	130cv											51.461
	MF 299 4x4	130cv									60.602	56.565	53.070
	MF 299 Advanced 4x4	130cv	154.000	115.252	102.453	92.487	85.189	79.014	73.786	68.726			
	MF 650 HD 4x4	138cv	161.000	120.491	107.110	96.691	89.062	82.605	77.140	71.850	67.196	62.721	58.844
	MF 660 HD 4x4	150cv	176.000	131.716	117.089	105.700	97.359	90.302	84.327	78.544	73.457	68.564	
	MF 680 HD 4x4	173cv	209.000	156.413	139.044	125.518	115.614	107.233	100.138	93.271	87.230	81.420	
	MF 6350 HD 4x4	190cv	220.000	164.645	146.362	132.125	121.699	112.877	105.408	98.180	91.821	85.705	
	MF 6360 HD 4x4	220cv	253.000	189.342	168.316	151.943	139.954	129.809	121.219	112.907	105.594	98.561	
	MF 7140 4X4 Cabinado	140cv	231.000	172.878	153.680								
	MF 7150 4X4 Cabinado	150cv	270.200	202.514	180.025								
	MF 7170 4X4 Cabinado	170cv	278.300	208.277	185.148								
	MF 7180 4X4 Cabinado	180cv	282.700	211.569	188.075								
NEW HOLLAND	Modelo	Potência	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003
	7630 4x4	106cv	102.600	75.765	67.349	60.372	55.145	50.760	47.087	43.514	40.349	37.307	34.664
	8030 4x4	122cv	111.150	82.078	72.962	65.403	59.740	54.990	51.011	47.140	43.711	40.416	37.553
	TT 3840 Std	55cv	62.700	46.301	41.158	36.894	33.699						
	TT 3840 F	55cv	64.600	47.704	42.405	38.012	34.721						
	TT 3880 F	75cv	71.250	52.614	46.770								
	TT 4030 Std	75cv	75.000	55.384	49.232								
	TL 60 4x2 E	62cv	72.100	53.242	47.328	42.425	38.752						
	TL 60 4x4 E	62cv	77.250	57.045	50.709	45.455							
	TL 65 4x2 E	61cv						33.197	30.795	28.458	26.388		
	TL 65 4x4 E	61cv						39.836	36.954	34.149	31.665		
	TL 70 4x2	71cv										26.075	24.228
	TL 70 4x4	71cv										31.290	29.074
	TL 75 4x2 E	75cv	77.250	57.023	50.689	45.438	41.504	38.203	35.439	32.750	30.368		
	TL 75 4x4 E	75cv	83.160	61.409	54.588	48.933	44.696	41.142	38.166	35.269	32.704		
	TL 80 4x2	81cv										27.980	25.998
	TL 80 4x4	81cv										36.314	33.576
	TL 85 4x2 E	90cv	79.740	58.664	52.148	46.745	42.698	39.303	36.459	33.692	31.242		
	TL 85 4x4 E	90cv	88.100	65.065	57.838	51.845	47.357	43.591	40.437	37.368	34.650		
	TL 90 4x2	90cv										32.725	30.407
	TL 90 4x4	90cv										39.271	36.489
	TL 95 4x2 E	98cv				50.015	45.685	42.052	39.010	36.049	33.427		
	TL 95 4x4 E	98cv	99.500	73.476	65.314	58.548	53.478	49.226	45.665	42.199	39.130		
	TL 100 4x2	101cv										35.998	33.448
	TL 100 4x4	101cv										40.398	37.536
	TS 90 4x4 Canavieiro	91cv				50.869	46.464	42.770	39.675	36.664	33.997	31.435	
	TS 100 4x4	105cv					53.613	49.350	45.779	42.305	39.228	36.271	
	TS 110 4x4	109cv				60.931	55.655	51.230	47.523	43.916	40.722	37.652	
	TS 120 4x4	120cv				67.080	61.272	56.400	52.319	48.348	44.832	41.452	
	TS 6000 Canavieiro	91cv	103.950	76.762	68.236								
	TS 6020 4x4	111cv	116.400	85.955	76.408								
	TS 6040 4X4	132cv	131.300	96.972	86.201								
	TM 110 4x4	110cv											35.306
	TM 120 4x4	120cv											38.516
	TM 130 4x4	130cv											41.726
	TM 135 4x4	137cv				76.583	69.952	64.390	59.731	55.198	51.183	47.325	43.973
	TM 135 4x4 E	137cv				73.519	67.154	61.814	57.342	52.990	49.136	45.432	
	TM 140 4x4	140cv											49.429
	TM 150 4x4	149cv				83.291	76.079	70.030	64.963	60.033	55.666	51.470	47.824
	TM 150 4x4 E	149cv				79.959	73.036	67.229	62.365	57.631	53.440	49.411	
	TM 165 4x4	165cv				92.234	84.249	77.550	71.939	66.479	61.644	56.997	52.960

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003
NEW HOLLAND												
TM 180 4x4	177cv				98.942	90.376	83.190	77.171	71.314	66.127	61.142	56.811
TM 7010 4x4 SPS	141cv	187.900	138.819	123.400								
TM 7010 4x4 Plat	141cv	140.300	103.610	92.102								
TM 7010 4x4 Exitus	141cv	159.300	117.669	104.599								
TM 7020 4x4 SPS	149cv	206.100	152.229	135.321								
TM 7020 4x4 Plat	149cv	159.900	118.144	105.022								
TM 7020 4x4 Exitus	149cv	178.800	132.041	117.375								
TM 7030 4x4 SPS	168cv	225.700	166.468	147.978								
TM 7030 4x4 Plat	168cv	180.800	133.576	118.740								
TM 7030 4x4 Exitus	168cv	199.400	147.302	130.941								
TM 7040 4x4 SPS	180cv	240.000	177.673	157.939								
TM 7040 4x4 Plat	180cv	197.300	145.719	129.534								
TM 7040 4x4 Exitus	180cv	215.700	159.311	141.616								
T7 040 4x4 Importado	200cv	243.000	179.443	159.512								
T7 060 4x4 Importado	223cv	270.000	200.079	177.856								
T8 270 4X4 Importado	265cv	289.200	213.628	189.900								
T8 295 4X4 Importado	286cv	305.000	225.768	200.692								
T8 325 4X4 Importado	313cv	342.700	253.074	224.964								
T8 355 4X4 Importado	342cv	356.000	263.275	234.033								
T8 385 4X4 Importado	369cv	415.000	306.586	272.533								
T9 560 4X4 Importado	507cv	645.000	476.543	423.612								



Modelo	Potência	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003
JOHN DEERE												
5303 4x2	57cv				34.271	31.567	29.279	27.341	25.467	23.817	22.231	20.857
5303 4x4	57cv				37.529	34.568	32.062	29.940	27.887	26.081	24.344	22.839
5403 4x2	65cv				36.239	33.380	30.960	28.912	26.929	25.185	23.507	22.055
5403 4x4	65cv				42.890	39.506	36.642	34.217	31.871	29.807	27.821	26.102
5403 4x2	75cv				50.898	46.882	43.483	40.606	37.822	35.372	33.016	30.976
5403 4x4	75cv				61.078	56.258	52.180	48.727	45.386	42.446	39.619	37.171
5603 4x2	75cv										26.941	25.276
5603 4x4	75cv										32.047	30.067
5605 4x2	75cv							37.845	35.250	32.967	30.771	28.869
5605 4x4	75cv							40.985	38.175	35.702	33.324	31.265
5705 4x2	85cv					51.257	47.542	44.396	41.352	38.673	36.097	33.867
5705 4x4	85cv					55.008	51.020	47.645	44.377	41.503	38.739	36.345
6405 4x4 Syncroplus	106cv										54.237	50.624
6405 4x4 Syncroplus/Cabinado	106cv										58.953	55.027
6405 4x4 Powrquad	106cv										56.595	52.826
6405 4X4 Powrquad/Cabinado	106cv										61.311	57.228
6415 4x4 Syncroplus	106cv				77.365	71.260	66.095	61.721	57.489			
6415 4x4 Syncroplus/Cabinado	106cv				90.938	83.762	77.690	72.550	67.575			
6415 4x4 Powrquad	106cv				86.187	79.387	73.632	68.760	64.045			
6605 4x4 Syncroplus	121cv										65.627	61.256
6605 4x4 Syncroplus/Cabinado	121cv										71.334	66.582
6605 4x4 Powrquad	121cv										68.480	63.919
6605 4x4 Powrquad/Cabinado	121cv										74.187	69.245
6615 4x4 Syncroplus	121cv				89.580	82.512	76.531	71.467	66.566			
6615 4x4 Syncroplus/Cabinado	121cv				103.153	95.014	88.126	82.295	76.652			
6615 4x4 Powrquad	121cv				97.045	89.388	82.908	77.422	72.113			
6615 4x4 Powrquad/Cabinado	121cv				110.618	101.890	94.504	88.251	82.199			
7505 4x4 Powrquad	140cv										79.233	73.956
7505 4x4 Powrquad/Cabinado	140cv										85.836	80.119
7515 4x4 Powrquad	140cv				108.582	100.015	92.764	86.626	80.686			
7515 4x4 Powrquad/Cabinado	140cv				122.155	112.516	104.360	97.455	90.772			
7715 4x4	182cv					137.520	127.551	119.111	110.943			
7810 4x4 Importado	200cv									102.714	95.873	89.948
7815 4x4 Importado	200cv					143.771	133.349	124.525	115.986			
7815 4x4	202cv					153.147	142.045	132.647	123.551			
8410 4x4 Importado	270cv				219.879	202.530	187.848	175.418	163.389	152.807	142.629	
8420 4x4 Importado	280cv				228.023	210.031	194.805	181.915	169.441	158.467		
8430 4x4 Importado	310cv				215.129	198.154	183.789	171.629				
5425N 4x4 Estreito	78cv	85.800	64.212	57.081								
5055E 4x4	55cv	64.057	47.939	42.616								
5065E 4x4	65cv	77.385	57.914	51.483								
5075E 4x4	75cv	87.890	65.776	58.472	52.784							
5078E 4x4	78cv	90.794	67.950	60.404								
5085E 4x4	85cv	101.283	75.799									
5090E 4x4	90cv	104.500	78.207									
6110E 4x4	110cv	132.440	99.117	88.110	79.539							
6125E 4x4	125cv	144.870	108.419	96.379	87.004							
6110D 4x4 cab	107cv	118.250	88.497	78.669								
6125D 4x4 cab	125cv	136.840	102.409	91.037								
6110E 4x4 Syncroplus plat	110cv	126.500	94.671	84.158								
6110E 4x4 Powrquad plat	110cv	147.400	110.312	98.062								
6125E 4X4 Syncroplus plat	125cv	155.650	116.487	103.551								
6125E 4X4 Powrquad plat	125cv	170.500	127.600	113.430								
6110J 4x4 Syncroplus cab	110cv	150.150	112.371	99.892								
6110J 4x4 Powrquad cab	110cv	161.150	120.603	107.210								
6125J 4x4 Syncroplus cab	125cv	172.333	128.972	114.650								
6125J 4x4 Powrquad cab	125cv	183.333	137.205	121.968								
6130J 4x4 Powrquad cab	130cv	190.667	142.693	126.847								
6145J 4x4 Powrquad cab	145cv	209.000	156.413	139.044	125.518							
6165J 4x4 Powrquad cab	165cv	203.500	152.297	135.385	122.215							
6180J 4x4 Powrquad cab	180cv	239.250	179.052	159.168								
7195J 4x4 Powerquad Plus	195 cv	260.700	195.105	173.439								
7210J 4x4 Powrquad cab	210cv	283.800	212.393	188.807								

	Modelo	Potência	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003
VALTRA	585 4x4	47cv	57.113	42.743	37.996								
	BF 65 4x2	65cv	62.760	46.973	41.756	37.695	34.720	32.203	30.073	28.010	26.196	24.451	22.940
	BF 65 4x4	65cv	65.010	48.653	43.250	39.043	35.962	33.355	31.148	29.012	27.133	25.326	23.761
	BF 75 4x2	75cv	66.980	50.127	44.561	40.226	37.052	34.366	32.092	29.891	27.955	26.093	24.481
	BF 75 4x4	75cv	70.900	53.113	47.214	42.622	39.259	36.413	34.003	31.672	29.620	27.647	25.939
	BH 145	145cv	146.700	109.837	97.640	88.142	81.187	75.302	70.319	65.497	61.255	57.175	
	BH 165	165cv	153.300	114.776	102.030	92.106	84.838	78.688	73.481	68.442	64.010	59.746	
	BH 180	180cv	187.000	140.024	124.475	112.366	103.500	95.997	89.645	83.498	78.090	72.889	
	BH 185 i	185cv	202.860	151.819	134.959	121.831	112.218	104.083	97.196	90.531	84.668	79.028	
	BH 205 i	210cv	235.400	176.182	156.617	141.382	130.226	120.786	112.794	105.059	98.255	91.710	
	BM 100 4x4	100cv	109.500	82.009	72.902	65.811	60.618	56.224	52.503	48.903	45.736	42.689	
	BM 110	110cv	117.400	87.870	78.112	70.514	64.950	60.241	56.255	52.398	49.004	45.740	
	BM 125 i	125cv	123.700	92.624	82.339	74.329	68.464	63.501	59.299	55.233	51.656	48.215	
	A 550 4x2	50cv	57.110	42.743	37.996								
	A 550 4x4	50cv	63.029	47.170	41.932								
	A 650 4x2	66cv	62.620	46.864	41.660								
	A 650 4x4	66cv	77.400	57.952	51.517								
	A 750 4x2	78cv	75.390	56.425	50.159								
	A 750 4x4	78cv	81.400	60.983	54.210								
	A 850 4x2	85cv	78.800	58.973	52.424								
	A 850 4x4	85cv	83.750	62.659	55.701								
	A 950 4x2	95cv	82.725	61.922	55.045								
	A 950 4x4	95cv	89.630	67.082	59.632								
	BT 150	150cv	212.910	159.378	141.679								
	BT 170	170cv	221.400	165.726	147.322								
	BT 190	190cv	239.335	179.116	159.225								
	BT 210	215cv	258.000	193.086	171.644								
	1780 4x4	160cv								82.311	76.980	71.853	
	BL 77 4x2	77cv					43.590	40.430	37.755	35.166	32.889		
	BL 77 4x4	77cv					46.315	42.957	40.115	37.364	34.944		
	BL 88 4x2	88cv						42.452	39.643	36.925	34.533	32.233	30.241
	BL 88 4x4	88cv						45.990	42.947	40.002	37.411	34.919	32.761
	BM 120	120cv									53.782	50.299	46.949
YANMAR	Modelo	Potência	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003
	1030 H Standard 4x2 plat.	26cv	50.266	36.490	32.438	29.282	26.972	25.017	23.361	21.759			
	1030 H Standard 4x4 plat.	26cv	55.817	40.520	36.020	32.516	29.950	27.779	25.941	24.162			
	1050 DT Popular 4x2 plat.	50cv	52.300	37.184	33.054	29.839	27.485	25.492	23.805				
	1050 DT Completo 4x4 plat.	50cv	66.925	47.599	42.314	38.198	35.184	32.633	30.474	28.384			
	1055 DT 4x4 plat	55cv	72.910	51.837	46.080	41.598	38.316	35.538	33.187	30.911			
	1145-4 Completo 4x4 plat	39cv	65.921	46.853	41.650	37.598	34.632	32.121	29.996	27.939			
	1155-4 Cabinado 4x4 cab.	55cv	78.503	55.811	49.613	44.787	41.253	38.263	35.731	33.281			
	1155-4 Completo 4x4 plat.	55cv	83.387	59.224	52.647	47.526	43.776	40.602	37.916	35.316			
COLHEITADEIRA	1175-4 Versão Compacta 4x4 plat.	75cv	83.071	59.010	52.457	47.355	43.618	40.456	37.779	35.189			
	1175 Agrícola 4x4 plat.	75cv	92.200	65.409	58.146	52.489	48.348	44.843	41.876	39.004			
CASE IH	Modelo	Separação	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003
	Axial Flow - 2366 25 pés	Axial									206.061	188.161	173.527
	Axial Flow - 2388 25 pés	Axial					364.813	331.482	301.628	277.341	254.600	232.484	214.402
	Axial Flow - 2388 - Special 30 pés	Axial				388.229	357.517	324.853	295.595	271.794	249.508	227.834	210.114
	Axial Flow - 2388 - Extreme 30 pés	Axial				423.227	389.746	354.138	322.242	296.296	272.001	248.373	
	Axial Flow - 2399 30 pés	Axial				435.710	401.242	364.583	331.747	305.035			
	Axial Flow - 2688 30 pés	Axial	680.000	545.609	443.958	403.311							
	Axial Flow - 2688 - Special 30 pés	Axial	608.000	483.642	393.536	357.506							
	Axial Flow - 2799 30pés	Axial	744.800	592.462	482.082	437.945							
JOHN DEERE	Axial Flow - 8120 35 pés	Axial	940.000	748.134	608.751								
	Modelo	Separação	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003
	1165	4-Saca-palhas			186.352	169.291	155.898	141.655	128.897	118.518	108.800	99.349	91.622
	1175 Arroz 19 pés	5-Saca-palhas	306.000	236.655	192.564	174.934	161.095	146.377	133.194	122.469	112.427	102.661	94.676
	1175 Básica 16 pés	5-Saca-palhas	271.000	209.172	170.202	154.619	142.387	129.378	117.726	108.247	99.371	90.739	83.682
	1175 Básica Cabinada 16 pés	5-Saca-palhas	299.000	231.311	188.216	170.984	157.457	143.072	130.186	119.703	109.888	100.343	92.538
	1175 Hidro 19 pés	5-Saca-palhas	310.000	239.708	195.049	177.191	163.174	148.266	134.912	124.049	113.878	103.985	95.898
	1175 Hydro Cabinada 19 pés	5-Saca-palhas	330.000	254.976	207.472	188.477	173.567	157.709	143.505	131.950	121.131	110.609	102.006
	1185 Hidro Cabinada 19 pés	6-Saca-palhas										115.907	106.893
	1185 Hidro Cabinada 23 pés	6-Saca-palhas										119.219	109.947
	1450 Arroz Cab Hydro Esteira 18 pés	5-Saca-palhas				208.792	192.275	174.708	158.973	146.173	134.187	122.531	
	1450 Hydro Cabinada 18 pés	5-Saca-palhas	374.000	288.566	234.804	213.306	196.432	178.485	162.410	149.333	137.088		
	1450 Tração Plataforma 20 pés	5-Saca-palhas	382.000	294.673	239.774	217.821	200.589	182.263	165.847	152.494	139.990		
	1550 Hydro Cabinada 20 pés	6-Saca-palhas	440.000	339.714	276.423	251.115	231.249	210.122	191.197	175.802	161.387		
	1550 Hydro Cabinada 22 pés	6-Saca-palhas	445.000	343.531	279.529	253.936	233.848	212.483	193.345	177.777	163.200		
	9650 CTS Arroz Importada 30 pés	Axial									188.587	172.205	158.812
	9650 STS 25 pés	Axial	620.000	536.578	436.610	396.636	365.259	331.887	301.996	277.680			
	9650 STS 30 pés	Axial	640.000	551.346	448.626	407.552	375.311	341.022	310.308	285.322			
	9660 CTS Arroz Importada 30 pés	Axial									192.214		
	9670 STS Arroz Importada 30 pés	Axial	545.000	419.871	341.646								
	9750 STS 30 pés	Axial	683.100	585.275	476.234	432.632	398.407	362.007	329.403	302.880			
MASSEY FERGUSON	Modelo	Separação	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003
	MF 5650 SR	5-Saca-palhas						122.338	111.320	102.357	93.964	85.801	79.128
	MF 5650 Advanced	5-Saca-palhas	285.000	219.767	178.823	162.451	149.600						
	MF 6855 Hydro	6-Saca-palhas										165.247	152.395
	MF 32 Advanced	5-Saca-palhas	361.000	214.004	174.968								
	MF 34	5-Saca-palhas						126.227	115.568	106.570	98.286	90.088	83.471
	MF 34 Advanced	5-Saca-palhas	437.000	301.505	245.333	222.871	205.240	186.489	169.693	156.029	143.235	130.793	120.621
	MF 38	6-Saca-palhas	494.000	340.832	277.333	251.941	232.010	210.813	191.826	176.381	161.918	147.853	136.354
	MF 9690 ATR	Axial	690.000	532.068	432.940								
	MF 9790 ATR2	Axial	720.000	555.201	451.764								



Modelo	Separação	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003
TC - 55 15 pés	4-Saca-palhas						114.087	103.812	95.453	87.626	80.014	73.791
TC - 57 17 pés	5-Saca-palhas						133.070	121.085	111.335	102.206	93.328	86.069
TC - 57 19 pés	5-Saca-palhas						158.587	144.304	132.685	121.805	111.224	102.574
TC - 5070 17 pés	5-Saca-palhas	323.000	249.070	202.666	184.111	169.546	154.056					
TC - 5070 20 pés	5-Saca-palhas	342.000	263.721	214.588	194.941	179.519	163.118					
TC - 59 19 pés	6-Saca-palhas							156.673	144.058	132.245	120.758	111.366
TC - 59 23 pés	6-Saca-palhas							164.919	151.640	139.206	127.113	117.227
TC - 5090 19 pés	6-Saca-palhas	399.500	308.407	250.948	227.973	209.938	190.757					
TC - 5090 20 pés	6-Saca-palhas	418.000	322.325	262.274	238.261	219.413	199.366					
TC - 5090 25 pés	6-Saca-palhas	427.500	329.651	268.235	243.676	224.399	203.897					
CS - 640 30 pés	6-Saca-palhas								170.595	156.607	143.002	
CS - 660 30 pés	6-Saca-palhas	475.000	366.279	298.039	270.751	249.333	226.553	206.148	189.549	174.007	158.892	
CR - 9060 30 pés	Duplo rotor	617.500	476.162	387.450								
CR - 9060 35 pés	Duplo rotor	680.000	524.357	426.666								

PULVERIZADOR AUTO PROPELIDO

Modelo	Capacidade	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003
CASE SPX 3185	3000									132.885	121.507	111.878
CASE PATRIOT 3500 STD - 27 MT	3500	447.000	392.163	334.790	300.484	275.953	250.976	228.563	209.758			
CASE PATRIOT 3500 FULL - 27 MT	3500	495.000	434.274	370.741	332.751	305.585	277.926	253.106	232.282			
CASE PATRIOT 3500 STD - 30 MT	3500	456.000	400.059	341.531	306.534							
CASE PATRIOT 3500 FULL - 30 MT	3500	522.000	457.962	390.963	350.901							
JACTO UNIPOINT 2000 Plus	2000	350.000	307.135	262.201	235.334	216.121	196.559	179.006				
JACTO UNIPOINT 2500 24 MT Star	2500	424.221	372.178	317.730	285.172	261.890	238.186	216.915				
JACTO UNIPOINT 3000 24 MT Plus	3000		426.378	364.000	326.701	300.029	272.873	248.505				
JACTO UNIPOINT 3000 24 MT Vortex	3000	684.000	540.079	461.067	413.821	380.037	345.639	314.772				
JACTO UNIPOINT 3000 28 MT Plus	3000		513.233	438.148	393.251	361.146	328.458	299.126				
JACTO UNIPOINT 3030 32 MT	3000	565.000	446.118									
JOHN DEERE 4630	2270	399.000	355.315	303.334								
JOHN DEERE 4730	3000	590.000	517.620	441.893	396.612	364.233	331.265					
JOHN DEERE 4720	3000							301.682	276.862	254.791	233.975	216.360
MF 9030	3000	520.000	456.207	389.465	349.557	321.019	291.963					
METALFOR MULTIPLE 4x2 2500AB	2500	385.000	303.992	259.519	232.926	213.910	194.548	177.175	162.598	149.636	137.411	127.066
METALFOR MULTIPLE 4x2 3000AB	3000	391.000	308.730	263.563	236.556	217.243	197.580	179.936	165.132	151.968	139.552	129.046
METALFOR MULTIPLE 4x4 H 2500AB	2500	405.000	319.784	273.000	245.026	225.022	204.655	186.378				
METALFOR MULTIPLE 4x4 H 3000AB	3000	465.000	367.159	313.445	281.326	258.358	234.974	213.990				
METALFOR FUTURA 2200 AB	2200	280.000	221.085	188.741	169.401							
MONTANA BOXER 2021M	2000	236.470	207.399	177.057	158.914	145.940						
MONTANA BOXER 2021H	2000	274.305	240.386	205.218	184.189	169.152						
MONTANA MA 2025M	2000									136.810	125.633	
MONTANA MA 2027H	3000	344.760	302.465	258.215	231.756	212.835	193.571	176.285	161.781	148.884	136.721	
MONTANA MA 2627M	2600	318.240	279.199	238.353	213.929	196.464	178.681	162.724	149.336	137.432	126.204	
MONTANA MA 3027H	3000	387.810	340.234	290.459	260.695	239.412	217.742	198.297	181.983	167.475	153.793	142.214
SP 3500	3500	477.000	418.482	357.259								
PLA M2500 S	2500	350.000	276.356	235.926	211.751	194.463	176.862	161.068	147.816			
PLA M3000 S	3000	380.000	300.044	256.148	229.901	211.132	192.022	174.874	160.486			
PLA H3000 I	3000	460.000	363.211	310.074	278.301	255.580	232.447	211.689	194.272			
PLA H3500 F	3500	490.000	386.899	330.297	296.451	272.249	247.607	225.495	206.942			
PLA H3000 I BD	3000	500.000	394.795	337.037	302.501	277.805	252.660	230.097	211.166			
GLADIADOR 2300 MECANICO 4 X 2	2300	396.837	298.289	254.650	228.556							
GLADIADOR 2300 HIDRO 4 X 4	2300	514.955	450.943	384.971	345.523	317.315						
GLADIADOR 2700 HIDRO 4 X 4	2700	547.775	479.895	409.688	367.707							
GLADIADOR 3000	3000	593.713	520.252	444.140	398.629	366.085						
IMPERADOR 3100	3100	619.962	543.062	463.613	416.107							
BS3020H 28 MT	3000	505.000	443.047	378.231	339.473							
BS3020H Cana 24 MT	3000	495.000	425.589	363.326	326.096							



GRUPO VIA MÁQUINAS
ESCRITÓRIO COMERCIAL
Av. Marechal Deodoro, 630 | conj. 508
Centro | Curitiba | PR | CEP 80010-912
Tel 41 3324-2877 | 41 3322-8554
Fax 41 3232-7351
www.usadaomaquinas.com.br
www.viaconsulti.com.br



Todos os meses dois leilões on-line oferecendo mais de 50 equipamentos seminovos entre Tratores, Colheitadeiras, Pulverizadores, Plantadeiras e muito mais!!!

Para informações sobre leilões, ofertas e condições de vendas acesse o site www.usadaomaquinas.com.br ou através do nosso SAC - Serviço de Atendimento ao Consumidor, telefones (41) 3324-2877 / (41) 3322-8554, comercial@usadaomaquinas.com.br.

Atenção! Recebemos equipamentos de Banco, Seguradoras e Concessionários, aguardamos o seu contato!

São José Industrial

vendas@saojoseindustrial.com.br

Fone.: (55) 3616-0221

Fax.: (55) 3535-1794

Cel.: (55) 9999-0358

TANQUES, CARRETÕES, GINCHO BIG BAG



ARADOS, ROÇADEIRAS, PLATAFORMAS E PLAINAS

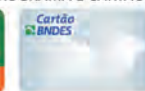


TRITURADORES, ENSILADEIRAS, DEBULHADORES, GUINCHOS, DISTRIBUIDORES E GRAMPOS



Distribuição e Logística própria
mais novidades em nosso site:
www.saojoseindustrial.com.br

COMPRE PELO PROGRAMA E CARTÃO



Sementes Seedco
Qualidade e produtividade

Alfafa
Azevém
Cornichão
Trevo Branco
Trevo Vermelho

www.seedco.com.br

Av. Jaime Vignoli, 33 • Anchieta • CEP 90200-110 • Porto Alegre / RS

+55 51 3062.8270 • comercial@seedco.com.br

seedco
brasil

Extraplast

Indústria e Comércio
de Plásticos Ltda

FILME TÉCNICO PARA SILAGEM

- Alta resistência mecânica.
 - Proteção contra raios UV para até 12 meses.
 - Ótima aderência.
- A qualidade do produto é o nosso compromisso.
Tel (54) 3329-6178
www.extraplast.ind.br - extraplast@extraplast.ind.br



Aumente sua produtividade com auxílio da meteorologia de precisão.

CLIMATEMPO
O céu fala. A gente entende.

Faça como centenas de agricultores.
Tenha em mãos produtos de altíssima qualidade como
previsão climática, previsão de tempo, boletim de safras
e muito mais...

A Climatepo Consultoria é a maior empresa de meteorologia do país, auxiliando
pequenos, médios e grandes agricultores na tomada de decisão futura.

☎ 11 3736.4509 | www.CLIMATEMPOCONSULTORIA.com.br



Quer comprar ou vender
uma propriedade no
campo ou na cidade?

Anuncie no **AGROGUIA**

Ligue : (51) 3233.1822 - agroguia@agranja.com www.agranja.com

MEDIZA

Soluções Inteligentes para
Agricultura de Precisão!



Medidor de
Umidade Grain Tester



Medidor de Umidade
Portátil Farmex



Secador de Amostras



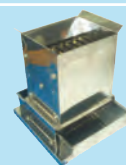
Caladores
Graneleiros



Esteira
Transportadora (Dalla)



Homogeneizador
de Grãos



Quarteador de Cereais



Selecionador
de Impurezas



Balanças Digitais



Máquinas
de Costura Para
Sacaria



Balança Mecânica de Precisão



Medidor
de Umidade
Automático MDA 1200



Calador
Pneumático



Aspirador de
Pó Industrial

MEDIZA

Mediza Equipamentos Agroindustriais Ltda - Rua 7 de Setembro, 641 - 98280-000 Panambi - RS
- Fone Com.: (55) 3375.3750 / 3375.4554 - www.mediza.com.br - mediza@mediza.com.br

Já é hora de por o pé no acelerador
Anuncie no **AGROGUIA** Fone : (51) 3233-1822

USE FUMACÊ A SOLUÇÃO DEFINITIVA CONTRA AS FORMIGAS CORTADEIRAS 100% NACIONAL



- Não teme umidade, pode ser aplicado em qualquer condição climática
- Provoca paralisação rápida das atividades
- Mata colônias de qualquer tamanho
- Atinge até os formigueiros mais profundos

email: sac@fumace.net | www.fumace.net | Fone: (11) 4125-6074

Formicida
FUMACÊ
Pasta Fumigante



Balança de plataforma portátil CM-1002

Ideal para pesagem de veículos agrícolas

A balança Celmi modelo 1002, é um sistema portátil de grande confiabilidade.

Projetada para ser utilizada na medição da produção e da produtividade no campo.

Capacidade: 12, 16, 20, 28 e 32 toneladas.



43. 3035.1667
Rua Planalto, 571 - Cambé - Pr
vendas@celmi.com.br
www.celmi.com.br

Anuncie no **AGROGUIA**

agroguia@agranja.com Fone: (51) 3233.1822

www.agranja.com

Contamos com uma ampla linha de peças e componentes agrícolas do plantio à colheita. a Metalúrgica São Bento atua também no segmento de terceirização e desenvolvimento de novos produtos, criando e desenvolvendo peças para várias montadoras de implementos agrícolas e outros setores da indústria metalúrgica

Kit de plantio direto para plantadeiras, engrenagens, polias, cubos, eixos para colheitadeiras.



PEÇAS AGRÍCOLAS

Metalúrgica São Bento - Fone: (54) 3330.9599
Rua Adolfo Zeppe Filho, 530 Carazinho - RS CEP: 99500-000
E-mail: saobento@saobento.ind.br

Visite o nosso site:
www.saobento.ind.br



CONFINAMENTO - GADO DE LEITE - GRANJA DE AVES E SUÍNOS





**Qualidade e Eficiência
Gerando Lucro Aos
Clientes**



www.ghfagronegocios.com.br

Vendas: (66) 3468-3482
Água Boa - MT

Atendemos todo o Brasil

Nutrição Animal

- CAROÇO DE ALGODÃO
- TORTA DE ALGODÃO
- FARELO DE SOJA
- MILHO
- SOJA GRÃO
- SORGO
- SAL BRANCO




TUDO EM SISAL

- fios agrícolas (baller twine)
- fios naturais
- fios tingidos
- cordas
- telas
- tapetes e carpetes









APAEB
VALENTE - BAHIA

Rodovia Luiz Eduardo Magalhães, Km 02
Bairro Petrolina - Valente - Bahia - Brasil
CEP 48890-000 - Fone: (75) 3263-2341 - Fax: (75) 3263-2342
CNPJ 63.104.020/0004-75 - INDÚSTRIA BRASILEIRA
Site: www.apaeb.com.br - E-mail: vendas@apaeb.com.br
Escritório São Paulo: (11) 3379-3815 - comercial@apaeb.com.br




**A primeira indústria
de tratores de Santa Catarina.
Orgulho para o Brasil.**

spin360



Só uma grande marca pode oferecer uma linha completa de produtos para o setor agrícola.

48 3432.0096
budny.com.br



BUDNY
TRATORES E IMPLEMENTOS

NOSSA HISTÓRIA TEM VOCÊ

RATEC

COMBATA DEFINITIVAMENTE RATOS E MORCEGOS COM O REPELENTE ELETRÔNICO

Tecnologia de ponta
Não afeta animais domésticos
Equipamento ecologicamente correto
Disponível em cinco modelos 300, 700, 1000, 1200 e 1500 m²

Ecotech Projetos Eletrônicos Ltda.
Av. Amazonas, 3084 Sala 04 - Belo Horizonte - MG
ecotech@ecotechprojetos.com.br
CEP: 30411.186 - Fone: (31) 3313.7191
www.ecotechprojetos.com.br

Distribuímos para todo Brasil

RAABE

RAABE CALCÁREOS LTDA.

PARA AUMENTO DE PRODUÇÃO CALCÁRIO É A SOLUÇÃO

VENDAS: (51) 32256670 / 32263474 / 96412340 / 99963129 / 37341113
Pantano Grande / RS

SERRARIAS PORTÁTEIS
Práticas, econômicas e eficientes

ECOSERRA flex
Acessórios para sua motosserra, que reduz o esforço físico e aumenta a precisão do corte. Agora com trilho em módulo de 1,5m para facilitar o transporte.

ECOSERRA FITA
Serra-fita, com espessura de corte bastante fina, economizando madeira. Ideal para madeira reflorestada de diâmetros menores.

A máquina para trabalhar com toras de grande diâmetro. A lâmina de serra circular com ponta e ideal para serras mecânicas duras.

LUCAS MILL
www.serrariaportatil.com.br

Lucas Mill Brasil Ltda
SH11N CA 01 Lote A Bloco A sala 321 - Cep 71503-501 - Brasília - DF
61 3468-4318 - vendas@serrariaportatil.com.br

FÁBRICA JS
JANDIR SCHNEIDER

Transformação de Máquinas para Silagem

KIT PARA SILAGEM
As Máquinas Produzem Silagem de Vários Tipos de Forrageiras, Tais Como: Milho, Sorgo, Girassol, Milheto, Aveia e Azevém.
Plataforma Para Corte de Milho:
- 4 Linhas (Para Milho Plantado De 65 A 90 Cm Entre Carreiras)
- 6 Linhas (Para Milho Planta De 45 A 50 Cm Entre Carreiras)
Para silagem de aveia, azevém, sorgo e milheto, usa-se a plataforma normal da máquina. O kit pode ser instalado em vários modelos de máquinas.

Fábrica J.S. Jandir Schneider - Área Industrial Km 37 Caixa Postal 17 - Fone: (54) 3387-1717
CEP 99450-000 - Selbach / RS - www.fabricajs.com.br - fabricajs@hotmail.com

METALÚRGICA SCARABELOT
Indústria e Manutenção de Implementos Agrícolas.

RODA GAIOLA

RODA ESPATULA AUXILIAR LATERAL

ROLO FACA

LÂMINA NIVELADORA REVERSÍVEL FRENTE E VERSO

GRADE DE LEVANTE HIDRÁULICO

LIMPADEIRA DE VALO

RODAS PARA SEMEAR

Rua Rui Barbosa, 2642 - Centro - 88930-000 - Turvo - Santa Catarina - Fone/Fax: 48 3525.0800 / 3525.3113
E-mail: msl@netvale.net - www.metalurgicascarabelot.com.br

IMÓVEIS

Vende-se área 52ha, total ou parcial, junto ao entroncamento de duas BRs e Distrito Industrial. Tratar com Paulo (54) 8122-7978. Carazinho/RS

SEMENTES

Agromaza - Sementes certificadas de arroz. Quando pensar em sementes, pense Agromaza. Garantia de pureza genética, germinação, vigor e produtividade. Fones: (41) 3525-9394 / 9985-1872 sementesagromaza@panelaco.com.br Turvo / SC.

Sementes Stocker. Sementes de feijão para todo o Brasil. Fone: (45) 3242-1068 astocker@brturbo.com.br Av. Espírito Santo, 14 Centro. Corbelia / PR CEP 85420-000

SERVIÇOS

Agrícola Urtigão Com. Repres. e Transportes Ltda. Trabalhando a terra desenvolvendo a Vida. Revenda – Fertilizantes, Calcário, Sementes (soja e milho) defensivos e assistência técnica. Fones.: (67) 3453.1528 / 3453.1040. Caarapó/ MS

Agrocelli – Agricultura com Precisão. Mapeamento e Aplicação em taxa variável. Fone (44) 3649-9009 www.agrocelli.com.br Palotina/PR

Agric.de precisão, perícia agríc., projetos de crédito rural, assist.técnica e consultoria, fertilizantes e sementes. Alvo Tercei. Agron. Fones: (55)3219.1350/9613.5863/9 937.9530 www.terceirizacaoagronomica.com.br Santa Maria / RS.

Fato Pesquisa. Pesquisas e Diagnósticos Rurais, Sociais, Ambientais e de Mercado. www.fatopesquisa.com.br . E-mail: bxsul@hotmail.com (51) 9675-2074 São Leopoldo/ RS

Projetos p/ crédito rural. Projetar, soluções para o campo. Projetos Agropecuários e Assistência técnica. Fones: (61) 3631.3733/9932.3487 projetarcreditorural@gmail.com Rua 15 nº 1008 B: Formosinha Formosa/GO.

OUTROS

Ensino Técnico gratuito. Cursos: Agroindústria, Adm., Agrimensura, Hospedagem, Agropecuária, Açúcar e

Alcool, vagas para alunos internos. Etec Augusto Tortolero Araújo – Centro Paula Souza www.etecparaguacu.com.br Fone. (18) 3361 1130 Paraguaçu Paulista/ SP.

Fios Biosisal p/ enfardamento feno e palhas. Fios sintéticos p/fardos redondos, retangulares e grandes fardos de palha de cana. Redes sintéticas p/ fardos redondos. Cotesi do Brasil Fones: (24) 2243 1665 / 8138 8854– ID 92*13142 www.cotesi.com.br Petrópolis / RJ.

Gaúcha Agrícola Ltda. Fones: (77) 3616-2457 Formosa do R. Preto/BA e (89) 3573-2974 – Corrente/PI gauchaagri-

cola@ig.com.br Rv. Arysta, Dimicron, Heringer, Matsuda/ com Assistência técnica.

Serra fita portátil para desdobro de toras de até Ø450 mm de fácil transporte. Ótima opção para sua propriedade rural. Metalúrgica Turbina Fone: (47)3332-2221 Gaspar/ SC.

Vinícola Irmãos Camponogara - Onde você encontra vinhos finos, como: Merlot, Cabernet, Tannat, Corte Merlot + Cabernet . Fones: (53) 3243-1025 / 9941-8411 contato@camponogara.com.br www.camponogara.com.br Dom Pedrito/RS



O BRASIL AGRÍCOLA
agranja

Clique e descubra um mundo de informações

www.agranja.com

Agroguia / Matérias Atualizadas / Revista A Granja / Cotações Previsão do Tempo / Produtos e Serviços / Agenda de eventos

Anuncie no AGROGUIA

(51) 3233.1822

agroguia@agranja.com

RATOS? MORCEGOS?

EX-RATTER

TECNOLOGIA ULTRA-SÔNICA
CONTRA RATOS E MORCEGOS

Equipamento de ultra-som com tecnologia japonesa:
sem similar no Brasil.

BRASTÉCNICA

Tel.: (35) 3292-1889
Fax.: (35) 3292-1320
Caixa Postal 101 - Cep 37130-000
Alfenas - MG
bte@brastecnica.com.br
www.brastecnica.com.br



Comboio de Lubrificação

Ganhe tempo e dinheiro com a praticidade dos comboios de lubrificação da SODERTECNO, projeto personalizado de fácil manutenção tudo para a sua satisfação.



Carreta Multipla Hidráulica

Transporta plantadeira e plataforma de todos os modelos, Robustez, Agilidade e Confiança.

Guincho Big - Bag

Eficiente, Versátil e Resistente
Guincho com capacidade de levantar de até 1.500 Kg, estrutura garantida feita com os melhores produtos. Testado e Aprovado!

Carreta para Transporte de Plataforma

Modelo Tandem ideal para suavizar os impactos durante a trajetória e mais ágil em manobras de difícil acesso, feita para facilitar o bom transporte de sua plataforma.

Distribuidor de Esterco Líquido Sodertecno

Garantia, Durabilidade e Versatilidade acoplado em chassis de caminhão ou reboque para trator. Rapidez sem perder a Eficiência.



VENHA NOS VISITAR NA
EXPOINTER (25/08
À 02/09/2012)

Sodertecno Indústria e Comércio de Máquinas e Implementos Agrícolas Ltda. Fone / fax : (54) 3331-5633 - sodertecno@sodertecno.com.br - www.sodertecno.com.br



- Alta produção de forragem;
- Aumento na produção de leite;
- Pastagem de alta proteína;
- Pastagem de alta digestibilidade.

SUPER MASSA ADR-500



- Super Massa é mais ganho de peso em menos tempo;
- Pastagem de alta proteína;
- Pastagem de alta digestibilidade.

Distribuidor:



Fone: (51) 3481.4681 / 9807.2698

Est. do Conde, 120. Eldorado do Sul / RS
palmeirapastos@palmeirapastos.com.br



Representante Regional - RS: Engº Agrº Carlos Hermanns
(55) 3512.2738 / 8118.9260

Mais saúde para a soja,
mais resultado para você.

LOCKER



- Fungicida com fórmula exclusiva FMC e 3 modos de ação
- Eficiente contra a ferrugem asiática, mancha alva, oídio, antracnose e doenças de final de ciclo
- Balanço ideal de ingredientes ativos

SOMENTE LOCKER TRATA
A SOJA POR INTEIRO.

EFICIENTE NO TRATAMENTO E NA PREVENÇÃO DAS PRINCIPAIS DOENÇAS DA SOJA



ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e recorta. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Use exclusivamente agrícola.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.

Baixe um leitor de QR Code em seu celular e aproxime o telefone do código ao lado. Acesse o QR Code para baixar papéis de parede no seu celular e ter mais informações sobre o produto.



FMC

Fazendo Mais pelo Campo

Um modelo que já soma

mais de 25 mil tratores vendidos. E ainda adiciona
tecnologia e economia ao seu trabalho.

AGCO
Your Agriculture Company

MASSEY FERGUSON é uma marca mundial da AGCO.

UM **MUNDO** DE EXPERIÊNCIAS

DEZ



Estados Unidos



Brasil



MASSEY FERGUSON

TRABALHANDO COM VOCÊ.

SÉRIE MF4200

FÁCIL MANUTENÇÃO
MELHOR VALOR DE REVENDA

8 MODELOS DE 65 A 130 CV
BAIXO CUSTO DE MANUTENÇÃO
FACILIDADE DE OPERAÇÃO



www.massey.com.br



[masseybrasil](https://www.youtube.com/masseybrasil)



[masseyfergusonbrasil](https://www.facebook.com/masseyfergusonbrasil)



[@MF_Brasil](https://twitter.com/MF_Brasil)

